

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE DOUTORADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FILOSOFIA, SAÚDE E
SOCIEDADE**

SILVANA SILVEIRA KEMPFER

**A TEMPORALIDADE DO SER-ACADÊMICO-DE-
ENFERMAGEM NA EXPERIÊNCIA DE CUIDADO: UMA
INTERPRETAÇÃO EM HEIDEGGER**

**FLORIANÓPOLIS
2012**

SILVANA SILVEIRA KEMPFER

**A TEMPORALIDADE DO SER-ACADÊMICO-DE-
ENFERMAGEM NA EXPERIÊNCIA DE CUIDADO:
UMA INTERPRETAÇÃO EM HEIDEGGER**

Tese apresentada a banca de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do grau de Doutor em Enfermagem. Área de Concentração: Filosofia, Saúde e Sociedade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Telma Elisa Carraro
Linha de Pesquisa: O cuidado e o processo de viver, ser saudável e adoecer.

**FLORIANÓPOLIS
2012**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Kempfer, Silvana Silveira

A temporalidade do Ser-acadêmico-de-enfermagem na
experiência de cuidado: Uma interpretação em Heidegger.
[tese] / Silvana Silveira Kempfer ; orientadora, Dra.
Telma Elisa Carraro - Florianópolis, SC, 2012.

173 p. ; 21cm

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-
Graduação em Enfermagem.

Inclui referências

1. Enfermagem. 2. estudantes de enfermagem. 3. cuidados
de enfermagem. 4. relações familiares. 5. cultura. I.
Carraro, Dra. Telma Elisa . II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem.
III. Título.

assinaturas

DEDICATÓRIA

À memória de Martin Heidegger, que por meio de sua obra permitiu o encontro com o ser, suscitando aquela vontade de descobrir, tirar o véu.

À todos os seres, que ao lançarem-se no mundo experimentam novas possibilidades com coragem e perseverança.

AGRADECIMENTOS

Neste momento especial em que agradecer soa como uma oração, pensar em todas as pessoas e circunstâncias que possibilitaram o término do trabalho, emana uma sensação de bem estar e cuidado, que permite mencionar seres especiais que me acompanharam durante a execução deste estudo.

Gostaria primeiramente de agradecer a Deus, essa fonte de energia e sabedoria, que coloca tudo sempre em seu plano e provê no momento certo.

Aos meus pais, Ilário Serafin Kempfer e Eloir Silveira Kempfer que me aceitaram em suas vidas para um crescimento mútuo, e, nos momentos de dificuldade sempre viram aprendizado, me mostrando no caminho do viver, o solo onde plantei minhas sementes.

Meu pai, que partiu cedo deste plano, me ensinou o que significa tempo, aquele tempo que queremos eternizar, e, sua fluidez irreparável em nossa vida. Obrigada por estar sempre por perto.

À minha família de coração, Leonardo, Renata, Eduardo e Keiko. Seres especiais que me acompanham neste conviver e caminhar e, que a cada dia me ensinam com seu sorriso, com seu jeito de ser, com seu carinho. Penso que viver é isto, ter sempre uma referência no horizonte para nos guiar, um lar para retornar, e pessoas especiais a quem amar.

Aos meus irmãos Evandro, Marcelo e Vinícius, três presentes que meu pai me deu antes de partir, e, juntamente com minha mãe, me tornaram uma pessoa responsável e reta.

À minha sogra Marlene Bastos, pelo apoio e incentivo nestas minhas jornadas pessoais e profissionais, estendendo a meus cunhados, cunhadas e sobrinhos, que me acompanham há vinte e cinco anos.

Aos amigos que o tempo me permitiu encontrar, e que fazem parte do ser que sou: Daniele Lazzari, Angela Gamst, Claumary Nissola, Luciana Fabiane Sebold, Claudia Azambuja, que dividem comigo o espaço atual, e aos que a distância física nos separa momentaneamente: Marília de Fátima Vieira de Oliveira, Fábio e Fabi Vasconcelos, Fabiano e Carla Santos, Claudio, Angela Pereira, Matheus e Bruno, João, Mirele, Tâmile e Vitória Bravesa, obrigada por me acompanharem nesta e em outras trajetórias.

Agradeço carinhosamente à uma amiga que me proporcionou conforto, apoio, e conhecimento em momentos difíceis profissionais e pessoais, a qual considero um ser autêntico, fiel a seus princípios, mesmo em um tempo em que ser fiel a qualquer coisa é arriscar-se, que tive o privilégio de encontrar um dia: Terezinha Cancian Gomes.

À uma amiga que ganhei na enfermagem, e hoje faz parte de minha vida pessoal, a qual vou guardar em meu coração para sempre, Dani Lazzari.

Aos amigos que encontrei no Canadá, pelo acolhimento e segurança, sensações que só experienciam aqueles que se lançam no desconhecido, me fazendo entender que fronteiras não são delimitadas por linhas geográficas: Dayna Kliack, Carmem Silvia Gabriel, Roberta Rotta, Ronildo Alves Santos, Silvia Aparecida Teixeira e Rafael Teixeira Santos, Fabiana Mamede e Yuri Lima , Ana Santos, Verônica Teresa Guerra Guerrero, os quais, vivendo em diferentes locais distantes uns dos outros, se aproximaram no solo de Edmonton, Canada.

À minha orientadora no Brasil Dra. Telma Elisa Carraro, pela confiança, por me apresentar o caminho do doutorado, pela convivência nestes tempos de aprendizagem.

À minha supervisora do Estágio Sanduíche da Universidade de Alberta/Canada, Dra. Brenda Cameron, por me receber de forma carinhosa, pelo encorajamento nesta temática filosófica, pela disponibilidade e atenção.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina pela oportunidade de cursar o Doutorado e aprofundar meus conhecimentos, mas sobretudo, pelo tempo de convivência nos diferentes campos de aprendizagem; o ensino, a pesquisa e a extensão. Pelo encorajamento para realizar o “sandwich” no Canadá e complementar meus estudos.

Meu especial agradecimento a University of Alberta, Edmonton/Canada, representada aqui pela Dra. Judy Mill, por me proporcionar em Edmonton um ambiente de aprendizado pessoal e profissional, abrindo todas as portas para que minha experiência fosse única e inesquecível.

As “poderosas”, seres importantes neste processo de doutoramento, pelos momentos de reflexão, discussões filosóficas, discussões não-filosóficas, cafés com cuidado e demais momentos de

intimidade que nos caracterizam como ser-com: Luciara Fabiane Sebold, Marília de Fátima Vieira de Oliveira, Ariane Thayse Frello, Daisy Yung, Terezinha Zeferino, Marieli Bernardi, e nossa mentora Dra. Telma Elisa Carraro, obrigada pelas tardes e noites de cuidado.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa Cuidando e Confortando, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, representado aqui pela Prof. Dra. Vera Radünz e Prof. Dra. Telma Elisa Carraro. Neste grupo tive momentos de cuidado, carinho, conforto e aprendizado.

Um carinho especial à minha amiga Fabi, um ser que veio para ficar em minha vida.

Aos docentes do Curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da UFSC, que me apoiaram em minha trajetória acadêmica com paciência, dedicação e atenção em todos os momentos.

Ao corpo técnico-administrativo do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC, em especial à Claudia Crespi Garcia e Dona Odete, que sempre me receberam com um sorriso e uma palavra amiga, não importando a hora do dia, e carinhosamente me estimulando.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio científico e financeiro, e por acreditar na pesquisa em enfermagem no Brasil.

Aos acadêmicos de enfermagem que gentilmente participaram deste estudo e permitiram sua execução, obrigada pelo diálogo autêntico e pela presença em minha tese.

Enfim, a todos os seres que de forma direta ou indireta me apoiaram, mostraram o caminho, redefiniram minha rota, modificaram meus pensamentos e minhas ingênuas certezas sobre as coisas do mundo, e, que, a partir daqui, me proveram um novo caminho, não como final e recomeço, mas como uma nova possibilidade de ser-no-mundo, obrigada.

Esa batalla

¿Cómo compaginar
la aniquiladora
idea de la muerte
con ese incontenible
afán de vida?

¿cómo acoplar el horror
ante la nada que vendrá
con la invasora alegría
del amor provisional
y verdadero?

¿cómo desactivar la lápida con el sembradío?

¿la guadaña
con el clavel?

¿será que el hombre es eso?
¿esa batalla?

Mario Benedetti

KEMPFER, Silvana Silveira. **A temporalidade do Ser-acadêmico-de-enfermagem na experiência de cuidado: Uma interpretação em Heidegger**. 2012. 173f. Tese (Doutorado em Enfermagem). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

Orientadora: Dra. Telma Elisa Carraro

Linha de Pesquisa: O cuidado e o processo de viver, ser saudável e adoecer.

RESUMO

Pesquisa fenomenológica de caráter qualitativo, fundamentada no referencial teórico- filosófico de Martin Heidegger, teve como objetivo desvelar a temporalidade do ser-acadêmico-de-enfermagem em sua experiência de cuidado. Os sujeitos do estudo foram dez acadêmicos que cursavam a terceira fase do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. Os dados foram coletados nos meses de março a maio de 2011, por meio da entrevista fenomenológica, a qual foi audiogravada e transcrita posteriormente. No referencial metodológico, foram utilizados os pressupostos da hermenêutica heideggeriana sob três enfoques: a pré-compreensão, considerada como a aproximação teórica do fenômeno do ser-acadêmico-de-enfermagem, o cuidado e a aproximação com os conceitos envolvidos na temática. A compreensão envolveu a descrição historiográfica dos eventos relatados pelo ser-acadêmico-de-enfermagem por meio da estratégia do "Movimento da Temporalidade". Por fim, temos a interpretação do fenômeno, por meio da historicidade do ser-acadêmico-de-enfermagem, registrada em forma de quatro manuscritos: 1) Vivências de cuidado do ser-acadêmico-de-enfermagem: história, cultura e tradição em Heidegger e Gadamer; 2) Historicidade e historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem na construção do cuidado em Heidegger; 3) Temporalidade: o existir e a perspectiva da finitude para o ser-acadêmico-de-enfermagem ao experienciar a morte; 4) A escolha profissional de ser enfermeiro como possibilidade de cuidado autêntico. O ser-acadêmico-de-enfermagem é um ser vinculado com o cuidado, percebe a si mesmo e ao outro como possibilidade para desenvolver suas potencialidades como ser-no-mundo. Ser autêntico, vinculado à cultura e à tradição familiar, preocupa-se, quer tornar-se um profissional de enfermagem comprometido com tudo o que a envolve. Pensa o cuidado

como possibilidade de estar junto com o outro, ajudando carinhosamente, amorosamente, em todos os espaços em que essas situações se apresentem. É um ser temporal, reconhece a sua finitude e a do outro. Como um ser-para-a-morte, experiência a dor e o sofrimento da perda em sua vida. Conclui-se que o ser-acadêmico-de-enfermagem é um ser rico em possibilidades para o cuidado. Mostra-se por vezes ser inautêntico e vive a cotidianidade, mas, por outro lado, às vezes, desvela-se como um ser autêntico, vinculado às coisas de seu tempo.

Palavras-chave: Estudantes de enfermagem; Cuidados de enfermagem; Relações familiares; Cultura; Filosofia em Enfermagem.

KEMPFER, Silvana Silveira. **The temporality of Being-academic-of-nursing in the care experience: An interpretation in Heidegger.** 2012. 173f. Thesis (Doctorate in Nursing). Nursing Post-graduation Programme. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

Supervisor: Dra. Telma Elisa Carraro

Line of Research: Care and the process of living, being healthy and getting ill.

ABSTRACT

This is a phenomenological qualitative research, based upon theoretical-philosophical referential of Martin Heidegger, with the aim of unveil the temporality of being-of-academic-nursing in care experience. Ten students of the third semester of the Nursing Course at Universidade Federal de Santa Catarina were the subjects of this study. Data were collected from March to May 2011, by means of phenomenological interviews, which were audiotaped and later transcribed. For the methodological referential, Heideggerian hermeneutical assumptions were undertaken under three approaches: pre-understanding, considered as the theoretical approximation of the phenomenon of being-a-nursing-student, care and approximation with concepts involved in the thematic. Understanding involved historiographical description of events reported by the being-a-nursing-student where Movement of Temporality strategy was adopted. Lastly, there was the interpretation of the phenomenon, through historicity of being-a-nursing-student, registered as four manuscripts: 1) Experiences of care of be student-in-nursing; history, culture and tradition of Heidegger and Gadamer; 2) Historicity and historiography of be-nursing-student built care in Heidegger; 3) Temporality: existence and the perspective of finitude to be-student-nursing by experiencing death; 4) Expectations with the professional choice: nursing as a possibility of authentic care. Being-a-nursing-student is a human being bound to care, understands oneself and the other as a possibility to develop one's own potentialities as a being-in-the-world. Being authentic, bound to culture and family traditions, he/she is concerned and wishes to become a nursing professional committed with all that it takes. Thinks about care as being together with the other, tenderly and lovingly caring, wherever these situations occur. A temporal being, recognizes one's finitude as well as the finitude of others. As a being-prone-to-die, pain and suffering due to loss in life

are experienced. The conclusion is that being-a-nursing-student is a human being rich in caring possibilities. Sometimes he/she is seen as unauthentic and living common everyday life, but, on the other hand, sometimes reveals oneself as an authentic being, bound to contemporary things.

Key words: Nursing students; Nursing care; Family relationships; Culture; Philosophy, Nursing.

KEMPFER, Silvana Silveira. **La temporalidad de lo ser-estudiante-de-enfermería en la experiencia de atención: Una interpretación de Heidegger**. 2012. 173f. Tesis (Doctorado en Enfermería). Programa de Posgrado en Enfermería. Universidad Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

Supervisor: Dra. Telma Elisa Carraro

Línea de Investigación: El cuidado y el proceso de la vida, estar sana y enfermar.

RESUMEN

Se trata de una investigación cualitativa fenomenológica, basada en referencial teórico-filosófico de Martin Heidegger, con el objetivo de mostrar la temporalidad de la experiencia de ser-de-académico-de-enfermería en atención. Diez estudiantes del tercer semestre de los Grados en Enfermería de la Universidad Federal de Santa Catarina fueron objeto de este estudio. Los datos fueron recogidos entre marzo y mayo de 2011, por medio de entrevistas fenomenológicas, que fueron audio-grabadas y transcritas posteriormente. Los referenciales metodológicos hermenéuticos heideggerianos se llevaron a cabo en tres planteamientos: pre-comprensión, considerada como la aproximación teórica del fenómeno de ser-estudiante-del-enfermería, atención y aproximación a los conceptos involucrados en la temática. Entender descripción historiográfica de los sucesos notificados por el ser-un-estudiante-del-enfermería donde la estrategia Movimiento de la Temporalidad fue adoptada. Por último, la interpretación del fenómeno, a través de la historicidad del ser-estudiante-del-enfermería, registrado cuatro manuscritos: 1) Las experiencias de cuidado del ser-estudiante-de-enfermería: historia, cultura y tradición de Heidegger y Gadamer; 2) La historicidad y la historiografía del académico-de-enfermería en la construcción de los cuidados de enfermería en Heidegger; 3) Temporalidad: la existencia y la perspectiva de la finitud de ser-estudiante-de-enfermería y la experiencia de muerte; 4) La elección de la carrera profesional de ser enfermero como posibilidad de cuidado auténtico. Ser-estudiante-del-enfermería es un ser humano ligado a la atención, entiende a sí mismo y el otro como una posibilidad de desarrollar las propias potencialidades como ser-en-el-mundo. Ser auténtico, ligado a la cultura y tradiciones de la familia, él / ella está preocupada y quiere convertirse en un profesional de enfermería

comprometida con todo lo que se necesita. Piensa acerca de la atención por ser, junto con el otro con ternura, con amor y cuidado, donde se producen estas situaciones. Un ser temporal, reconoce la propia finitud así como la finitud de otros. Como ser propenso a morir, el dolor y el sufrimiento debido a la pérdida de la vida son experimentados. La conclusión es que el ser-estudiante-del-enfermería es un ser humano rico en posibilidades asistenciales. A veces, él / ella se ve como no auténtica y viva la vida cotidiana común, pero, por otro lado, a veces uno mismo revela como un auténtico ser, atado a las cosas contemporáneas.

Palabras clave: Estudiantes de enfermería; Atención de enfermería; Las relaciones familiares; Cultura; Filosofía en Enfermería.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Artigos captados nas bases: SciELO, MEDLINE, LILACS e CINAHL.2010.	41
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Círculo Hermenêutico deste estudo.....	75
Figura 2 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 1	79
Figura 3 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 2.....	79
Figura 4 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 3	79
Figura 5 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 4.....	80
Figura 6 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 5.....	80
Figura 7 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 6.....	80
Figura 8 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 7.....	81
Figura 9 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 8.....	81
Figura 10 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 9.....	81
Figura 11 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 10	82

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	21
LISTA DE FIGURAS	23
INTRODUÇÃO	27
2 O FENÔMENO DE SER-ACADÊMICO-DE-ENFERMAGEM	35
2.1 SER-ACADÊMICO-DE-ENFERMAGEM E A EXPERIÊNCIA DO CUIDADO: REVISÃO INTEGRATIVA.....	39
2.1.1 O Processo de ensino-aprendizagem do cuidado na enfermagem.....	42
2.1.2 A experiência do ser-acadêmico-de-enfermagem na aprendizagem do cuidado	43
3 REFERENCIAL TEÓRICO-FILOSÓFICO	45
3.1 A FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA E SUAS RAÍZES HISTÓRICAS.....	45
3.2 ASPECTOS DA EXISTÊNCIA E EXISTENCIALIDADE.....	49
3.3 A TEMPORALIDADE COMO PRERROGATIVA DO SER-NO-MUNDO	52
3.3.1 Historiografia e historicidade em Heidegger.....	57
3.4 MODOS DE CUIDADO NA PERSPECTIVA DE HEIDEGGER	59
4 O MODO DE FAZER HERMENÊUTICO - TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	65
4.1 COMPREENDENDO A HERMENÊUTICA EM HEIDEGGER ...	66
4.2 PRECEITOS ÉTICOS.....	69
4.3 CARACTERIZAÇÃO DO CENÁRIO DO ESTUDO.....	69
4.4 CARACTERIZAÇÃO DO SER-ACADÊMICO-DE-ENFERMAGEM	71
4.5 APROXIMAÇÃO FENOMENOLÓGICA DAS INFORMAÇÕES.....	72
4.6 OS MODOS DE INTERPRETAÇÃO DOS DEPOIMENTOS.....	74
5 INTERPRETAÇÃO DOS SENTIDOS DO SER-ACADÊMICO-DE-ENFERMAGEM E O CUIDADO	77
5.1 A COMPREENSÃO HISTORIOGRÁFICA	78
5.2 A HISTORICIDADE COMO INTERPRETAÇÃO DO SER-ACADÊMICO-DE-ENFERMAGEM E O CUIDADO	82

5.3 MANUSCRITO 1 - VIVÊNCIA DE CUIDADO DO SER-ACADÊMICO-DE-ENFERMAGEM: HISTÓRIA, CULTURA E TRADIÇÃO EM HEIDEGGER E GADAMER	83
5.4 MANUSCRITO 2 - HISTORICIDADE E HISTORIOGRAFIA DO SER-ACADÊMICO-DE ENFERMAGEM NA CONSTRUÇÃO DO CUIDADO EM HEIDEGGER	104
5.5 MANUSCRITO 3 - TEMPORALIDADE: O EXISTIR E A PERSPECTIVA DA FINITUDE PARA O SER-ACADÊMICO-DE-ENFERMAGEM AO EXPERIENCIAR A MORTE.....	122
5.6 MANUSCRITO 4 - A ESCOLHA PROFISSIONAL DE SER ENFERMEIRO COMO POSSIBILIDADE DE CUIDADO AUTÊNTICO	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS	161
APÊNDICES.....	167
ANEXOS	171

INTRODUÇÃO

O processo de viver humano e a sua condição no mundo vêm despertando interesse teórico-filosófico há centenas de anos. Na busca de compreender o sentido da vida e as dimensões do homem, filósofos, teóricos e religiosos criam versões acerca do que significa estar-no-mundo e como o homem deve comportar-se diante da complexidade das relações que são estabelecidas no cotidiano.

A fenomenologia tem direcionado seu olhar nesse sentido, na tentativa de descrever os eventos a partir das próprias pessoas e o que se apresenta. Considerando tal dimensão do viver vinculada à condição humana de temporalidade, o homem reconhece sua perspectiva finita, e cada fase ou evento revela-se por momentos únicos e singulares. Nesse sentido, a fenomenologia heideggeriana configura-se em “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo. Este é o sentido formal da pesquisa que traz o nome de fenomenologia” (HEIDEGGER, 2008, p. 74).

Nessa perspectiva, para Heidegger (2008), fenômeno é o que constitui o ser, que está sempre vinculado a um ente. Este ser que está dado, que vive e é constituído por dimensões físicas, psicológicas, espirituais, sociais, e que cumpre um papel no mundo, vive e experiencia coisas, e não pode ignorar o que está posto, o que está simplesmente dado no mundo. Heidegger (2008) considera que a “existência” é uma propriedade do ser com o qual a presença se relaciona dessa ou daquela maneira, mas que sempre está relacionado de alguma forma, e a “presença” é designada como a expressão pura de ser.

A existência está diretamente relacionada ao existir, ou seja, ao fenômeno de estar-no-mundo, e a temporalidade, neste caso, é revelada como o sentido desse ente enquanto ser-no-mundo, o que chamamos de presença. O Ser-aí, em movimento, desenvolve-se na dimensão tempo, de onde toda presença parte para compreender e interpretar a existência, sendo que essa dimensão, tempo em movimento, é considerada temporalidade (HEIDEGGER, 2008).

Por isso, o tempo passa a ser compreendido como o início de toda a existência, é por termos noção de nossa finitude, de nossa morte física, que organizamos nossa vida desde o momento que nos reconhecemos enquanto seres-no-mundo. Consideramos a dimensão tempo como contexto de vivência, onde os eventos acontecem incessantemente e em alguns momentos, ou, por um motivo, algo nos chama a atenção e este fenômeno assume um significado. Quando esse fenômeno com

significado emerge em nossa reflexão, é concebido como experiência; que é o fenômeno refletido, ou seja, inquietações e questionamentos acerca de algo que ocorreu (HEIDEGGER, 2008).

Atualmente, o tempo vem tomando outras dimensões na vida cotidiana das pessoas. O que outrora parecia demorar, hoje passa rápido, na mesma proporção em que a tecnologia nos remete à perspectiva de milésimos de segundo. Do momento em que acordamos até aquele em que dormimos, estamos inseridos na dimensão de temporalidade, nossas vivências cotidianas são estruturadas em função de um tempo *cronos*, que é determinado pela medida tecnológica (HEIDEGGER, 2008).

Nesse sentido, a apreensão de significados também é refletida por essa dimensão, porém, outro elemento aparece para compor nossa existência temporal: o espaço. Tempo e espaço ocupam juntos a temporalidade. O espaço acompanha o que consideramos significado, por isso, o tempo somente não nos remete a significações ou apreensões existenciais, mas o espaço, sim. Pensemos então naquele dia especial, no qual cronologicamente poderíamos denominar numericamente a hora, mas, sem evidenciarmos o local e o que ocorreu naquele dia, nada tem sentido. Esse é o tempo da vida, e estar-no-mundo é condição de compreender o tempo e o espaço que ocupamos.

O tempo na fenomenologia é considerado como algo que caracteriza a presença, é algo instigante na medida em que não volta atrás; ou quando proporciona a condição de situar as pessoas no espaço, tornando cada experiência única. Para Heidegger (2008), a temporalidade é revelada enquanto sentido desse ente denominado presença. Por isso, o tempo revela-se como a constatação da presença, é de onde ela parte e interpreta o ser-no-mundo.

É inegável a dimensão do tempo na vida das pessoas, pois ele condiciona a existência humana. A tentativa de explicar a condição do ser no mundo é uma antiga pretensão filosófica, que antecede o uso de tecnologias para mensuração do tempo, tendo em vista que a própria determinação do dia e noite, das mudanças percebidas pelas pessoas, já mantinham a ideia de tempo e por ele se orientavam.

A vida constitui-se de experiências interessantes e surpreendentes. No âmbito pessoal, o homem vivencia as relações familiares, conjugais e paternas. Relaciona-se socialmente, onde estabelece vínculos afetivos, laborais e de amizade, que possibilitam momentos de alegria e prazer. Com relação à experiência, pode-se ressaltar que as decisões relacionam-se com aquilo que o ser humano pensa ser correto, tendo em vista a perspectiva do acerto e da contínua busca.

Na dimensão das virtudes, o homem procura princípios de justiça, liberdade, amor, compaixão, convivência, dentre outros que fazem parte deste viver humano denominado “mundanidade” por Heidegger. Para ele, isso significa estrutura de um momento constitutivo de ser-no-mundo, que conhecemos como legitimação existencial da presença, sendo esta mesma um existencial (HEIDEGGER, 2008).

O movimento de existir no mundo também é remetido ao cuidado, mencionado por Heidegger (2008) como preocupação, e que é entendido por Oliveira (2009, p.18) como uma “perspectiva imanente diante da vida humana e diante do fazer da enfermagem, embora se constitua por meio de diferentes modos de ser e ocupe espaços de interesses múltiplos” (OLIVEIRA, 2009, p. 18).

A enfermagem, como profissão estritamente humana, busca em sua ocupação aproximar-se do ser que cuida, ou seja, se relaciona em seu cotidiano, na medida em que realiza suas funções. Aproxima-se assim da fenomenologia, considerada por Heidegger (2008), em seu conteúdo ontológico, como a ciência do ser dos entes ou ontologia.

A enfermagem traz em sua história profissional a preocupação com o sujeito, na perspectiva do cuidado. Cuidar na enfermagem é mais do que realizar procedimentos, tem uma dimensão de convivência. Para isso, é preciso compreender o processo de saúde, bem como de adoecimento de cada um, para que seja possível dentro de uma singularidade sistematizar ações.

As ações centram-se na compreensão da vida humana e suas prerrogativas ônticas, entendendo como ôntico “ao que se refere à estrutura e à essência própria de um ente, aquilo que ele é em si mesmo, sua identidade, sua diferença em face de outros entes, suas relações com os outros entes”; e ontológicas, compreendidas neste momento como o estudo filosófico dos entes (CHAUI, 2002, p. 238).

Atualmente, os sistemas de saúde pública e privada, vem passando por redimensionamentos no sentido de lançar um olhar para o fazer dos profissionais, com ações voltadas à humanização, bem como à ressignificação do ser-enfermagem. Compreender o processo de formação dos profissionais enfermeiros e seu vínculo com o cuidado pode proporcionar um olhar centrado no ser e não somente no fazer, neste ser que cuida, que interage, que dialoga e que busca melhorar a cada dia sua prática profissional, com o objetivo de se aproximar do ser cuidado e poder dar-lhe apoio.

Nesse sentido, compreender como o acadêmico-de-enfermagem experiencia o cuidado no seu processo de formação profissional pode auxiliar no entendimento de como o cuidado se manifesta em seu

cotidiano, e como compreende este cuidado vivenciado.

O contexto atual de formação de enfermeiros vincula-se à realidade profissional, e suas práticas de ensinar-aprender o cuidado devem acompanhar as mudanças no perfil de cada realidade. Lançar um olhar para a formação de enfermeiros e sua aproximação com o cuidar na perspectiva do próprio sujeito em aprendizagem constitui-se como uma possibilidade de desvelar como ocorre o processo de aprendizagem e sua temporalidade.

Nesse panorama, as metodologias problematizadoras utilizadas como vertente didático-pedagógica na disciplina de Fundamentos para o Cuidado Profissional de Enfermagem, enquanto proposta de oferecer ao aluno e professor autonomia no processo de ensino-aprendizagem, têm a intenção de possibilitar uma formação de seres comprometidos com sua prática profissional e com aqueles que cuida. A disciplina de Fundamentos para o Cuidado Profissional de Enfermagem é disponibilizada ao acadêmico na terceira fase do Curso de Graduação em Enfermagem na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e sua proposta didático-pedagógica utiliza as metodologias ativas como estratégia de ensino.

O acadêmico tem contato com o cuidado de enfermagem vinculado à prática profissional, ou seja, às ações e procedimentos elementares para sua atuação como futuro enfermeiro. Fazem parte dessa fase o ambiente da sala de aula, do laboratório de práticas de enfermagem e o hospital universitário. Nesses cenários de aprendizagem, o acadêmico experiencia, em um processo de ir e vir, momentos individuais e coletivos e entra em contato com diferentes situações de cuidado.

A opção em lançar um olhar mais atento orientado pela Fenomenologia no processo de formação dos acadêmicos nessa fase partiu de minha vivência pessoal como professora facilitadora nessa disciplina por dois anos e pela experiência como estagiária docente por mais um ano. Quando participava das aulas, uma inquietação pessoal começou a emergir. No processo de ensino-aprendizagem do cuidado de enfermagem, percebi que haviam outras nuances a serem exploradas, aspectos subjetivos dos acadêmicos que formalmente não são observados, mas que compreendo serem relevantes para que a aprendizagem do cuidado ocorra de maneira autêntica.

As inquietações pessoais que suscitaram esse olhar intencional para o ser-acadêmico-de-enfermagem partiram de uma vivência docente anterior, vinculada ao fazer cotidiano, ao processo de ensinar-aprender centrado no conteúdo ou no método, e que, em muitos momentos,

demonstrava fragilidade em sustentar esta relação tão íntima, profunda e essencial, que é a relação do professor e do ser-acadêmico-de-enfermagem.

Minha vivência pessoal na educação em enfermagem foi tomando dimensões filosóficas que originaram mais do que questionamentos, mas necessidades de interagir de forma diferente com o ser-acadêmico-de-enfermagem e comigo mesma. Esse momento, de reconhecimento com o ser-acadêmico-de-enfermagem, é exatamente sobre quem é esse ser com o qual convivo, mas do qual penso nunca ter me aproximado de fato.

Martins e Bicudo (2006) afirmam que toda interrogação fenomenológica se inicia com esse olhar meditativo, voltado para a coisa-mesma. Para esses autores, nisso consiste a *epoché*, ou seja, a suspensão de qualquer julgamento, olhar mais de longe, se distanciar das formas familiares e comuns, pois estas impedem de ver tudo diretamente em seus modos de aparecer.

Ao vislumbrar o ser-acadêmico-de-enfermagem, é necessário aproximar-me, mas como? Qual o passo inicial? A aproximação primeiramente ocorreu pelo modo de olhar o fenômeno. A reflexão sobre o que sei, como o vejo e como o vivencio é fundamental, corroborando o que disseram Martins e Bicudo (2006), quando se referem a este momento de aproximação de algo ou de alguém apreciadoramente, que esta atitude significa assumir uma postura compreensiva, vinculada ao valor dessa experiência, estar atento, consciente acerca desse ser.

Acredito que essa modalidade de estudo favorece a aproximação com o ser-acadêmico-de-enfermagem em seus aspectos subjetivos e existenciais, permitindo o desvelamento do ser a partir de sua vivência e experiência no mundo.

A complexidade do cuidado em saúde faz com que o corpo de conhecimentos da enfermagem seja a cada dia mais consolidado e sejam mais conhecidas as particularidades e nuances de cada situação. Para desempenhar as funções de cuidar, antes é preciso conhecer o indivíduo, saber de seus problemas, suas angústias, sua sintomatologia, bem como conhecer seus desejos, suas concepções culturais, seus hábitos e sua perspectiva de vida. Como pode um enfermeiro cuidar sem conhecer? Mas como conhecer sem se aproximar? Por isso, a aproximação do profissional é fundamental para que se possa estabelecer uma relação que possibilite o cuidado.

No cenário de cuidado, a dimensão de temporalidade pode ser relacional, ou seja, atribuída ao mundo que se conhece e às experiências

que se teve em sua vivência. Sendo assim, a compreensão desse ser-no-mundo, um dos enfoques da fenomenologia Heideggeriana, correlaciona-se com o que cada pessoa reconhece como seu mundo, e suas escolhas permeiam tal olhar.

Nessa perspectiva do cuidado de enfermagem, o processo de formação profissional inicia-se quando o acadêmico experiencia várias situações e estas lhe permitem vivências de cuidado.

Tais percepções sobre os modos de cuidar remetem às seguintes inquietações pessoais que suscitam este estudo:

- Como o ser-acadêmico-de-enfermagem compreende o próprio tempo?

- Como o ser aprende a cuidar?

- Como o ser-acadêmico-de-enfermagem matriculado na disciplina de Fundamentos para o Cuidado Profissional do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina compreende o cuidado?

- As experiências do ser-acadêmico-de-enfermagem acerca do cuidado remontam de sua trajetória de vida?

- Como o acadêmico-de-enfermagem significa a experiência do aprender a cuidar na enfermagem?

- Como as vivências e experiências motivam o acadêmico para o cuidado?

O estudo aqui proposto tem o objetivo de desvelar a temporalidade do ser-acadêmico-de-enfermagem em sua experiência de cuidado.

Com essa intenção, realizou-se um movimento hermenêutico fundamentado em Heidegger, o qual suscitou esta reflexão e o desvelamento do fenômeno. No primeiro momento desta tese, apresentamos o fenômeno de ser-acadêmico na enfermagem, buscando na literatura, por meio de revisão integrativa, elementos sobre como esse ser-acadêmico-de-enfermagem se apresenta em outros contextos e como o meio científico o descreve. O referencial ainda traz uma revisão de literatura sobre o cuidado e o ser-acadêmico-de-enfermagem, que contribuiu para a aproximação do fenômeno, bem como trouxe à tona as discussões nesta temática em diferentes locais, possibilitando visualizar as produções literárias atuais.

O contexto filosófico do estudo traz o pensamento de Heidegger e sua filosofia fenomenológica vem a seguir. Consideramos fundamental buscar conceitualmente alguns elementos descritos pela fenomenologia e aprofundados por Heidegger, para uma aproximação com a temática em um movimento de pré-compreensão hermenêutica. São

contemplados aspectos históricos da vida e obra heideggeriana e suas conexões com outros pensadores contemporâneos.

Diante da grandeza e complexidade da obra heideggeriana, optamos por trabalhar ontologicamente guiadas por três de seus pressupostos: a existencialidade, a temporalidade e o cuidado, pois são aderentes ao fenômeno investigado.

Em seguida, apresentamos o referencial metodológico, que contextualiza a hermenêutica em Heidegger, e após são esclarecidos os preceitos éticos, caracterizados o contexto e os sujeitos e por último descrevemos a aproximação fenomenológica dos dados.

A interpretação do fenômeno, descrita nos resultados, é apresentada e discutida em forma de manuscritos, os quais emergem das falas do ser-acadêmico-de-enfermagem e evidenciam-se em unidades de significado. Essas unidades constituem a análise fenomenológica e são materializadas em quatro manuscritos, que são: O cuidado na perspectiva da cultura e tradição: um olhar em Heidegger e Gadamer; Historicidade e Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem e o cuidado em Heidegger; Temporalidade: o existir e a perspectiva da finitude ao experienciar a morte; e Expectativas com a escolha profissional: a enfermagem como possibilidade de cuidado autêntico.

Esta tese apresenta, a partir da interpretação das falas do ser-acadêmico-de-enfermagem, o desvelar do fenômeno do cuidado e de como este ser o experiencia em sua vida. Nessa busca, caminhamos por entre situações desconhecidas, complexas e interessantes envolvidas pela fenomenologia e por este pensador contemporâneo autêntico que é Martin Heidegger.

2 O FENÔMENO DE SER-ACADÊMICO-DE-ENFERMAGEM

Este estudo de caráter fenomenológico tem como perspectiva a temporalidade e suas nuances dos seres-no-mundo. Por isso, o primeiro movimento para a aproximação com o fenômeno foi no sentido de vasculhar, procurar os fundamentos, olhar mais de perto em todas as direções, na intenção de visualizar o contexto de onde partem as constatações, os enunciados acerca do fenômeno.

Esse momento de aproximar-se é considerado como o solo desta busca, o solo onde o estudo tenderá a se fundamentar durante esta caminhada no desvelamento. Portanto, solo de tradição pode ser caracterizado, aqui, como o fundamento onde ocorre a experiência originária, onde o movimento e o repouso tomam a mesma forma na constituição do fenômeno, onde tudo é experimentado nesta relação de possibilidades. Ferreira (2004, p. 78), em sua reflexão sobre a tese natural husserliana, faz uma aproximação ao que considero aqui como solo, dizendo que “nesse contexto, a Terra constitui o solo, no qual eu e o mundo circundante estamos em repouso ou não, e do qual jamais se pode abdicar”. A Terra, aqui, aparece como experiência originária onde todas as coisas estão em repouso e movimento. A percepção de tradição para fenomenologia refere-se à “herança cultural, transmissão de crenças ou técnicas de uma geração para outra” (ABAGNANO, 2007, p. 1150).

Caminhar sobre solo seguro, onde a fenomenologia se expressa enquanto forma de ver o mundo, traz ao estudo a leveza e a serenidade do caminhar por lugares muitas vezes já dados, mas nunca totalmente descobertos. Para este desvelar fenomenológico, neste momento, é necessário que se estabeleça uma pré-compreensão do fenômeno e de como este fenômeno vem sendo observado nos diversos cenários.

Para que possamos nos integrar no processo de ensino-aprendizagem do cuidado é preciso conhecer os modos de ser desse ser-acadêmico-de-enfermagem, mesmo que a intenção do estudo não vincule-se diretamente neste processo, para se aproximar do ser-acadêmico-de-enfermagem, é importante conhecer seu meio, seu ambiente existencial, do qual a instituição de ensino faz parte.

Educação é um conceito com significado em nossa vida, tendo em vista assumir nuances em cada experiência vivida e proporcionar momentos importantes que delimitam nossa existência como seres-no-mundo. Ao mencionar esse conceito, estamos nos referindo a um contexto amplo de aprendizagem, que nos acompanha desde nossos

primeiros momentos na existência, quando precisamos aprender como nos comportar para mantermo-nos vivos.

Ao longo do tempo adquire outros significados: a educação formal, aquela necessária cotidianamente, delimitada por cenários e princípios já estabelecidos; também há aquela da qual precisamos todos os dias e a encontramos nas próprias vivências com o outro, por semelhança, similaridade ou vontade de saber. Além disso, existe a educação vinculada ao que o próprio ser é, que ocorre independentemente de influências externas, uma educação imanente, do silêncio interior, presente em tudo o que verdadeiramente somos (MARTINS; BICUDO, 2006).

O fenômeno da educação, segundo Martins e Bicudo (2006, p. 12), “não pode ser conhecido como objeto, a partir de juízos contidos num quadro teórico referente à Educação; entendida como região de inquérito, mas, apenas a partir do modo como se manifesta o mundo”. Os mesmos autores entendem a educação como ocorrendo no cuidado que se dispensa ao vir-a-ser do outro.

Nesse contexto, o ambiente da aprendizagem é fator fundamental para que esse processo ocorra de forma natural e harmônica ao longo da vida. Em alguns momentos, escolhemos tal ambiente, em outros, somos escolhidos, mas, de qualquer forma, ele evidencia as possibilidades de ser ao apreender. A escola é um desses ambientes formais, é lá que muitos valores nos são apresentados, somos inseridos no mundo ético, social, cultural, o que é imperativo para o desvelamento e o entendimento do ser como ser-no-mundo.

Para Scherer, Scherer e Carvalho (2006), esse ambiente da escola se constitui como uma transição no estilo de vida, exigindo adaptação do acadêmico. Segundo os autores, esse ingresso do jovem na vida acadêmica ocorre em um momento de transição da adolescência para a vida adulta, e em geral este momento é repleto de dúvidas e incertezas.

Essa mesma impressão é descrita por Bosquetti e Braga (2008), quando dizem que essa entrada severa do ser-acadêmico-de-enfermagem em uma situação desconhecida desencadeia tensões e ansiedades, considerando que esse universo de reações acontece especialmente quando tem o primeiro contato com um campo de prática. A vivência do ser-acadêmico-de-enfermagem em situações de prática, diretamente na realidade profissional, em que demonstra suas habilidades teóricas, geralmente desperta sentimentos de incertezas, ameaças e inseguranças, pois esse contexto requer saber conduzir as suas emoções, bem como a do ser cuidado (SCHERER; SCHERER; CARVALHO, 2006).

A entrada no ambiente formal de educação, como vimos

anteriormente, suscita sensações e sentimentos estranhos ao ser-acadêmico-de-enfermagem, especialmente quando esse ambiente assume o significado de direcionar seu futuro profissional, o qual lhe impõe um propósito em sua vida, com valor, que o coloca diante de si mesmo existencialmente.

Serra (2008) enfatiza que a entrada no ensino superior é determinada pela procura do ser-acadêmico-de-enfermagem por uma atividade específica com perspectivas profissionais, e que essa área geralmente é definida partindo de vivências construídas ao longo de sua vida.

Todas as escolhas adquirem um sentido existencial para o ser-acadêmico-de-enfermagem; quando ele assume também, um modo-de-ser-no-mundo, que tomará forma a partir de si interativamente com sua profissão. E, nesse sentido, “o acadêmico que está na escola, na sala de aula, ou em outros espaços educacionais, é, portanto, um ser reflexivo, que tem uma preocupação com a sua individualidade como pessoa, com as formas de responder à vida, com seu próprio corpo e com o bem e o mal” (MARTINS; BICUDO, 2006, p. 55).

Enquanto ser, ao lançar-se como acadêmico, assume inevitavelmente a condição de aprendiz, uma postura de abertura para o conhecimento, que lhe é apresentado desde que conhece o termo “acadêmico”, como aquele que precisa aprender algo, e que, fora do ambiente familiar, pode assumir diferentes significados em sua vivência. Serra (2008, p. 74) considera esse momento como historicamente determinado, onde se esperam comportamentos específicos do acadêmico: “independentemente do grau de ensino em que o indivíduo se situe, encontra-se ainda hoje imbuído de uma forte conotação de inferioridade face a algo (um saber específico, uma atividade profissional), ou a alguém (o professor)”.

Nesse contexto do ensino, o acadêmico se manifesta como ser mundano; reconhece seu modo de ser como historicamente determinado, temporalmente determinado, como ser existencial. Por isso, esses sujeitos da aprendizagem, segundo Carvalho (2009, p. 410), “são seres humanos que se preparam para a formação da consciência crítica face à prestação do cuidado de enfermagem”.

O ser-acadêmico-de-enfermagem, capaz de velar-se e desvelar-se neste movimento de ser-no-mundo, apresenta-se como um indivíduo vinculado a um modo de ser e fazer da enfermagem, mas mantendo-se sempre um ser singular, único em suas perspectivas. Isso corrobora o que disseram Martins; Bicudo (2006, p. 73):

A realidade na qual o indivíduo age se refere a um

mundo particular, seu, ainda que compartilhado com os outros. É nessa dimensão que a pessoa vivencia as suas experiências. Ela age como um ser total em relação à realidade que percebe e não àquela que poderia ser considerada objetivamente dada. Aqui pode ser percebida a presença de modos de conhecer mundo e realidade fenomenológicos.

Conhecer o ser-acadêmico-de-enfermagem, seus modos de ser, é também tomar conhecimento de suas possibilidades, seu modo-próprio-de-ser, modo-de-cuidar, e caminhar nesse sentido traduz-se como possibilidades de ser-com na enfermagem.

A maior contribuição da fenomenologia existencial à educação é a perspectiva que abre para a possibilidade de descrição, análise e reflexão da realidade vivida pelo acadêmico ao estar com os outros, professores e acadêmicos, dando destaque à perspectiva da existencialidade humana, que se afetiva na complexidade do imediato e na da vida psíquica (MARTINS; BICUDO, 2006, p. 55).

Considerando, então, esse movimento da tradição como condição para compreender o fenômeno ser-acadêmico-de-enfermagem e o cuidado, lançou-se mão de uma busca sistemática na literatura, de publicações sobre esta temática, que pode se constituir em um solo no qual iremos transitar nesta tese. Tal busca revelou que o cuidado experienciado pelo ser-acadêmico-de-enfermagem tem diferentes características, e que as vivências em cenário de prática de cuidado são descritas com mais frequência do que as aproximações com os sentimentos ou virtudes pessoais no cuidar.

2.1 SER-ACADÊMICO-DE-ENFERMAGEM E A EXPERIÊNCIA DO CUIDADO: REVISÃO INTEGRATIVA¹

A reflexão sobre o ser e sua existencialidade há muito tempo é objeto da filosofia, em particular nos dois últimos séculos o ser-no-mundo é desvelado pela fenomenologia, que contribui para os avanços conceituais nesta temática.

Heidegger define o ser como presença, e partindo desta concepção, busca desvelar a existência como um tema ôntico-ontológico do homem (HEIDEGGER, 2008). Esta premissa relacionada à condição de existir no mundo descreve a forma como ocorrem as relações e a compreensão de tudo o que norteia a vida humana e suas implicações no outro, pois, desta forma o homem percebe-se no mundo, começa a fazer conexões e revelar-se.

A enfermagem como profissão de cuidado, aproxima suas ações à existencialidade, sendo que por meio do cuidado o homem abre-se para o universo existencial, transportando-se para uma experiência além do que já foi dado (SALES, 2008). E, nesse contexto da enfermagem, o aluno transita no sentido de aprender a cuidar, sendo sujeito de seu aprendizado, o qual ocorre em vários contextos de ensino, como a sala de aula, o laboratório de práticas e o hospital.

A revisão integrativa neste momento tem como objetivo proporcionar a aproximação com o fenômeno do ser-aluno de enfermagem e o cuidado e mostrar as lacunas do conhecimento acerca do mesmo.

Assim, a questão norteadora deste estudo é: Como o ser-aluno de enfermagem experiencia o cuidado na formação acadêmica em uma perspectiva fenomenológica?

Para realização desta revisão foram percorridas as etapas de revisão integrativa (GANONG, 1987).

Os critérios utilizados para seleção da amostra foram: artigos publicados em português, espanhol ou inglês, indexados nos bancos de dados da Literatura Internacional em Ciências da Saúde (MEDLINE); Scientific Electronic Library Online (SciELO); Dados Bibliográficos na Área de Enfermagem do Brasil (BDENF); Literatura Latino-Americana

¹ O manuscrito intitulado: Ser-acadêmico-de-enfermagem e a experiência do cuidado: revisão integrativa, parte deste capítulo da tese está publicado na Revista Cultura de Los Cuidados: Revista de Enfermería y Humanidades, número 33, ano 2012, ISSN: 1138-1728. Disponível: http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/24155/1/CC_33_10.pdf

em Ciências de Saúde (LILACS); Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature (CINAHL), no período compreendido entre junho de 2005 a junho de 2009. Dissertações e teses, resumos, notas prévias, monografias são consideradas fatores de exclusão na seleção da amostra.

Para isto, foi utilizado um protocolo para coleta de dados, preenchido para cada artigo da amostra (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010). O protocolo permite a obtenção de informações sobre: base de dados, título do artigo, periódico, ano, país do estudo, categoria do estudo, natureza do estudo (qualitativo ou quantitativo), referencial teórico, método de análise, população do estudo, objetivo do estudo, enfoque dos temas, autores e conclusões.

A captação dos estudos nas bases de dados ocorreu em outubro de 2010, e foi estabelecida por meio de descritores selecionados a partir da terminologia em saúde consultada no National Library of Medicine's (MESH) e no Descritor em Ciências da Saúde (DECS-BIREME) os quais auxiliam o pesquisador e direcionam a busca e foram: nursing care; phenomenology; students, nursing; adult education.

A busca resultou em dezenove referências potenciais, porém, sete destas não atenderam aos critérios de inclusão do estudo e foram descartadas da análise, totalizando uma população estudada de doze artigos, sendo destes, seis do Brasil, quatro dos Estados Unidos e um da Colômbia, distribuídos nas seguintes bases de dados: SciELO (6); MEDLINE (1); LILACS (1); CINAHL(4) artigos.

Os dados foram analisados a partir das unidades temáticas que emergiram após leitura atenta dos estudos, sob a luz da literatura disponível na área.

Para melhor compreensão, os dados foram organizados conforme: base, título do artigo, autores e ano, referencial teórico e objetivo, demonstrados no quadro 1.

Base de Dados/ Período	Título do Artigo	Autores/ ano	Referencial Teórico	Objetivo do Estudo
SCIELO / Revista Latino- Americana de Enfermagem	O ensino de enfermagem em saúde mental e psiquiátrica: visão do professor e do aluno na perspectiva da fenomenologia social	Campoy MA; Merighi MAB; Stefanelli MC, 2005	Fenomenologia compreensiva e social de Alfred Schütz	Compreender o processo ensino-aprendizagem na perspectiva do professor e do aluno que vivenciaram a disciplina de enfermagem em saúde mental e psiquiátrica
SCIELO / Texto Contexto Enferm. Florianópolis	Disseminação de Valores Éticos no Ensino do Cuidar em Enfermagem: Estudo Fenomenológico	Cameiro AD; Costa SFG da; Pequeno MJP, 2009	Teoria dos Valores de Max Scheler	Investigar como professores de Enfermagem disseminam valores éticos no ensino do cuidar em enfermagem a partir do referencial axiológico de Max Scheler.
SCIELO/ Rev. esc. enferm. USP	Metodologia do cuidar em enfermagem na abordagem fenomenológica	Graças EM das; Santos GF dos, 2009	Fenomenologia Heideggeriana	Refletir sobre o cuidado, tomando como esteio alguns pressupostos da Fenomenologia e construir uma metodologia para a arte de cuidar em enfermagem, com ênfase na existência e na autonomia do ser
SCIELO/ Avances en Enfermería	Significado, un conocimiento para la práctica de enfermería	Lozano YMP; Castillo CVC, 2008	Fenomenologia Heideggeriana	Conhecer a importância dos significados que se atribuem as experiências das pessoas, como um elemento do domínio da prática de enfermagem
SCIELO/ Texto Contexto Enferm	Fundamentos fenomenológicos para um cuidado compreensivo de enfermagem	Rivera MS; Herrera LM, 2006	Hermenêutica Compreensiva de Dilthey	Desenvolver um fundamento filosófico sobre cuidado compreensivo de enfermagem baseado na hermenêutica compreensiva de Dilthey e na fenomenologia de Heidegger
MEDLINE/ Nursing Education Perspectives	Revitalizing the humanistic imperative in nursing education	Kleitman, S, 2007	Fenomenologia	Descreve uma estratégia de ensino que se concentra na atenção dos alunos sobre o imperativo humanístico na prática de enfermagem.
LILACS/ Revista Eletrônica de Enfermagem	O caminhar da enfermagem em fenomenologia: revisitando a produção acadêmica	A Almeida IS de; Crivaro ET; Salimena AM de O; Souza IE de O., 2009	Fenomenologia em Martin Heidegger, Alfred Schutz e Merleau- Ponty	Analisar a utilização do referencial fenomenológico nas pesquisas da enfermagem.
CINAHL/ International Journal of Older People Nursing	Students' ideals for nursing older people in practice	Alabaster, ES, 2006	Hermenêutica Interpretativa	Demonstrar como o contexto e a cultura podem influenciar na realização de seus ideais.
CINAHL / Journal of Hospice & Palliative Nursing	Caring for the dying: nursing student perspectives	Allichin, L., 2006	Fenomenologia Hermenêutica	Elucidar e esclarecer a profundidade das experiências dos estudantes no atendimento aos pacientes terminais e suas famílias para melhorar a utilidade da morte e do morrer como conteúdo para estudantes

Quadro 1 – Artigos captados nas bases: SciELO, MEDLINE, LILACS e CINAHL.2010.

A leitura atenta aos aspectos concernentes à experiência do ser-acadêmico-de-enfermagem, relacionados ao cuidado em seu processo de formação acadêmica, nos doze artigos captados remete a algumas reflexões que levaram a constituição de duas áreas temáticas: o processo de ensino-aprendizagem do cuidado na enfermagem; e a experiência do aluno na aprendizagem do cuidado de enfermagem.

2.1.1 O Processo de ensino-aprendizagem do cuidado na enfermagem

Para realizar esta reflexão sobre a experiência do ser-acadêmico-de-enfermagem no processo de ensino-aprendizagem do cuidado, foi necessária uma aproximação do processo vivenciado por ele, retratados nos artigos selecionados para este estudo.

O teor de alguns artigos apontam para um processo de ensino-aprendizagem do cuidado ligado ao conhecimento tradicional, onde a perspectiva é do professor que sabe e do ser-acadêmico-de-enfermagem que não sabe, bem como do conteúdo sendo disponibilizado exclusivamente pelo professor. Os conhecimentos neste sentido estão vinculados aos aspectos de causa e efeito, de saúde e doença, certo e errado, onde o acadêmico não faz intervenções ou reflexões maiores.

Porém, evidencia-se outra perspectiva emergente que trata o conhecimento de forma diferente, quando este se volta para as questões ontológicas e compreensivas do ser, e a doença assume o significado de um desequilíbrio existencial. Insere o ser-acadêmico-de-enfermagem como sujeito no contexto da aprendizagem retirando-o da passividade levando-o a construir seu processo de formação profissional voltado para o ser.

Para isto o enfoque do cuidado centra-se na compreensão dos significados existenciais do ser que cuida e do ser cuidado. Considera-se aqui o conceito de existência como: “a efetivação daquilo que uma coisa é, enquanto se manifesta na sua ideia” (Heidegger, 2005, p. 28) e, nesse sentido de ser, os fenômenos existenciais são possibilidades do ser se mostrar como verdadeiramente é.

Os acadêmicos-de-enfermagem podem experienciar um processo de aprendizagem que seja capaz de lhe aproximar do ser cuidado de forma a compreendê-lo em suas fragilidades, que estão imersas na dinâmica do cuidar, inclusive nos momentos de silêncio, de dor, de sofrimento emocional pelos quais todos passam.

O processo de ensino-aprendizagem deve proporcionar dois tipos de experiência ao ser-acadêmico-de-enfermagem: a primeira com aspectos objetivos, ou seja, onde o aluno possa vivenciar momentos de busca de informações que lhe assegurem conhecimentos técnico-científicos necessários para compreender o paciente e cuidar. A outra experiência poderia ser voltada para os aspectos subjetivos da interatividade humana, ou seja, aquelas experiências que não podem ser visualizadas ou aprendidas nos limites técnicos, mas que devem ser sentidas, compartilhadas pela presença e pela entrega ao ser cuidado.

Destaca-se que a figura do professor emerge ora com uma postura tradicional numa relação vertical e, ora como um facilitador numa relação horizontal. Estas posturas influenciam no processo de ensino-aprendizagem do ser-acadêmico-de-enfermagem, transitando entre seus aspectos objetivos e subjetivos. Neste processo, “o ensinar e aprender não se configura como tarefa fácil para os educadores frente ao mundo globalizado, onde a velocidade de informações e avanços técnico-científicos constituem um desafio” (SEBOLD; CARRARO, 2011, p. 11).

2.1.2 A experiência do ser-acadêmico-de-enfermagem na aprendizagem do cuidado

O ser-acadêmico-de-enfermagem, enquanto estagiário percebe a experiência de cuidar como algo vinculado a ação, em cenário de prática, em poucos momentos descreve a experiência de cuidar como parte do todo de um processo de sua formação. E nesse sentido, o cuidado assume contextos hospitalares, na maioria das vezes, com experiências relacionadas a áreas como: psiquiatria e saúde mental; clínica médica, situações de catástrofes ambientais e morte, e olhando por este prisma, as vivências do aluno, são percebidas no sentido de encontrar-se em um ambiente estranho ou desconhecido, que gera tensão.

A adaptação do ser-acadêmico-de-enfermagem no ambiente profissional faz com que ele cogite sobre sua própria vulnerabilidade, e sua exposição pessoal e profissional a este contexto desconhecido, sendo refletida em posturas pessoais vinculadas a valores como a humildade, o colocar-se no lugar do outro, comover-se com algumas situações e buscar em si mesmo algumas respostas a seus conflitos pessoais.

Ao deparar-se com situações de dúvida, medo, insegurança, cada aluno procura em si uma forma de superação, principalmente quando está nas primeiras fases de seu processo de formação, onde tem poucos conhecimentos teóricos. Relata que para enfrentar seus temores combina experiências pessoais com as próprias perdas, dor e morte, para que possa compreender o sofrimento do outro e que tal sobreposição foi importante neste processo de aprendizagem do cuidado.

O ser-acadêmico-de-enfermagem considera a experiência de cuidar como um despertar para o outro, e este desejo de ajudar faz com que se sinta bem ao se doar nas pequenas coisas do cotidiano e de como isto faz a diferença, pois refere não esquecer mais das pessoas que cuidou e as guarda em seu coração. Descreve ainda a experiência de cuidar como complexa e desafiadora, sentindo-se ansioso quando estava na presença do outro. Corroborando com Carraro (2011), que descreve o cuidado como momento contínuo de reflexão onde o ser percebe-se em sua incompletude e lança-se em uma dinâmica de realização das necessidades do outro em suas inúmeras possibilidades.

Os estudos revelaram que o ser-acadêmico-de-enfermagem experiencia o cuidado de forma singular vinculando-o a valores pessoais. Em circunstâncias de experiência prática, o ser-acadêmico-de-enfermagem sente-se um intruso na instituição, com o paciente e com a equipe de saúde, o que gera sofrimento e angústia, e para que possa adaptar-se, normalmente faz reflexões e busca forças em si mesmo.

Esta revisão revela um contexto subjetivo no processo de ensino-aprendizagem do cuidado, onde o ser-acadêmico-de-enfermagem é sujeito, e neste contexto, percebe-se que as situações que encontra em campo prático não são compreendidas totalmente por eles. Fica evidente um viés subjetivo, talvez por pensar o processo como algo que ocorre somente em uma relação profissional – paciente, e não como uma troca de experiência entre todos os envolvidos.

O desvelamento das experiências do ser-acadêmico-de-enfermagem nos remete a pensar em novos estudos que possam evidenciar como contemplar conhecimentos sobre questões subjetivas do cuidado, por meio do processo de ensino-aprendizagem na enfermagem.

3 REFERENCIAL TEÓRICO-FILOSÓFICO

O processo de autoconhecimento exige decisão deliberada e uma atitude de busca constante, uma vez que sempre somos menos e mais ao mesmo tempo. Menos do que poderemos ser, mais do que já fomos. Nunca somos completos, pois isso só ocorre quando já não somos (MARTINS; BICUDO, 2006, p. 69).

3.1 A FENOMENOLOGIA HEIDEGGERIANA E SUAS RAÍZES HISTÓRICAS

A história da filosofia contemporânea é permeada pela história de um de seus maiores filósofos do século XX, que foi Martin Heidegger. Nasceu em Messkirch, uma pequena cidade localizada na região da Floresta Negra, na Alemanha, aos 26 de setembro de 1889. Vindo de família humilde, seu pai era zelador de objetos sacros e sacristãos da pequena igreja católica da cidade. A propriedade da família foi comprada da Igreja Católica por um de seus antepassados e ficava em um local privilegiado pela natureza (SAFRANSKI, 2005).

Cronologicamente falando, Heidegger viveu intensamente cada evento e momento que se apresentou em sua existência, em uma época de transições sociais, culturais e econômicas mundiais, especialmente na Alemanha pré e pós guerra. Safranski (2005) delimita alguns desses momentos vividos por Heidegger: entre 1903 e 1906, cursa o Ginásio como bolsista, instalando-se no pensionato católico Konradhaus, onde prepara-se para a carreira sacerdotal.

Em 1909, entra como noviço dos jesuítas, dos quais foi desligado em seguida por problemas cardíacos. No ano de 1913, encerra os estudos sacerdotais e inicia os de filosofia e ciências naturais, onde ganha uma bolsa de estudos de filosofia católica. Começa os estudos de Husserl. Logo após, no mesmo ano, defende a tese de doutorado, intitulada *A Doutrina das Categorias e do Significado em Duns Scotus*. Em 1915, recebe o título de livre-docência.

Em 1917, casa-se com Elfride Petri e dois anos depois nasce seu primeiro filho; e o segundo no próximo ano. Sua reputação enquanto pensador filosófico amplia-se e seus estudos dão origem à publicação de *Ser e Tempo*, em 1927. No ano seguinte, 1928, é nomeado sucessor na cátedra de Husserl, em Freiburg.

Em 1946, Heidegger inicia a amizade com Medard Boss, o que suscitou, em 1959, o começo dos Seminários de Zollikon. Escreve a *Carta Sobre o Humanismo*, a Jean Beaufret, no ano de 1946. Em 1975, publica o primeiro volume de suas *Obras Reunidas*, um ano antes de falecer, em 26 de maio de 1976 (SAFRANSKI, 2005).

Heidegger tem sua obra vinculada a uma face da filosofia denominada fenomenologia, que significa, "antes de tudo, um conceito de método". Fenomenologia " seria, portanto, a ciência dos fenômenos" (HEIDEGGER, 2008, p. 66-67). O termo "fenomenologia" advém de duas palavras gregas: *phainomenon*, que significa "iluminar", "mostrar-se", "aquilo que se mostra a partir de si mesmo"; e *logos*, que significa "ciências ou estudo" (GOMES et al, 2008, p. 146). A fenomenologia refere-se a tudo o que é desvelado, ao que se mostra visível, podendo ser considerada toda a experiência humana e suas relações do eu com o outro e seu significado temporal (HEIDEGGER, 2008).

Fenômeno é uma expressão que significa "mostrar-se em si mesmo, o que se revela, o que se faz ver assim como..." Terminologicamente, fenômeno é somente quando algo mostra seu sentido, quando quer mostrar-se como algo que é e também como algo que não é (HEIDEGGER, 2008, p. 67).

Heidegger coloca a questão do ser em evidência quando busca este sentido ontologicamente. Compreende o ser como o conceito mais universal e que, por conta desta universalidade e evidência em si mesmo, é complexo e obscuro.

O conhecimento filosófico do ser ganha espaço desde tempos remotos nos escritos de Aristóteles, São Tomás de Aquino, Platão, Hegel e outros filósofos com contrastes históricos diferentes em cada época. A perspectiva heideggeriana de ser "está naquilo que é como é, na realidade, no ser simplesmente dado, no teor e recurso, no valor e validade, no existir, no dá-se", e neste contexto insere-se em sua reflexão o conceito de ente, considerando que são todas as coisas das quais falamos de uma maneira ou de outra, é o que e como nós somos (HEIDEGGER, 2008, p. 42).

Contemporaneamente a grande mudança de paradigma da questão do ser parte da fenomenologia, que desde Husserl, com a perspectiva de voltar-se às coisas mesmas, traz a dimensão do sentido do ser evidenciado por si mesmo, porém ainda obscuro em seu conceito filosófico. Heidegger menciona este ser imanente, transformando a historicidade filosófica da transcendência em uma perspectiva remota. Para este filósofo,

a compreensão vaga e mediana de ser pode

também estar impregnada de teorias tradicionais e opiniões sobre o ser, de modo que tais teorias constituam, secretamente, fontes de compreensão dominante. O que se busca no questionar de ser não é algo inteiramente desconhecido, embora seja, numa primeira aproximação, algo completamente inapreensível (HEIDEGGER, 2008, p. 41).

A tendência ontológica de Heidegger talvez se deva à influência que teve dos estudos de um teólogo que chamou de mestre –Carl Braig –, nos quais conheceu a tradição ontológica. A formação de Heidegger deu-se no berço da teologia, mais precisamente do catolicismo, ao qual deveu não somente sua formação básica, mas, também, incentivos financeiros para que pudesse ingressar nos estudos filosóficos.

O jovem Heidegger, influenciado pela doutrina da Igreja Católica e fazendo parte de uma determinada facção social denominada “antimodernista”, que lutava pelos valores cristãos tradicionais, com o passar do tempo se revela um estudioso da filosofia. Iniciando suas leituras, ganha de seu tutor católico a tese de Franz Brentano, a qual lhe causa profunda perplexidade devido à tamanha objetividade no que se refere ao mundo da vida. A partir deste momento, começa a aproximar-se por seu intermédio de Edmund Husserl, o discípulo de Brentano e fundador da fenomenologia (SAFRANSKI, 2005).

Por meio da leitura das *Investigações Lógicas*, de Husserl, Heidegger aproxima-se dos preceitos de validade, ao passo que, neste momento histórico, a fragilidade filosófica mundial está instaurada diante da nova perspectiva da ciência com seu domínio técnico da natureza (SAFRANSKI, 2005).

Em meados de 1900, o desenvolvimento mundial era vinculado à economia, à tecnologia e à massificação do fazer, mas o foco intelectual até então vigente era vinculado à condição humana de estar-no-mundo. O legado filosófico conhecido tornava as discussões sobre o futuro da humanidade objeto de contínua observação e reflexão com o intuito de conhecer e desvendar os mistérios da natureza. Porém, neste período, segundo Safranski (2005), a modernidade e suas prerrogativas de progresso iniciam um movimento de rejeição a tudo o que é demasiado ou imaginário, a sociedade é absorvida pelo pensamento pragmatista, o qual substitui os preceitos de busca da verdade, por eficiência e tecnização.

A ciência positivista encontra aqui seu maior triunfo, tendo em vista ter mudado o foco da experiência humana de conhecer a natureza para o de dominação dela. Tal aceção vê no desmembramento e na técnica a possibilidade de conhecer a natureza, como se a realidade natural fosse a única perspectiva existente no mundo. A tendência era conhecer a natureza para surpreendê-la e saber como ela se desenvolve, e, para isto, criou-se uma metodologia que permitisse acessar as informações necessárias aos cientistas. Essa metodologia tem como fundamento a manipulação, a separação de sujeito e objeto, e a fragmentação.

Safranski (2005) ressalta que em torno de 1900 a filosofia está fragilizada, em razão do advento das ciências naturais, vinculadas a correntes de pensamento positivista, as quais tiraram-lhe o ar.

Nesse contexto, Heidegger está imerso, e posiciona-se avesso a essa ciência positivista vinculada ao domínio da técnica e à massificação da ação. Para este pensador, essa postura tem como característica principal a orientação da objetivação daquilo que é tematizado (HEIDEGGER, 2008/2). Tal objetivação não consegue responder às questões do ser e do mundo em que vive.

A tentativa de Heidegger em manter a tradição e o foco no ser marcou toda a sua trajetória filosófica, a qual esteve vinculada à sua iniciação cristã. Seus estudos sobre o ser e o tempo foram influenciados pelo forte vínculo com a Igreja Católica quando era adolescente, foi lá que se aproximou do tempo denominado “kairós”, o que os teólogos em Marburg definiam como uma oportunidade de conhecer um tipo especial de propriedade, um encontro que lhe foi surpreendente e que se tornou importante em sua vida (SAFRANSKI, 2005).

Heidegger, considerado como um pensador radical, influenciou toda uma geração de intelectuais para a construção de nossos padrões atuais de reflexão, assim, despertou as reações mais belicosas entre seus opositores. “Com assentimento ou aversão, Heidegger foi sempre um solo fértil para a construção do futuro” (CASANOVA, 2009, p. 9).

Ao tomar para si as questões relacionadas à existência no tempo, Heidegger redefine a posição do ser no mundo. Em seu pensamento traduzido em escritos instituiu uma nova tendência filosófica de pensar o ser, o tempo e o mundo, como descreve Casanova (2009, p. 10):

Por mais polêmicas que possam ser as teses heideggerianas sobre a tradição metafísica, elas certamente alteraram sobremaneira o modo como lidamos com essa tradição. Heidegger redimensionou as peças em jogo na decisão do

futuro, na medida mesmo em que se apropriou de forma criadora daquilo que aconteceu no passado. Tudo isto se deu, contudo, a partir de uma articulação radical com o presente, com o instante vivido por um homem que merece ser chamado mais do que qualquer outro de um homem de seu tempo.

Buscar a valoração do ser e compreender este no mundo é o solo da fenomenologia heideggeriana, que traduz o ser-aí- no-mundo por meio do universo da significação. Para ele, segundo Stein (2008, p. 53), “não há compreensão sem valoração”.

Ao visitar a obra de Heidegger, tornamo-nos reféns de sua filosofia, pela sua grandeza, generosidade e cumplicidade com que são trazidas as questões do ser e do tempo. Embebidos neste paradoxo existencial que toda a filosofia é, corroboramos sua preleção, que diz: “a questão da existência só poderá ser esclarecida sempre pelo próprio existir” (HEIDEGGER, 2008, p. 48).

3.2 ASPECTOS DA EXISTÊNCIA E EXISTENCIALIDADE

O que conhecemos está de uma forma ou de outra vinculado a uma condição de estar no mundo, de estabelecer-se em uma cultura, tradição, vivência, experiência, um agir, um modo de ser e de fazer. Contudo, as tentativas de conhecer não nos permitem acesso ao todo, não é possível conhecer tudo de algo ou de alguém. Segundo Heidegger (2005, p. 7), “estamos ainda longe de pensar, com suficiente radicalidade, a essência do agir. Conhecemos o agir apenas como o produzir de um efeito. A sua realidade efetiva segundo a utilidade que oferece”.

Quando o ser se coloca no mundo e assume-se como ser-aí, o faz por meio da linguagem, que é para Heidegger (2005, p. 7) “a casa do ser”. É pela linguagem que expressa seu pensamento e suas vontades; da mesma forma, manifesta-se como um ser de ocupações. O pensar, para o mesmo autor, está em jogo enquanto o ser pensa e age, e neste movimento constante edifica-se como ser-no-mundo.

O ser-no-mundo é constituído pela sua historicidade, o viver e experienciar a própria história. “A história do ser sustenta e determina

cada condição e situação humana” (HEIDEGGER, 2005, p. 9). Essa perspectiva histórica do ser-no-mundo constitui o que chamamos de existência. Existência é este ente que está sempre em jogo, e sua essência tem de ser, ou seja, “a essência da presença está em sua existência” (HEIDEGGER, 2008, p. 85).

A constituição de ser de um ente é denominada “existencialidade”, portanto, chamamos de existencialidade o conjunto das estruturas constitutivas da existência (HEIDEGGER, 2008). Nesse sentido de conhecer e compreender existencialmente, estamos sempre imersos no campo histórico. A tentativa de apreender um fato histórico em sua origem ou surgimento é sempre um desafio. Quando um momento histórico é definido, está imerso em um contexto social, político, econômico, intelectual e filosófico que tem influência direta e indireta sobre o fato. Ainda que se conheçam os aspectos mencionados, há a corrente teórica sempre presente onde alguém foi influenciado ou influenciou o pensamento, e que também precisa ser considerado.

No entanto, mesmo diante de tamanha tarefa teórica, reconhecer as origens de um pensamento, de um constructo teórico, é imperativo para que seja possível situar o fenômeno no cenário atual. Reconhecendo suas nuances, é possível tecer comentários mais concretos e próximos do fenômeno.

A inspiração de Heidegger pelo existencialismo e seu pensamento filosófico podem ter sido influenciados pelo local onde nasceu e viveu boa parte de sua vida, tendo em vista a perspectiva simples dos camponeses do local e sua forte relação entre si. Heidegger voltou suas reflexões para a vida humana de forma simples, enaltecendo os valores da família e da construção de um mundo onde a técnica não fosse determinante, a qual em vários momentos de sua obra rebateu com veemência.

Neste período, emergia a revolução industrial e a produção em série passou a ser vista como desenvolvimento social, transformando o homem em um objeto de produção, fazendo os camponeses abandonarem seus lares em busca de emprego e melhores condições de vida em locais maiores. Esta evasão do campo e o fascínio pela indústria e a produção geraram, para Heidegger, a mecanização do homem e por consequência sua desumanização, o que fomentou na filosofia heideggeriana uma série de reflexões acerca da condição humana.

A ligação do ser existencialmente dá-se pela experiência espaço-temporal, constituindo-se enquanto ser-no-mundo, ser-aí. Heidegger (2008/2) menciona que o desvelamento fenomenológico do modo de ser da experiência é imperativa dentro deste complexo fenômeno que

denominamos existência, e este modo de ser é sempre correspondente a uma conjunção entre passado e futuro, mas que devem ser compreendidos enquanto momentos históricos, não como estados atuantes.

Sendo assim, o fenômeno da existência descortina-se apenas para uma realização histórica da experiência, buscada de modo radical, que não está voltada para um mero observar instaurador, com vistas a estabelecer uma ordenação regional objetiva, mas, antes, para uma realização essencialmente preocupada consigo mesma (HEIDEGGER, 2008/2).

A filosofia de Heidegger está centrada na compreensão da presença, ou seja, a análise do ser como primado ôntico, “considerando esta perspectiva, a presença sempre se compreende a si mesma a partir de sua existência, de uma possibilidade de ser ou não ser ela mesma” (HEIDEGGER, 2008, p. 48). Para compreender o sentido ontológico da presença, é preciso conhecer a existência, onde ela é originada. A compreensão da existência dá-se a partir do próprio existir, chama-se existência “o próprio ser com o qual a presença pode relacionar-se desta ou daquela maneira e com o qual ela sempre se relaciona de alguma maneira” (HEIDEGGER, 2008, p. 48).

A compreensão do ser-no-mundo e da existencialidade, que é o movimento da presença, intensiona transitar no mundo. Por isso, o pensamento da existência perpassa o pensamento filosófico neste período histórico (MARTINS; BICUDO, 2006).

A perspectiva existencialista emerge como outra possibilidade de compreender a vida, considerando o homem como autor de sua história, como o grande responsável por seu destino e, neste sentido, mantendo o vínculo espaço-temporal no qual está inserido. O ser-no-mundo anteriormente concebido filosoficamente está ligado à transcendência, ou seja, criado e mantido por uma força além do homem, algo que ele não domina ou conhece em sua inteireza, e, portanto, deve temer e respeitar.

Esta perspectiva transcendente é refutada pelos existencialistas, que compreendem o homem como ser absoluto em sua totalidade, sendo este pensamento instituído formalmente e publicamente por Kierkegaard, descrito por Martins e Bicudo (2006, p. 29), quando dizem que, para ele, “o problema central era a liberação do homem”. E nesse sentido os autores dizem que o ser que atribui significados não pode abrir mão de si mesmo abrindo mão da existência. Para este ser, existir é reconhecer-se, é dar significado à própria vida, e estas escolhas envolvem o ser em sua totalidade, incluindo sua razão, emoções e sua

imaginação.

O modo de relacionar-se com o mundo é descrita como ser e ente, caracterizada como tudo que compreendemos e com quem nos relacionamos, considerada ainda como nós mesmos somos, o que é. Tendo em vista a perspectiva existencial, Heidegger denomina este ser no mundo como *dasein*. Fundamentado na perspectiva ôntica e ontológica, o ser-aí se manifesta e para compreendê-lo é necessário interpretá-lo existencialmente (GOMES, 2008).

A perspectiva heideggeriana de existência refere-se ao sou, o qual não pode ser genuinamente tomado de forma teórica, mas somente quando se realiza como um modo de ser do eu, ou seja, a existência é a consignação de algo. O ser do si-mesmo compreendido desta forma significa existência (HEIDEGGER, 2008/2).

A concepção de existência para Heidegger não está relacionada a algo material, ou a um objeto concreto, mas, sim, à existência interior e pessoal, à essência do ser e como se manifesta no mundo. Para Sales (2008), o ser existe como antecipação de suas próprias possibilidades, diante de si mesmo. Este existir se mostra nos diversos modos de ser-no-mundo na dimensão temporal.

O ser postado em sua clareira é o que Heidegger (2005) chama de existência, considerando esse modo de ser como próprio do homem, aquilo que a essência do homem conserva em sua origem determinante. Safranski (2005, p. 358-59) refere que:

[...] somente valorizando o ser como um valor, ele já é rebaixado a uma condição estabelecida pela própria vontade de poder, e com isso anula-se o próprio caminho para a experiência do ser. [...] com a experiência do ser entrementes sabemos disso, não se fala da experiência de um mundo mais alto, mas da experiência da inesgotabilidade da realidade, e do espanto porque em seu meio se tenha escancarado com o ser humano, um lugar onde a natureza abre os olhos e percebe que existe. Na experiência do ser, o ser humano se descobre como espaço.

3.3 A TEMPORALIDADE COMO PRERROGATIVA DO SER-NO-MUNDO

Estamos imersos na questão do tempo desde o momento em que

nos reconhecemos como seres no mundo. O tempo é uma dimensão presente em nossa vida e o conhecemos a partir da infância nas coisas cotidianas, que determinam prazos, limites, possibilidades.

Fundamentalmente a noção de tempo insere-se nas ocupações do ser, quando programa uma atividade, quando determina sua rotina diária, o tempo de estudo, de trabalho, o período de um filme ou o quanto leva para chegar a algum lugar, ou seja, mesmo em um contexto não-acadêmico e não-filosófico; todos os seres conhecem e reconhecem o tempo em sua vida.

No entanto, a possibilidade que o tempo desvela em sua mais polêmica condição é a da morte. O tempo é um sinal diário de que tudo passa, onde tudo é finito, e, neste cenário de incertezas da vida, os seres aguardam um momento de certeza, a morte. Esta dimensão do tempo é instigante porque não a reconhecemos apenas na morte do outro, mas a vivenciamos no rio do tempo, onde experienciamos despedidas, e mortes continuamente. Safranski (2005) ressalta no pensamento de Heidegger a perspectiva da temporalidade, a qual considera como a experiência do passar, onde o tempo se configura em um horizonte aberto.

Mas como a fenomenologia define o tempo, e mais precisamente, como Heidegger o delimita? Bicudo (2003, p. 37) discute essa questão a partir dos questionamentos do próprio Heidegger sobre o tempo, com algumas questões: “O que é isso, o tempo? Quem é o tempo? Somos nós o tempo? Eu sou o tempo?”. Diante dessas indagações, é possível perceber porque o tempo tem posição central na obra de Heidegger, para ele o sentido do ser é o tempo, e o pensar tem essa função fundamental de manter o ser sensível a sua passagem (SAFRANSKI, 2005).

O ano, o dia, o aniversário, o Natal são dimensões temporais onde observamos seu passar não somente sob o enfoque cronológico, mas em uma perspectiva também existencial, de significação dos ritos da vida. A cada ano que passamos, o espelho mostra sinais de que não somos os mesmos, temos marcas do tempo, desse vivenciar constante de experiências. Heidegger (2008) diz que o tempo é o estado de onde o ser-aí compreende e interpreta tacitamente o ser, e que a temporalidade evidencia-se como o sentido desse ente que denomina presença.

A vida humana, entendida como um mundo de percepções, descritas por Heidegger (2008) como mundanidade, é permeada por fenômenos distintos e interligados que nos permitem, por associação ou proximidade, compreender a existência. Os eventos experienciados a cada instante nos remetem a um espaço-temporal de onde se abrem inúmeras possibilidades para sua compreensão e interpretação. Em

alguns instantes de reflexão, nosso pensamento nos remete a contextos antes vivenciados, mas deixados em uma dimensão suspensa, e experimentamos sensações, quase tão vivas, que parecem estar novamente ocorrendo. Por meio da lembrança, eventos revisitados são experienciados de outro modo, com outra intenção, e, mesmo já tendo ocorrido, parecem novamente acontecer. Nesse sentido, Ferreira (2004, p. 72) diz que:

Temos consciência de um mundo espaço-temporalmente infinito que encontramos imediatamente. Cotidianamente, operamos com as coisas, as tocamos, as manuseamos, sem maiores reflexões sobre seu valor, seu uso, sua existência, enfim. Tais coisas, e tudo mais, se encontram simplesmente aí para mim, distribuídas aleatoriamente no espaço, “à disposição”, independentemente de ocupar-me ou não com elas. De antemão sei que posso locomover minha atenção e encontrarei outros objetos aí ou ali. Toda experiência atual é circundada por um horizonte de realidade indeterminada, de que se tem obscuramente consciência. Tal horizonte jamais deixa de estar aí, embora nunca seja determinado em sua plenitude.

A mensuração do tempo determina-o como um projetar-se público, onde se pode atribuir a qualquer coisa o seu tempo, o relógio é o responsável pela sua contagem de forma sequencial, permitindo ao dasein definir um antes e um depois (HEIDEGGER, 2008). O que Heidegger denomina conceito vulgar de tempo dá a este um caráter subjetivo ou objetivo. Objetivamente o tempo pertence à ocupação, à interpretação mediana onde o ser-no-mundo está. Quando o tempo é em si, confere-lhe então o tempo à alma, sua dimensão subjetiva (HEIDEGGER, 2008).

Essa dimensão do tempo em si em que ele é, não pode ser mensurada pelo relógio, pois está dada na vivência como passar. Safranski (2005, p. 172) diz que “o curso da vida é sempre um passar da vida. Vivenciamos o tempo em nós mesmos com esse passar”.

A incapacidade humana em desvelar a totalidade dos fenômenos faz com que cada olhar tenha uma intenção, um foco e uma permanência, por isto, as tentativas de conhecer as dimensões da presença podem ser mencionadas como possibilidades de compreensão,

de que o tempo não é apenas uma dimensão do mundo, mas uma forma de significação do ser. O tempo é uma construção em que o presente não é determinado pelo passado, e, sim, pelo horizonte futuro, em suas distinções singulares onde o passado e o presente são vivenciados (COSTA; MEDEIROS, 2009).

Heidegger (2008) menciona que a temporalidade se temporaliza inteiramente na unidade ekstática denominada “cura”. Para ele não há tempo, mas temporalidade, ou seja, o tempo vivido; o ser-no-mundo é temporal e vive em uma perspectiva de ser-para-a-morte.

Nesse sentido, a percepção de tempo depende de nossa experiência, mais do que do tempo cronometrado em qualquer tecnologia de medida. Considera-se, portanto, que “o tempo não pertence às coisas do mundo, mas é uma extensão que o espírito vivencia em sua experiência cotidiana, e sua permanência é definida por outras vivências memorizadas” (COSTA; MEDEIROS, 2009, p. 376).

Os seres humanos se constituem na perspectiva temporal e espacial, o que os torna seres do mundo e no mundo, vivenciando e experienciando tudo nesta dinâmica em constante movimento. Ser no mundo pode representar as vivências referidas acerca de sua existencialidade.

Quando encontramos um amigo que não víamos há muito tempo, várias sensações vêm à mente, como o local e a roupa que ele usava em nosso último encontro, ou sobre o que havíamos falado, ou ainda o motivo pelo qual não nos víamos há tanto tempo. Tais lembranças de quem era nosso amigo e simultaneamente de quem ele é hoje assumem diferentes significados, pois há certa referência que mantemos moralmente como solo da amizade, que nos deixa seguros de quem é nosso amigo, e, por outro lado, ele se apresenta como alguém que não conheço hoje, e passamos a revisitar uma relação antiga, com novos significados.

Esta experiência é considerada por Costa; Medeiros (2009) como tempo vivido e tempo assimilado, os quais transcendem o tempo cronológico. O tempo é considerado por Costa; Medeiros (2009, p. 378) como “uma experiência primária e vital”, está tão próxima do ser que não pode ser totalmente conhecida, existindo de duas formas: enquanto tempo assimilado ao espaço ou como tempo vivido, vinculado à vivência.

O tempo relacionado ao espaço, ou ainda, o espaço vivido como espacialização, um modo de habitar o mundo, concebido como tempo vivido, e o tempo relacionado às experiências de vida, à própria existência, concebida como tempo assimilado, constituem o solo do ser-

no-mundo (BICUDO, 2003).

Todas as vezes em que tentamos objetivar o tempo, partimos de uma representação alicerçada no espaço através de uma quantificação, representação, ou por imagens espaciais, exemplificada por um rio que corre ou outra concepção, o que nos leva a crer que podemos ter uma noção do tempo, porém, jamais um conceito ou definição (GONDAR, 2006).

Por isso, considera-se o tempo vivido e o tempo assimilado como formas de estar-no-mundo e de manifestações do ser existenciário, porque ter consciência do tempo vinculado ao espaço denota estabelecer limites, pontos de delimitação entre o dia e a noite, manhã e tarde, e não, simplesmente, considerar o tempo cronológico como possibilidade de compreensão da temporalidade (COSTA; MEDEIROS, 2009).

A concepção de tempo na corrente psicanalítica é descrita de forma distinta em duas grandes correntes de pensamento. A primeira pertence à escola inglesa e defende a ideia de tempo processual, um tempo contínuo, progressivo. Traz o princípio da sucessão de fases ou etapas de desenvolvimento, parece ser possível estabelecer duas palavras no solo temporal a partir da qual suas noções são constituídas: processo e continuidade. A outra corrente de pensamento é a francesa, que traz a ideia de tempo como momentos críticos, cristalizações capazes de reordenar, de imediato, todas as contingências anteriores, constituindo então a temporalidade como ruptura, considerando que “a realidade temporal não é dada pela duração, mas pelo instante, ou seja, o tempo é fundamentalmente descontínuo. Trata-se de uma visão estrutural do tempo” (GONDAR, 2006, p. 105).

Assim, o tempo aparece como fundamento da experiência fundamental da existência humana, “o fato de espacializar refere-se ao modo como se vivencia o espaço, incluindo também a temporalidade, que significa a compreensão simultânea entre presente, passado e futuro” (GOMES, 2008, p. 148).

O que se constrói na perspectiva humana está fundamentado no tempo, não somente no tempo do relógio, um artefato criado para medir em horas, mas na proposta de situar os eventos conforme um momento, um período, para que possa ser lembrado posteriormente. O ser-no-mundo submete-se ao tempo-da-vida e neste espaço temporal cultiva o cuidado, para manter-se vivo. Safranski (2005) descreve que esse passar não culmina na morte simplesmente, mas como a vida é desempenhada, pura e simples.

Para Heidegger (2008), a abertura do ser e as possibilidades da presença emergem, são constituídas na temporalidade. Safranski (2005)

ressalta que a temporalidade realiza-se na preocupação, a presença enquanto preocupada abre-se em seu horizonte temporal procurando pontos de apoio imersa no tempo. E, nessa concepção, preocupação é cuidado, é cura, e a temporalidade constitui-se como seu sentido ontológico (HEIDEGGER, 2008).

3.3.1 Historiografia e historicidade em Heidegger

O ser é capaz de registrar suas vivências e experiências, e ao longo de sua vida pode retomar situações e ressignificar seus sentidos. Heidegger (2008) chama a possibilidade do ser de observar e registrar momentos de “historicidade e historiografia”.

Em sua obra *Ser e Tempo*, no capítulo cinco, Heidegger discorre sobre temporalidade e historicidade com o objetivo de discutir a questão procedente da essência da história e do que é verdadeiramente histórico. Inicia suas considerações caracterizando a explicação vulgar destas temáticas, as quais possuem vários sentidos (HEIDEGGER, 2008).

Um aprofundamento no significado de história demonstra que ela pode ser interpretada de diferentes modos conforme a intenção do observador. Heidegger (2008) traz quatro perspectivas para descrever a história, iniciando com aquela em que o ente é compreendido como passado, citando como exemplo quando as pessoas dizem que tal coisa já pertence à história, ou quando uma ruína de um templo antigo ainda existe. Esta é a duplicidade de sentido que o passado tem, por um lado sempre é remetido a algo anterior, mas, por outro, pode ser simplesmente dado como atual, ainda hoje, como no caso de uma ruína, que mantém o passado ainda presente.

Outro significado de história descrito por Heidegger (2008) privilegia o ente como compreendido no passado, não somente no sentido temporal do que já passou, mas na origem daquele ente, de onde emerge e se significa. O foco da história aqui está nos acontecimentos e nas influências destes no passado, presente e futuro igualmente.

A história também está vinculada ao destino dos homens, englobando sua cultura, denotando o ente como ser passageiro no tempo, assim como a natureza (HEIDEGGER, 2008). Em sua quarta significação sobre história, Heidegger (2008, p. 471) salienta que “vale ainda como histórico o que é legado na tradição, quer seja conhecido historiograficamente, admitido como evidente ou ainda encoberto em sua proveniência”.

A historicidade descrita por Heidegger não está vinculada a aspectos somente objetivos ou quantificáveis, mas ao ente, que nem sempre pode ser objetivado. Enfatiza que a história pertence ao ser da presença e possui sentido temporal. Nesse sentido, a definição de historicidade está sempre vinculada à temporalidade, esta é a constituição da historicidade (HEIDEGGER, 2008).

A historicidade está vinculada ao ser em si-mesmo, sua interpretação histórica e a preocupação consigo, que está imerso temporalmente e busca significar-se, constituir-se. Portanto, “liberar a estrutura do acontecer e suas condições existenciais e temporais de possibilidade significa conquistar uma compreensão ontológica da historicidade” (HEIDEGGER, 2008, p. 466). Heidegger (2008,p.466) menciona o acontecer como "a movimentação específica deste estender-se na ex-tensão. A questão sobre o nexa da presença é o problema ontológico de seu acontecer". Para o mesmo autor "a análise do acontecer conduz aos problemas de uma investigação temática da temporalidade como tal" (HEIDEGGER, 2008, p. 466).

A historiografia, por outro lado, leva em consideração outros aspectos mais objetivos neste contexto histórico, e dedica-se à descrição dos fatos temporalmente com o objetivo de explicá-los cientificamente. Heidegger (2008, p. 466-67) enfatiza que:

não é na historiografia enquanto ciência da história que se deve buscar a história. Mesmo que o modo científico e teórico de tratar o problema da “história” não vise apenas a um esclarecimento “epistemológico” da apreensão histórica, nem a uma lógica da construção conceitual da exposição histórica, orientando-se igualmente pelo “lado do objeto”, mesmo assim, nesse tipo de questionamento, a história só se faz acessível, em princípio, como objeto de uma ciência.

Para o autor, neste caso, ao perceber a história como objeto, deixa-se de lado sua essência, tendo em vista ser por meio da historicidade que a historiografia se tematiza temporalmente ganhando sentido. A historicidade, ou seja, o modo de ser da história é que deve servir de fundamento para a historiografia, e a partir da concepção da presença constituída no tempo a história deve desvelar-se.

3.4 MODOS DE CUIDADO NA PERSPECTIVA DE HEIDEGGER

Em sua obra *Ser e Tempo*, Heidegger menciona o ser enquanto cura, e diante do tempo e da temporalidade este ser se significa. A cura como uma condição ôntica do ser se estabelece no mundo e no viver, portanto, não há momento, período ou local onde a cura se manifeste, ela é o ser em todas as suas dimensões e possibilidades, antes mesmo de lançar-se (HEIDEGGER, 2008).

O cuidado é referido por Heidegger como um modo de ser, na maioria das vezes, uma ocupação, ou seja, o cuidado vincula-se ao ser impróprio, cotidiano, que ao lançar-se no mundo decide cuidar-se e cuidar do outro. Cuidado como uma ação desenvolvida intencionalmente para si e para o outro. Casanova (2009, p. 132) corrobora esta manifestação do pensamento heideggeriano salientando que:

o ser-aí é um ente marcado constitutivamente pelo caráter do cuidado. Enquanto um ente que tem de ser e que encontra em cada um de seus modos possíveis de ser uma determinação efetiva do poder-ser que ele é, ele não tem como escapar da estrutura do cuidado.

O cuidado como preocupação, é aproximado da condição humana por Safranski (2008), vinculado à manifestação de providenciar, planejar, importar-se, e que ocorre continuamente no viver. Considera também neste movimento de preocupar-se a dimensão tempo, pois somente é possível esta manifestação para o ser que se considera aberto e disponível no horizonte temporal.

Este ser lançado da presença constitui-se como ser-no-mundo e, em sua essência, é cura, já o cuidado se aproxima da facticidade, conforme podemos perceber no pensamento de Heidegger (2008, p. 260):

em sua essência, o ser-no-mundo é cura, pode-se compreender, nas análises precedentes, o ser junto ao manual como ocupação e o ser como co-presença dos outros nos encontros dentro do mundo como preocupação. O ser-junto-a é ocupação porque, enquanto modo de ser-em, determina-se por sua estrutura fundamental, que é a cura. A cura caracteriza não somente a

existencialidade, separada da facticidade e decadência, como também abrange a unidade dessas determinações ontológicas.

O ser humano está em movimento constante na busca de transformar-se, por meio de suas vivências e experiências no tempo e no espaço, de forma individual ou coletivamente. Todas as vivências são singulares, e, a cada nova vivência, há o descobrimento de outro contexto. “O contínuo e inexorável contato com o novo desacomoda-nos e reacomoda-nos ininterruptamente no modo como compreendemos a nós mesmos, nosso mundo e nossas relações” (AYRES, 2007, p. 49).

Esta perspectiva de mudança contínua entre o movimento e o repouso permeia as ideias teóricas e filosóficas sobre o cuidado de enfermagem, que foram influenciadas por outras áreas do conhecimento. Safranski (2005) refere que o ser quando se coloca no mundo se torna seu destino; o providenciar gera um cuidar daquilo que nos foi oferecido em confiança.

O cuidado é a manifestação da existência do eu e do ser-com, capaz de ir além, onde cuidar é aproximar-se do outro, é reconhecer-se pelo outro, por isso o cuidado profissional desempenhado pela enfermagem revela-se como o sentido original desta profissão, é por meio do cuidado ao ser-paciente que a enfermagem se constrói e se projeta. Para Graças; Santos (2009), é através do cuidar que a enfermagem se manifesta, e a torna capaz de criar e recriar seus modos de cuidar.

A enfermagem insere-se neste cenário do cuidado enquanto ente, por ser considerada nos âmbitos da ciência, arte, filosofia, ética e política do cuidado humano. Se organiza e se expressa socialmente com identidade singular, situada em três campos epistemológicos, sendo: “um complexo campo de conhecimentos, um campo de intervenção e um campo de responsabilidade social própria que constituem sua identidade profissional” (MALVÁREZ, 2008, p. 22). Tais perspectivas da enfermagem criam movimentos que estimulam a formação de profissionais voltados ao cuidado em uma visão ampla do ser humano, tendo em vista sua saúde e sua doença como um modo de viver e estar no mundo.

Nos cuidados de saúde e na enfermagem em particular, é necessário para a aquisição e implementação de competências, conhecimentos e habilidades práticas. Por isto, a formação do profissional enfermeiro deve contemplar a aquisição de habilidades e

competências, sendo estas imperativas para legitimar e certificar os profissionais. No entanto, esta profissão requer mais do que dominar cálculos científicos ou conhecimentos técnicos, é necessário que se tenha consciência de que é uma profissão de relações, onde há o eu e o outro (KLEIMAN, 2009).

Sendo assim, na interpretação heideggeriana, o domínio da técnica e a excessiva ocupação com a manipulação do ser como objeto estão relacionados à desumanização do homem e a um modo deficiente de solicitude. Nesse sentido, Safranski (2005, p. 464) menciona tal concepção heideggeriana dizendo que a intervenção técnica transforma a natureza em uma provisão efetiva ou potencial. E, para que esta não desabe sobre nossas cabeças, temos de assegurar de maneira calculada e planejada a provisão. Técnica provoca mais técnica. As sequências de técnicas só podem ser controladas por meios técnicos.

Deve-se levar em consideração o ser-cuidado, que mantém a consciência de si mesmo e de suas vontades. Sales (2008) enfatiza que neste contexto há profissionais que, ao cuidar, deixam-se levar pela situação se esquivando de sua responsabilidade, deixando as decisões à luz do cotidiano, da rotina.

O cuidado se manifesta na filosofia de Heidegger aproximando-se da cura, enquanto totalidade da presença, não externa ao ser, mas constitutiva da existencialidade, como ôntica (HEIDEGGER, 2008). Por isso, a cura não se refere a uma atitude especial para consigo mesma, porque, ontologicamente, já se antecede a si mesma, e, nesse anteceder-se a si mesma, ela se coloca em dois momentos postos: o já ser-em e o ser-junto-a (HEIDEGGER, 2008).

O cuidado nesta perspectiva revela-se como uma possibilidade de aproximação com o outro, um contato íntimo com o eu do outro, uma forma de compreensão e interpretação. Nesse sentido, pode manifestar-se em cada momento, e assumir o modo ontológico nas interações que mantemos. Oliveira (2009, p. 22) ressalta, porém, que “o cuidado deve estar sempre na condição de ocupar espaços de abertura para possibilidades, considerar o argumento da fala, da escuta, do toque, ou seja, alguma coisa que está sempre por ser desvelada”.

Este movimento contínuo entre o eu e o outro se caracteriza pelo elo entre a imanência e a transcendência no cuidado que o ser assume de diferentes maneiras quando se envolve, compromete-se, interessa-se pelo outro de forma inteira na busca de desvelar-se.

A enfermagem é considerada como arte e ciência, por preocupar-se com o cuidado à saúde do ser humano, e por se comprometer em primeiro lugar com suas experiências e vivências e como estas podem

influenciar o estado de saúde ou doença e de como cada ser se percebe neste cuidado (RIVERA; HERRERA, 2006).

Tendo em vista a relação do cuidado com o ser e a perspectiva de cura heideggeriana representar um manifesto ôntico e ontológico da presença, busca-se refletir sobre o movimento do ser em busca da sua totalidade. É o cuidado, portanto, que revela ao homem o universo existencial, transportando-o para além do já dado, sendo considerado como o primeiro gesto da existência.

A enfermagem, como prática cuidadora, apropria-se deste cuidar e realiza sua prática centrada na presença, no toque e no entendimento das necessidades das pessoas cuidadas. Este cuidado dá-se além de técnicas e procedimentos, antecede-se e tem na sua essência o próprio ser humano, que antes de tudo está presente no mundo. A perspectiva de cuidado como desejo de que o outro esteja bem nasce com a vontade e o estar bem de quem cuida. “Sendo o cuidado a demarcação, substância e causa das ações profissionais na prática. Prática que adquire vida (por assim dizer) no encontro da enfermeira com seus clientes” (CARVALHO, 2004, p. 814).

O cuidado para Heidegger é presença, “expressa um traço essencial à existência, na medida em que o ser-aí se empenha a cada instante em cuidar de si mesmo”, apropriando-se e desvelando seu modo de ser por meio da compreensão de si e das coisas (KAHLMAYER-MERTENS, 2008, p. 27).

Segundo Casanova (2009, p. 133), ao cuidar de si, o ser-aí está cuidando, em outras palavras, do mundo fático que é o dele, pois tudo o que ele é ele já o é a partir de um tal mundo fático e enquanto possibilidade desse mundo; o que traz à tona simultaneamente o ponto de conexão entre o ser-aí e a historicidade de seu mundo.

É possível aproximar, do ponto de vista filosófico, o cuidado e a cura na enfermagem, ambos são fenômenos que se apresentam conectados no mundo. A enfermagem toma conhecimento de si pelo cuidado, este assume a vida fática na cotidianidade, e ambos estão imersos na cura, que em uma visão ontológica é descrita por Heidegger (2008) como anterior a todos os fenômenos mencionados.

Nessa perspectiva, Carraro et al. (2011/1, p. 90) salientam que: as atitudes filosóficas apresentam-se como indagações sobre o mundo que nos rodeia e relações que mantemos com ele. Nesta direção, a saúde busca aperfeiçoar seu corpo de conhecimentos no sentido de aprofundar os estudos teórico-filosóficos do cuidado. Esta é a

própria reflexão filosófica significando um movimento pelo qual o pensamento volta-se para ele mesmo, interrogando-se, e esta contemplação das ações de cuidado fortificam os saberes.

Oliveira (2011, p. 377) ressalta que “olhar o que está em torno é visualizar o que não está visível ou palpável, é também admitir que os fenômenos em saúde revelem a capacidade de abrangência das experiências humanas, o que de fato dá sentido à nossa vivência”. Este é o sentido de cuidado que deveria ser valorizado e intencionado na enfermagem, aquele que ultrapassa o procedimento e a técnica, e, antes, vincula-se à presença.

4 O MODO DE FAZER HERMENÊUTICO - TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O estudo científico, de um modo ou de outro revela um delineamento que sustenta sua construção desde o momento da concepção até a análise final. Para isso, os modos de fazer adotados e as escolhas das ações devem permitir um processo contínuo que ofereça credibilidade, validade e confiança para que o objetivo seja atingido. A dinâmica de trabalho deve ser adequada com o referencial teórico escolhido, de modo a permitir uma aproximação com as concepções dos autores e sua relação com o fenômeno estudado.

A escolha pela abordagem qualitativa neste estudo adequa-se com a temática e seu referencial teórico-filosófico, pois busca com o significado e o desvelamento de fenômenos que exigem uma linguagem e um olhar mais próximos do sujeito do estudo, sendo possível compreender seus movimentos por ele mesmo descritos.

O delineamento qualitativo está fundamentado na linguagem compreensiva, que de certo modo está vinculado, segundo Prado et al. (2008, p. 87), à intenção de responder questões de três naturezas:

- a) questões ontológicas: são aquelas que se referem à forma e à natureza da realidade e estão representadas pelas teorias, o conjunto das ideias e o marco de referência;
- b) questões epistemológicas: são as que tratam da realidade, a forma de conhecê-la e de como pode ser conhecida;
- c) questões metodológicas: implicam uma série de questões que são examinadas acerca da forma de aproximar-se para a realidade ou a verdade, assim, como a forma mais adequada para abordar um fenômeno.

Este estudo, portanto, acolhe este delineamento qualitativo e direciona sua face para os estudos fenomenológicos, por entendê-los como modo adequado para desvelar o fenômeno proposto.

A pesquisa fenomenológica busca compreender os significados e, para isso, a aproximação com o fenômeno neste tipo de estudo é imperativo para responder às indagações propostas inicialmente. Nesta modalidade de pesquisa, há interação entre o pesquisador/observador do

fenômeno e o próprio fenômeno, o qual está posto ao mesmo tempo em que se evidencia. Assim, o investigador deve compreender o fenômeno se aproximando dele, respeitando seus momentos de mostrar-se e de obscurece-se.

Considera-se que, neste momento, o investigador está preocupado com a natureza da investigação. Conforme Muñoz; Erdmann (2008, p. 102), é importante deixar claro que o rigor se dá pelos parâmetros da própria abordagem qualitativa, e que “esta trajetória não depende de supostos nem de teorias explicativas, não há problemas, não há hipóteses a serem verificadas com um modelo estatístico”. A intenção do investigador é buscar significados e, para isso, parte de suas próprias indagações acerca do fenômeno, para depois interrogar o próprio fenômeno para que se mostre tal como é. O interesse está na relação do fenômeno com a totalidade e como ele se manifesta na realidade estudada. Então, para chegarmos ao objeto pela perspectiva de seu significado, precisamos acessá-lo de forma indireta (STEIN, 2004).

Para Stein (2004), a fenomenologia hermenêutica tende a dar visibilidade aos dois enfoques do discurso: o hermenêutico e o apofântico, entendido como lógico-analítico. Heidegger (2008) considera o questionar como um buscar, e toda a busca retira do ser que se busca a direção prévia, portanto, o questionar o ser é um buscar direcionado naquilo que é e como é. Portanto, Stein (2004) refere que Heidegger orienta sua busca pelo ser, por meio do método fenomenológico de velamento e desvelamento.

A forma de observar e compreender o mundo fenomenologicamente está fundamentada no existencialismo, considerado como vertente filosófica na qual o ser é responsável por suas escolhas e pelo delineamento de sua vida, logo, compreender este ser em sua existencialidade tende a revelar sua essência e, por conseguinte, um modo de ser-no-mundo que pode ter aproximações com outros seres enquanto experiência de estar-no-mundo. O fenômeno só pode ser evidenciado se indagado e revelado por si mesmo.

4.1 COMPREENDENDO A HERMENÊUTICA EM HEIDEGGER

A concepção fenomenológica que busca desvelar o fenômeno traz, como modo de olhar o mundo, a perspectiva hermenêutica, em que há, segundo Heidegger (2008, p.575; 2008/2,p.31-40), a pré-compreensão, a descrição e compreensão e a interpretação do fenômeno,

não como algo fragmentado ou sequencial, mas como algo que traduza o fenômeno. Para Stein (1973, p. 25), “o método especulativo-hermenêutico é o único possível e necessário para um pensamento que articula sua nova tarefa apoiado na estrutura binária de velamento e desvelamento: a questão do sentido do ser”. Para este mesmo autor, o método tem a intenção de pensar o ser que, enquanto está velado, precisa ser desvelado, por isso, o método não é algo exterior e puramente técnico, mas a perspectiva de reflexão sobre as coisas mesmas.

A abordagem hermenêutica de interpretar fenômenos é utilizada já há muito tempo, e tem como marco histórico a civilização grega, que a tratava como arte e técnica de interpretação de textos, tendo início, segundo Schleiermacher (2009, p. 17), “com o esforço dos gregos para preservar e interpretar os seus poetas e se desenvolve na tradição judaico-cristã de exegese das Sagradas Escrituras”.

Nesse sentido, a compreensão e a interpretação de textos há tempos seguem uma formalidade aos achados e permitir a descrição de fenômenos com rigor. Este é seu foco em uma perspectiva de explicar os fenômenos e aproximar-se da sua natureza como forma de compreender as vivências e experiências do ser-no-mundo. Nesse sentido, a ciência traz duas grandes correntes de análise, descritas por Schleiermacher (2009, p. 8) como ciências explicativas e compreensivas, e as distingue conforme sua perspectiva dizendo que “enquanto as ciências explicativas buscam determinar as condições causais de um fenômeno através da observação e da quantificação, as ciências compreensivas visam a apreensão das significações intencionais das atividades históricas concretas do homem”.

Para este mesmo autor, a hermenêutica intenciona descrever o pensamento por meio da linguagem, o que é tarefa complexa e difícil, e por isso mesmo considera que não há como separar a linguagem do pensamento e a impossibilidade de criar uma linguagem universal, tendo em vista a subjetividade do pensamento. Nesse contexto, a interpretação “não se refere apenas às expressões linguísticas, mas, antes que a própria linguagem interpreta o real” (SCHLEIERMACHER, 2009, p. 12).

A hermenêutica possui, portanto, uma tarefa ampla e contínua para compreender um pensamento descrito em algum modo de linguagem por alguém que vive ou viveu um determinado fenômeno e que deve descrever tal situação. Heidegger (2008, p. 77) diz que a “hermenêutica da presença torna-se também uma hermenêutica no sentido de elaboração de condições de possibilidade de toda

investigação ontológica”.

A compreensão pode ser observada como possibilidade para o fenômeno, mas o que significa compreender? Stein (2008) afirma que a ideia de compreensão está relacionada ao mundo, é uma estrutura que articulamos antes do pensamento consciente, é uma articulação conosco, com nosso modo de nos relacionarmos com o mundo.

Para Heidegger (2008), compreender significa ser, vinculando-se num poder-ser, em virtude do qual a presença sempre existe. Stein (1973, p. 26) refere que “o ser-aí enquanto finitude está entregue a si mesmo; por isso o movimento da compreensão é circular (o círculo hermenêutico)”. A ideia de círculo nos remete a algo que não tem fim, está continuamente ocorrendo de forma integrada e inseparável, a hermenêutica heideggeriana como método fenomenológico de observar o mundo nos é tão acessível.

Aqui não há distinção entre sujeito e objeto, o fenômeno a ser desvelado envolve o observador e o observado, tendo em vista a própria observação remeter ao sentido do ser, como observamos nas palavras de Stein (2008, p. 51):

compreender, no sentido amplo, constitui um método fundamental para todas as operações das ciências do espírito. Nas ciências da natureza, funciona o método explicativo, e nas ciências do espírito sobressai o método da compreensão. A diferença é que o método explicativo trabalha com as categorias univocamente fixadas na relação sujeito-objeto, e a compreensão trabalha com o que transborda das categorias, porque não se trata aí de ontologia da coisa, e sim de um universo existencial humano, ligado à liberdade, às decisões e às ações humanas.

Heidegger (2008), em suas proposições, destaca que a interpretação é o sentido metódico da descrição fenomenológica, a hermenêutica interpretativa. A linguagem é conjuntamente a casa do ser e a habitação da essência do homem, por meio da qual ele expressa a si mesmo na relação com o mundo. O caráter descritivo só poderá ser determinado cientificamente segundo o modo como os fenômenos vêm ao encontro, ou seja, a partir dele mesmo.

4.2 PRECEITOS ÉTICOS

A preocupação com os aspectos éticos deve permear todo o processo, desde a aproximação com a temática até o contato com as pessoas envolvidas nele.

Os preceitos éticos instituídos pela Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996), foram observados e respeitados durante toda a trajetória do estudo. O projeto foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina sob o protocolo nº 1086/10. Após a aprovação, o protocolo foi disponibilizado e apresentado à coordenação da disciplina de Fundamentos para o Cuidado Profissional, local onde ele foi desenvolvido.

Os participantes do estudo foram convidados durante uma reunião com a coordenação da disciplina, foi apresentado a eles o projeto na íntegra e esclarecidas as dúvidas que surgiram. Foram informados sobre o desenvolvimento do estudo e sua livre participação, deixando-os à vontade para desistir em qualquer momento sem prejuízos de qualquer ordem.

A preservação do anonimato foi garantida, sendo que a identificação dos sujeitos no estudo foi codificada, utilizando a letra “A” (de acadêmico) e o número de sua participação. Ao final da reunião, em um ambiente privativo, coloquei-me à disposição para o agendamento da entrevista, bem como para a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

4.3 CARACTERIZAÇÃO DO CENÁRIO DO ESTUDO

O estudo foi realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no Centro de Ciências da Saúde, mais precisamente no Curso de Graduação em Enfermagem, o qual é consolidado na formação de Enfermeiros em todo o Estado de Santa Catarina; pelo seu currículo, corpo docente, e estrutura, que lhe confere um reconhecimento da comunidade enquanto centro de formação de profissionais na Enfermagem.

O Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina oferece a disciplina de Fundamentos para o Cuidado Profissional de Enfermagem na terceira fase, na qual o acadêmico

vivencia momentos de aprendizagem do cuidado. Esta disciplina utiliza as metodologias ativas operacionalizadas por grupos de tutoria e facilitação.

Carraro et al. (2011, p. 250) salientam que esses grupos de tutoria “representam a organização para o desenvolvimento dos conteúdos a serem discutidos/refletidos, e são compostos por um professor tutor, dois professores facilitadores e até 12 acadêmicos”. Nessa perspectiva, as “atividades práticas diretas são realizadas em ambiente simulado e real – os cenários de prática –, acompanhadas por um professor facilitador”. Para as mesmas autoras, “estas vivências com os sujeitos neste processo de ensino-aprendizagem requerem diversas estratégias para o desenvolvimento dos temas propostos para esta disciplina” (CARRARO, 2011, p. 250), dentre elas um momento denominado de socialização, no qual todos os grupos se encontram para relatar suas experiências.

As metodologias ativas são estratégias de ensino que buscam transformar o educando em um sujeito ativo, crítico e com capacidade de transformar-se e transformar o seu contexto. São técnicas de ensino que permitem trabalhar a representação do conjunto das questões, que exercitem a comunicação, o trabalho em equipe, os compromissos estabelecidos no grupo a partir dos contratos de convivência de e com o diferente (REDE UNIDA, 2007).

Nessas atividades, proporciona-se um ambiente para a libertação, onde “o educando é ativo, aprende fazendo e refletindo sobre o que faz. A interação é cooperativa e participativa; todos se ajudam no grupo” (REIBNITZ; PRADO, 2006, p. 227). Neste sentido, a autonomia é um dos principais princípios considerados nesta abordagem, por isso, as metodologias ativas buscam a motivação do docente e do discente por meio da problematização. Esta estratégia permite examinar, refletir e ressignificar as suas descobertas, proporcionando o contato do acadêmico com o conhecimento a fim de promover seu desenvolvimento (MITRE, 2008).

No cenário de aprendizado, há um movimento contínuo no processo de ensino-aprendizagem, onde o acadêmico e o professor convivem harmonicamente e buscam relacionar-se de maneira que não existam distâncias entre o ensinar e o aprender. Dessa forma, a docência passa a ser revisitada por ambos, onde as reflexões transcendem o contexto do conteúdo e passam a ser momentos de troca, de intimidade e proximidade, com isso o professor consegue captar as necessidades de aprendizagem do acadêmico e sente-se à vontade para descrever seu conhecimento.

Esta fase acadêmica caracteriza-se como o encontro do acadêmico com os cenários de cuidado hospitalares, e este momento é permeado por transformações pessoais gerando reflexões acerca de suas escolhas, tendo em vista que, ao vivenciar o cuidar do outro e o cuidar de si, o acadêmico aproxima-se do desconhecido.

A abordagem está alicerçada em uma educação propugnada pelos existencialistas, a qual enfatiza a singularidade do acadêmico motivando-o a partir dos aspectos vivenciais da existência para o conhecimento de um sentido próprio a si. Tal conhecimento faz com que o indivíduo tome consciência de sua condição de existente, bem como de seus riscos, seus dilemas, valendo-se deles para conhecer seu mundo melhor (KAHLMEYER-MERTENS, 2008).

4.4 CARACTERIZAÇÃO DO SER-ACADÊMICO-DE-ENFERMAGEM

Os sujeitos do estudo são acadêmicos de enfermagem que vivenciam a terceira fase do curso, considerado um momento importante no processo de formação deste profissional enfermeiro, tendo em vista que, pela estrutura curricular, até esta fase, eles ainda não tiveram contato com o cuidado hospitalar, e então inicia-se um processo de reconhecimento de novas perspectivas de cuidado na enfermagem.

Considerou-se, como critério de inclusão, ser acadêmico matriculado na disciplina de Fundamentos para o Cuidado Profissional de Enfermagem, do Curso de Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal de Santa Catarina, no primeiro semestre do ano de 2011.

A aproximação com os acadêmicos neste período de seu processo de formação configura-se em um momento temporal importante, no qual as descobertas de limites e possibilidades pessoais estão em movimento com relação ao cuidado. Neste ínterim, o acadêmico se conhece e conhece o outro, e a enfermagem aqui é a via, ou o modo de transitar em seu processo de formação.

A turma dessa disciplina era composta por 40 acadêmicos, dos quais dez se disponibilizaram para participar deste estudo compondo a totalidade dos participantes. A obtenção dos depoimentos realizou-se nos meses de março a maio de 2011.

4.5 APROXIMAÇÃO FENOMENOLÓGICA DAS INFORMAÇÕES

A busca dos depoimentos ocorreu por meio da entrevista fenomenológica, a qual proporcionou a compreensão e interpretação do fenômeno. Para Schleiermacher (2009), compreender é uma arte e caracteriza-se como sendo um esforço consciente e metódico, sobre o qual a hermenêutica deve refletir para que o fenômeno seja interpretado. Essa prática metódica tem como pressuposto o controle das compreensões imediatas, denominadas de pré-compreensões, como possibilidade para a interpretação a partir do que se mostra.

Para Heidegger (2008, p. 204-205), “compreender é o ser existencial do próprio poder-ser da presença de tal maneira que, em si mesmo, esse ser abre e mostra a quantas anda seu próprio ser”. Nesse sentido, a interpretação, para o mesmo autor, funda-se sempre em uma visão prévia do fenômeno, que é parte do que foi assumido como uma posição prévia, e segundo uma possibilidade determinada de interpretação.

Considera-se a entrevista fenomenológica como um momento capaz de olhar atentamente o fenômeno a partir da fala originária e possibilitar a sua compreensão e interpretação, a partir da pré-compreensão. Tendo em vista que a entrevista fenomenológica caracteriza-se por um momento de aproximação, empatia, acolhimento e reconhecimento mútuo entre o entrevistador e o entrevistado, esta foi desenvolvida de forma tranquila, em um ambiente em que ambos se sentiram seguros e confortáveis para falar e ouvir atentamente.

Este momento ímpar permitiu a aproximação com a essência do fenômeno, para que seja compreendido, descrito e interpretado, como preconizou Carvalho (1991), ao afirmar que uma entrevista fundamentada na fenomenologia tem a intenção de buscar, por meio da linguagem, uma manifestação que seja fala originária, e que possibilite a mediação com o outro e a comunicação com o mundo.

Assim,

o momento da entrevista não pode ser visualizado como um procedimento mecânico, mas como um encontro social, uma relação pesquisador-pesquisado caracterizada pela empatia, intuição e imaginação (CORREA, 1997, p. 85).

Este momento de busca da fala originária proporcionou a

aproximação dos envolvidos, por isso, não há regras quanto a possíveis passos ou critérios de abordagem técnica sequenciais, o encontro aconteceu empaticamente e a linguagem de comunicação foi construída no transcorrer das falas e dos gestos manifestados naquele instante singular.

A entrevista fenomenológica é considerada como uma estratégia adequada para apreender o significado do que se pesquisa. Segundo Sebold (2011), ela deve ser constituída com uma única questão norteadora, deixando, assim, o entrevistador e entrevistado aberto para discorrer sobre o fenômeno, pois o que está em jogo é sua essência. Este momento constituiu-se pela intersubjetividade e empatia. Para a mesma autora, este encontro se consolida no contato dos seres com o intuito de revelar-se mutuamente.

A entrevista fenomenológica de cada sujeito foi audiogravada, transcrita posteriormente e guardada em arquivo do World em pendrive e HD externo, além de ser preservada em uma versão impressa. A leitura repetida das falas do ser-acadêmico deu sustentação à compreensão e à interpretação hermenêutica proposta neste estudo; os dados referentes à transcrição foram codificados dando origem às unidades de significados; e estas, por sua vez, subsidiaram a interpretação. A compreensão fenomenológica sugerida por Heidegger (2008, p. 575; 2008/2, p. 31-40) ocorre por meio do movimento hermenêutico, no qual não há evento ou momento isolado, todos os elementos estão em jogo simultaneamente em uma interconexão.

A entrevista foi realizada em um único momento, após agendamento prévio com o acadêmico conforme sua disponibilidade de horário e tempo. Para garantir maior privacidade, o encontro foi marcado em uma sala de aula no Campus Universitário da UFSC, mais precisamente no Centro de Ciências da Saúde.

Ao chegarmos na sala onde a entrevista iria ocorrer, as cadeiras eram posicionadas uma diante da outra, para se ter pleno contato visual. Inicialmente era explicitado sobre como a o diálogo ocorreria, salientando que o acadêmico estaria livre para se expressar.

Como possibilidade para o fenômeno ser desvelado, lançou-se a seguinte pergunta: Que experiências de cuidado você tem lembrança em sua vida?

Para favorecer a manifestação do ser-acadêmico-de-enfermagem foi utilizada uma estratégia denominada de “Movimento da Temporalidade”, que vincula-se à perspectiva da historicidade heideggeriana, registra os acontecimentos e as experiências.

A estratégia foi utilizada com sucesso em um estudo

desenvolvido por Cerveny (2000), que, por conta da temática, a denominou de “Linha de Tempo Familiar”. A referida autora apropria-se deste elemento trazido de estudos históricos por acreditar que uma linha de tempo auxilia no registro das informações.

Neste momento, ele refletia sobre as experiências de que tinha lembrança e como concebia o cuidado, anotando em uma folha de papel, ao mesmo tempo em que o descrevia oralmente. Este momento foi particularmente rico, pois proporcionou reflexões sobre a vida do acadêmico, na medida em que, ao refletir sobre sua vida pregressa, era tomado por lembranças as quais, nas ocasiões em que ocorreram no passado, não eram consideradas como cuidado, mas, agora, ele as considerava um momento de cuidado.

Durante os relatos, diferentes sentimentos emergiam – tristeza, alegria, saudosismo –, trazidos pelas lembranças sobre os fatos e pessoas do passado. Essas lembranças denotam a vertente da historicidade, ou seja, ao descrever fatos objetivos de sua vida, o ser-acadêmico buscava temporalmente os significados.

A estratégia de um movimento da temporalidade que pudesse representar vivências pontuais de cuidado para o ser-acadêmico e, simultaneamente, fosse um elemento de aproximação com a pré-compreensão do fenômeno ultrapassou sua intenção primeira, em virtude de ter permitido, pelo uso da linguagem, o acesso aos aspectos subjetivos neste momento.

Heidegger (2008) descreve esta possibilidade de analítica existencial como historiografia e historicidade, a qual permite observar e acessar, pela lembrança, fatos vivenciados pelo ser. Esta pesquisa trabalha nesta perspectiva heideggeriana e se utiliza modos para desvelar os eventos descritos pelo ser-acadêmico e sua perspectiva temporal.

4.6 OS MODOS DE INTERPRETAÇÃO DOS DEPOIMENTOS

Os modos de descrição das experiências constituíram-se em um momento especial neste estudo, tendo em vista a abordagem fenomenológica e sua intencionalidade, pois, segundo Cooffey e Atkinson (2003), existem muitas maneiras de analisar dados qualitativos, sendo que podem significar coisas diferentes para diferentes pessoas.

O modo de análise dos depoimentos é considerada um momento

único de aproximação, descrição, apresentação dos significados e interpretação de forma minuciosa e ampla, no sentido de estar conectada, além das palavras, com a linguagem trazida pelo diálogo intersubjetivo dos envolvidos, que permite a imersão na essência. Assim, a busca pelos significados deve também estar vinculada nesta perspectiva, onde a intenção de interpretação é tarefa do pesquisador. Coofey e Atkinson (2003), ao descreverem a análise, consideram a descrição como derivada da pressuposição subjacente de que os dados devem falar por si mesmos, e a interpretação do pesquisador leva em consideração tal assertiva.

Neste caminhar hermenêutico que utiliza os três enfoques heideggerianos denominados de pré-compreensão, compreensão e interpretação, as aproximações vão sendo feitas entre os significados que emergem das falas do ser e ganham movimento contínuo de velamento e desvelamento.



Figura 1 – Círculo Hermenêutico deste estudo²

Fonte: Elaborado a partir deste estudo.

² Figura ilustrativa elaborada a partir da leitura do círculo hermenêutico descrito por Heidegger (2008, p.575; 2008/2,p.31-40).

Neste estudo, o modo de interpretação dos discursos é um processo contínuo que tem início desde o primeiro contato com o fenômeno, o ser-acadêmico-de-enfermagem e o cuidado. Nesse processo, as etapas propostas pelo método hermenêutico acontecem simultaneamente durante a aproximação com o acadêmico, desde a entrevista, descrição das experiências, sua transcrição e leitura atenta, constituição das unidades de significados que emergiram das falas dos sujeitos, até a interpretação, quando a essencialidade do fenômeno é possível de ser desvelada. Porém, tendo consciência de que a realidade não pode ser completamente desvelada e de que apenas é plausível lançar um olhar a um fenômeno intencionalmente escolhido, este momento caracteriza-se como uma proposta de desvelamento e de interpretação.

5 INTERPRETAÇÃO DOS SENTIDOS DO SER-ACADÊMICO-DE-ENFERMAGEM E O CUIDADO

A interpretação dos significados é descrita pela historicidade e historiografia. Considera-se aqui historicidade a compreensão existencial do fenômeno, onde o ser-acadêmico-de-enfermagem manifesta-se em suas possibilidades como ser de cuidado.

A historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem constitui-se em suas experiências de cuidado, desveladas pela linguagem e descritas temporalmente. Essas experiências estão imersas de significado, e em cada lembrança o ser a descreve autenticamente.

O movimento da temporalidade do ser-acadêmico-de-enfermagem no cuidado descreve contextos históricos relacionados à sua vida. Esta manifestação do pensamento leva em consideração a história e revela-se por sensações e sentimentos no ser, ao lembrar-se de situações passadas que lhe causaram emoções. As lembranças envolvem normalmente pessoas próximas, familiares, amigos, vizinhos, colegas de escola, professores; seres que fizeram parte da sua vivência e que de uma forma ou de outra o sensibilizaram.

O movimento temporal e histórico do ser-acadêmico-de-enfermagem, permite que ele retome situações significativas em sua vida, e ao lembrar registra-as. Este registro se configura em um momento de reflexão e retomada, compreensão e interpretação de suas experiências sobre o cuidado e suas nuances.

O ser-acadêmico-de-enfermagem, ao refletir sobre as experiências de cuidado em sua vida, assume sua posição histórica, ou seja, por meio de sua vida fática, da cotidianidade, o eu se manifesta e sua interioridade constitui-se como historicidade. A experiência fática é “um fenômeno essencialmente histórico de acordo com o modo de ser de sua própria realização; [...] não é primariamente um fenômeno histórico-objetivo, mas um fenômeno histórico realizador, que experimenta a si mesmo desse modo”. Neste contexto, “o fenômeno da existência, portanto, descortina-se apenas para uma realização histórica da experiência” (HEIDEGGER, 2008, p. 43).

A compreensão historiográfica do ser-aluno-de-enfermagem emergiu dos depoimentos e o movimento da temporalidade possibilitou o diálogo durante a entrevista registrando momentos pontuais; a historicidade, e desvela os significados do que foi manifestado, ambas as compreensões fenomenológicas dão sustentação à interpretação do fenômeno.

Atendendo às exigências do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC, os resultados foram apresentados em forma de manuscritos, diretamente vinculados ao objetivo do estudo e às indagações pessoais iniciais desta pesquisadora. A ordem de apresentação dos manuscritos – apresentados a seguir – não lhes confere grau de relevância no estudo, mas sua sequência foi baseada no círculo hermenêutico que denota o movimento do ser-aluno-de-enfermagem na caminhada para a interpretação.

5.1 A COMPREENSÃO HISTORIOGRÁFICA

Este é o momento de apresentação dos significados que emergiram da entrevista fenomenológica e foram registrados no movimento da temporalidade, contexto de aproximação entre o ser-acadêmico e o ser-pesquisador. Este movimento constitui-se em elemento importante para o que vamos delimitar aqui como compreensão do fenômeno. Ao retomar seus vividos, o ser-acadêmico retoma vivências e experiências e as descreve como momentos de significado em sua vida.

A partir desta construção historiográfica, o ser-acadêmico se reconhece como ser temporal e assume sua historicidade diante de si. A partir disso, os elementos descritos pela linguagem escrita e falada foram transferidos para o que definimos como “Movimento da Temporalidade”, mas que em sua essência é a historiografia de cada ser representada.

A compreensão não se configura, como já foi mencionado anteriormente, em uma etapa separada no círculo hermenêutico, mas se mantém em todo o trajeto de desvelamento, por isso, a intenção é apresentar o ser-acadêmico-de-enfermagem no processo de revelação de sua concepção de cuidado, que ocorre em sua vida, por meio de vivências e experiências que o significam.

Os acontecimentos descritos no "Movimento da Temporalidade" apontaram para o modo de ser do ser-acadêmico-de-enfermagem e seus modos de cuidado, conforme apresentamos a seguir:

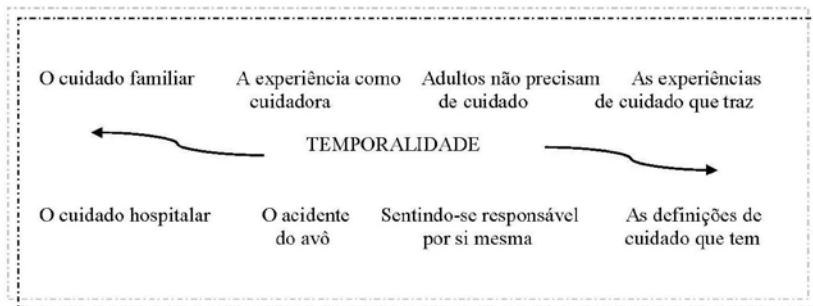


Figura 2 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 1

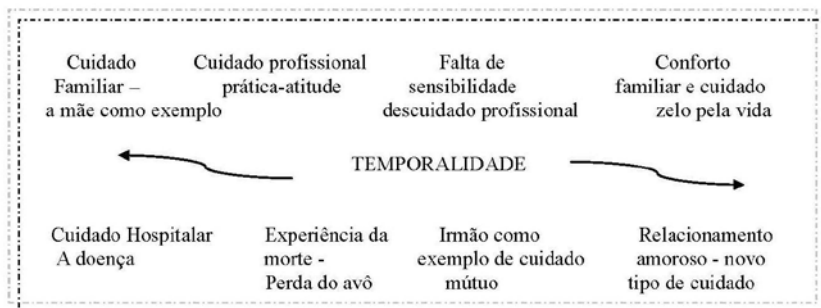


Figura 3 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 2



Figura 4 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 3

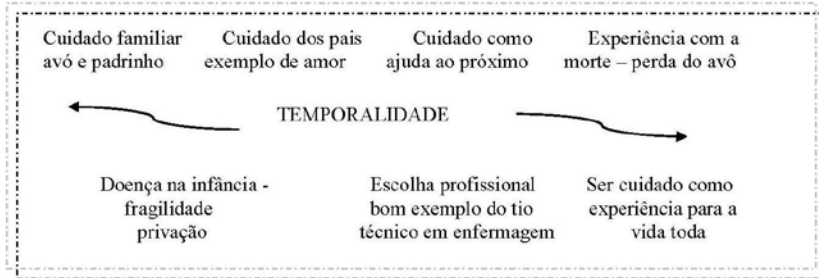


Figura 5 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 4

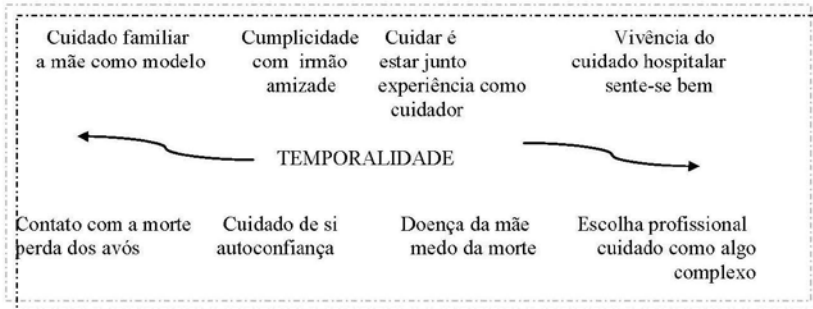


Figura 6 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 5

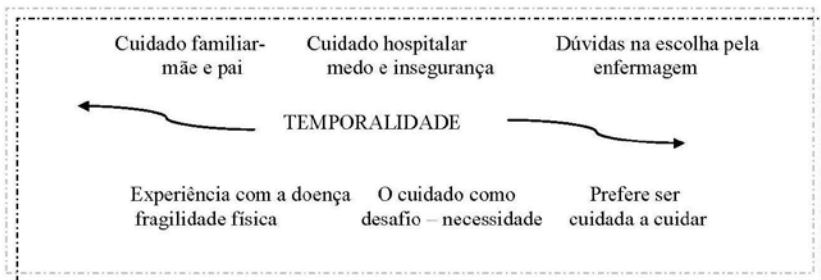


Figura 7 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 6

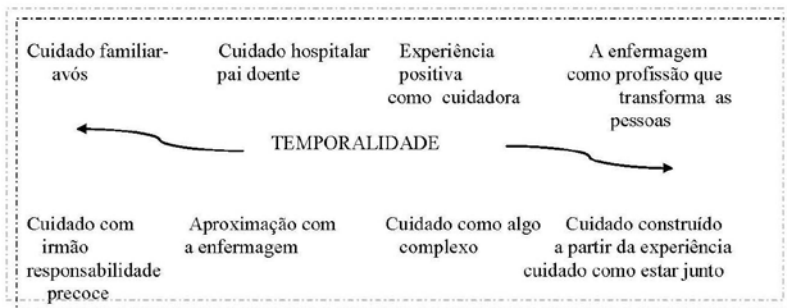


Figura 8 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 7



Figura 9 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 8

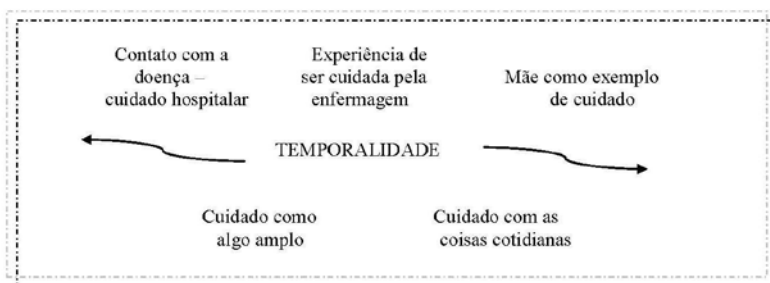


Figura 10 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 9

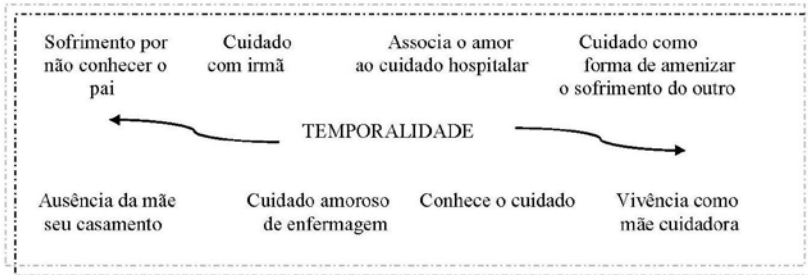


Figura 11 – Historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem 10

5.2 A HISTORICIDADE COMO INTERPRETAÇÃO DO SER-ACADÊMICO-DE-ENFERMAGEM E O CUIDADO

Ao observar as descrições do ser-acadêmico-de-enfermagem de forma atenta e compreensiva, percebemos aproximações quando se referem às vivências de cuidado familiar, descrevem o cuidado amoroso, carinhoso. A referência de cuidado familiar está vinculado à mãe, aos avós e ao pai como primeira experiência.

Os irmãos são mencionados em um outro momento, como forma de amizade, companheirismo, companhia, ou como responsabilidade no que se refere ao cuidado. Ser cuidador e ser cuidado são duas dimensões percebidas nas falas, bem como a aproximação com o cuidado de enfermagem e o cuidado profissional, que fazem parte de suas vivências de diferentes modos.

Em cada momento, em cada expressão de suas experiências, o ser-acadêmico coloca-se no mundo, abrindo-se para as possibilidades de ser-para-o-cuidado.

A descrição historiográfica do ser-acadêmico-de-enfermagem possibilitou a interpretação do fenômeno, constituindo sua historicidade. Esta fundamenta os manuscritos descritos a seguir.

O manuscrito intitulado: O cuidado na perspectiva da história, cultura e tradição: um olhar em Heidegger e Gadamer, tem uma estrutura diferente dos demais, por ter sido estruturado a partir da experiência do estágio 'sandwich' realizado na Universidade de Alberta, Canada. À partir da leitura das transcrições da primeira entrevista, juntamente com a supervisora canadense, emergiu a possibilidade de

desvelar o ser-acadêmico-de-enfermagem em seu modo histórico, cultural e tradicional, à luz de dois pensadores fenomenológicos: Heidegger e Gadamer, com o intuito de aproximar seus modos de conceber tais sentidos do ser-acadêmico-de-enfermagem.

5.3 MANUSCRITO 1 - VIVÊNCIA DE CUIDADO DO SER-ACADÊMICO-DE-ENFERMAGEM: HISTÓRIA, CULTURA E TRADIÇÃO EM HEIDEGGER E GADAMER

Vivência de cuidado do ser-acadêmico-de-enfermagem: história, cultura e tradição em Heidegger e Gadamer

Experience of Care Be-nursing-student: history, culture and tradition Heidegger and Gadamer view

La experiencia de la Atención Ser-estudiante-de-enfermería: historia, cultura y tradición en Heidegger y Gadamer

Silvana Silveira Kempfer
Brenda Cameron
Telma Elisa Carraro

Resumo: Objetivo: desvelar a experiência do ser-acadêmico sobre o cuidado nos modos de ser do ser-acadêmico-de-enfermagem na família, história, cultura e tradição. **Método:** pesquisa fenomenológica com referencial teórico hermenêutico de Heidegger, caracterizado por pré-compreensão, compreensão e interpretação do fenômeno. O sujeito é um acadêmico da terceira fase do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. A entrevista fenomenológica ocorreu em Março de 2011, foi audiogravada e transcrita posteriormente, sustentando a compreensão e interpretação dos dados. **Resultados:** Emergiram as seguintes unidades de significado: As primeiras experiências de cuidado; A experiência de viver em uma nova casa, com seu pai, sua madrasta e um irmão para estudar; Experiências de aprendizagem de novos conhecimentos: analisa e acresce novas tradições em sua vida; Vivenciando o cuidado da mãe, da avó e do avô: tempo de ser para a morte. **Conclusão:** A historicidade permite compreender e interpretar o mundo deste ser-acadêmico, que se constitui como ser-no-mundo, sendo influenciado pela cultura, tradição e família.

Palavras-chave: Estudantes de Enfermagem; Cuidados de Enfermagem; Relações Familiares; Cultura.

Abstract: Objective: to reveal the experience of being-an-academic concerning care under the following approaches: family, history, culture and tradition. **Method:** a phenomenological research based upon Heidegger hermeneutic theoretical referential, characterized by pre-understanding, understanding and phenomenon interpretation. One nurse student of the third phase of the Nursing Course at the Federal University of Santa Catarina is the subject of the study. Data were collected from March to May 2011 by means of phenomenological interviews, which were audiotaped and later transcribed, sustaining understanding and interpretation of data. **Results:** the following units of meaning emerged: The first experiences of care; The experience of living in a new home to study, with the father, stepmother and a brother; Experiences of learning new knowledge: analysis and adding new traditions in life; Experiencing taking care of the mother, grandmother and grandfather: time of being towards death. **Conclusion:** Historicity allows understanding and interpreting the world of this student-being, constituted as a being-in-the-world, influenced by culture, tradition and family.

Key words: Nursing; Students; Nursing Care; Family Relations; Culture.

Resumen: Objetivo: mostrar la experiencia del ser-académico en la atención: la familia, la historia, la cultura y la tradición. **Método:** La investigación fenomenológica hermenéutica de Heidegger teórica, que se caracteriza por la pre-comprensión, comprensión e interpretación del fenómeno. El tipo es un estudiante de la tercera fase del Curso de Enfermería de la Universidad Federal de Santa Catarina . La recolección de datos se llevó a cabo entre marzo y mayo de 2011, la entrevista fenomenológica, que se transcribe más adelante y audiogravada, el apoyo a la comprensión e interpretación de los datos. **Resultados:** surgieron las siguientes unidades: las primeras experiencias de la atención, la experiencia de vivir en una nueva casa con su padre, su madrastra y un hermano para estudiar las experiencias de aprendizaje de nuevos conocimientos: análisis y añade nuevas tradiciones en su vida; Experimentar el cuidado de su madre, su abuela y su abuelo: la hora de la muerte. **Conclusión:** La historicidad que nos permite comprender e interpretar el mundo, es académica, ya que es estar en el mundo, siendo influenciado por la cultura, la tradición y la familia.

Palavras chave: Estudiantes de Enfermería; Atención de Enfermería; Relaciones Familiares; Cultura.

INTRODUÇÃO

A enfermagem vem construindo sua história vinculada ao cuidado ao ser humano, na tentativa de auxiliá-lo na manutenção de sua condição de bem-estar. Sua atuação se modifica a cada geração e a cada situação que se apresenta, fazendo com que suas ações de cuidado também se alterem e se adaptem a cada nova perspectiva e fenômeno. Para acompanhar estas constantes mudanças no perfil do profissional de enfermagem, há um movimento simultâneo do processo de ensino-aprendizagem a fim de aproximar a vivência do acadêmico ao contexto profissional.

Naturalmente, o processo de formação influencia nos modos de ser do acadêmico de enfermagem e, de certa forma, o conduz a fazer suas escolhas de atuação profissional, optando por este ou aquele tipo de cuidado, por esta ou aquela área de especialização. Porém, há aspectos subjetivos envolvidos neste processo e que se apresentam neste contexto, os quais dizem respeito à história de vida de cada acadêmico, de cada ente aqui descrito fenomenologicamente como ser de possibilidades. Nesse sentido, a expressão “fenômeno”, a partir da interpretação grega, “significa mostrar-se, por isso, fenômeno diz respeito ao que se mostra; o que se revela” (HEIDEGGER, 2008, p. 67). Estes aspectos subjetivos muitas vezes não observados ou não mencionados nos processos de formação do acadêmico precisam ser conhecidos, desvelados, evidenciando outra dimensão do cuidado objetivamente apreendido, como uma possibilidade de ampliar a compreensão e a interpretação do cuidado que vem sendo desenvolvido pelos profissionais atualmente.

Tais aspectos objetivos e subjetivos são interpretados neste manuscrito a partir da linguagem; da expressão do próprio ser que vivenciou ou experienciou o fenômeno, para extrair suas concepções de cuidado. Pois “se a história pertence ao ser da presença, e este se funda-se na temporalidade, então a análise existencial da historicidade deve começar com as características do que é histórico, que possuem, visivelmente, um sentido temporal” (HEIDEGGER, 2008, p. 471).

A descrição da história do ser pode revelar outras dimensões e possibilidades, incluindo o tempo e o espaço experienciado e seu significado em cada momento, podendo ser revisitado e observado sob

outros aspectos, avaliado e revivido de forma diferente do que foi no momento, onde “a análise da historicidade da presença busca mostrar que esse ente não é temporal porque se encontra na história, mas, ao contrário, que ele só existe e só pode existir historicamente porque, no fundo de seu ser, é temporal” (HEIDEGGER, 2008, p. 468).

A complexidade do cuidado humano faz com que o constructo de conhecimentos da enfermagem seja a cada dia mais consolidado e sejam mais conhecidas as particularidades e nuances de cada situação. Para desempenhar as funções de cuidar, antes é preciso conhecer o indivíduo em sua existencialidade, saber de seus problemas, suas angústias, sua sintomatologia, bem como conhecer seus desejos, concepções culturais, seus hábitos e sua perspectiva de vida. Como pode um enfermeiro cuidar sem conhecer? Mas como conhecer sem se aproximar? Por isso, a aproximação do profissional é fundamental para que se possa estabelecer uma relação que possibilite o cuidado.

Tradicionalmente, nas pesquisas, a descrição do cuidado de enfermagem é realizada pelo paciente, pela enfermagem, pelos integrantes da equipe de saúde, e em algumas circunstâncias pelos familiares e acompanhantes de pacientes que receberam cuidados. Este manuscrito busca desvelar o cuidado a partir da perspectiva de um ser-acadêmico-de-enfermagem, tomando como marco suas experiências de cuidado, onde vários eventos constituem a sua historicidade se configurando como possibilidades de cuidado em sua profissão. O estudo tem o objetivo de desvelar a experiência do ser-acadêmico-de-enfermagem sobre o cuidado, trabalhando com o modo do ser-acadêmico-de-enfermagem na família, história, cultura e tradição.

METODOLOGIA

Estudo de natureza qualitativa com abordagem fenomenológica utiliza o referencial teórico de Heidegger, sendo a perspectiva hermenêutica caracterizada pela pré-compreensão, compreensão e interpretação do fenômeno, não como algo fragmentado ou sequencial, mas como algo que se traduz em movimento. A “hermenêutica da presença torna-se também uma hermenêutica no sentido de elaboração de condições de possibilidade de toda investigação ontológica”, descrevendo ainda a “fenomenologia da presença e hermenêutica no sentido originário da palavra, em que se designa o ofício de interpretar” (HEIDEGGER, 2008, p. 77).

O estudo teve como sujeito um acadêmico matriculado na terceira fase do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal

de Santa Catarina. Os significados foram desvelados em março de 2011, por meio de entrevista fenomenológica.

A entrevista fenomenológica teve como pergunta de pesquisa: que experiências de cuidado você tem lembrança em sua vida? Para responder a pergunta utilizou-se a estratégia denominada “Movimento da Temporalidade”. O ser-acadêmico-de-enfermagem traçava uma linha em um papel em branco, representando suas vivências e experiências de cuidado. A entrevista ocorreu em uma sala na Universidade Federal de Santa Catarina, escolhida pelo ser-acadêmico-de-enfermagem, o qual também escolheu o seu agendamento, a mesma foi audiogravada e transcrita, após leitura repetida dos dados, deram sustentação à compreensão e à interpretação hermenêutica. O ser-acadêmico-de-enfermagem recebeu o pseudônimo de Alice para preservar seu anonimato.

Foram atendidas as exigências da Resolução 196/96 (BRASIL, 1996), que trata da pesquisa com seres humanos. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina sob o protocolo nº1086/10. O sujeito assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A análise dos significados desvela o ser-acadêmico-de-enfermagem e o cuidado nos movimentos de: pré-compreensão, compreensão e interpretação. Emergiram da descrição das experiências as seguintes unidades de sentido: as primeiras experiências de cuidado; A experiência de viver em uma nova casa, com seu pai, sua madrasta e um irmão para estudar; Experiências de aprendizagem de novos conhecimentos: analisa e acresce novas tradições em sua vida; Vivenciando o cuidado da mãe e dos avós: tempo de ser para a morte.

APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS

Em uma investigação fenomenológica há uma aproximação dos seres envolvidos; o que observa e o observado dão espaço a um processo mútuo, do mesmo fenômeno. Neste contexto onde a realidade se objetiva naquilo que denominamos vida, aqui considerada como “o âmbito, a realidade fundamental, o circum-includente unitário, dentro do qual são erigidos todos os fenômenos” (HEIDEGGER, 2008, p.30), podemos nos aproximar do fenômeno com mais clareza, para descrevê-lo e interpretá-lo.

O cenário de observação fenomenológica é a própria existência, onde tudo acontece e se materializa, a partir do si mesmo, descrito como “o que e em suas remissões ao mundo próprio, ao mundo compartilhado

e ao mundo circundante. O sentido desses direcionamentos da experiência, por sua vez, é em última instância um sentido histórico, ligado ao mundo próprio” (HEIDEGGER, 2008, p.45). A descrição da experiência no âmbito histórico, sobre o solo da vida, é considerada como historicidade, onde o tecido é constituído pelas vivências.

Aqui Heidegger (2008, p. 471) descreve a historicidade, ou seja, a história é o acontecer específico da presença existente que se dá no tempo. É esse acontecer que vale como história, em sentido forte, tanto o passado como também o legado que ainda influi na convivência.

São apreendidos de forma própria, subsidiando a compreensão e a interpretação do fenômeno do cuidado.

A descrição histórica da experiência vivida dá acesso ao desvelamento do fenômeno, que volta a velar-se neste movimento da vida e do vivenciar, compreendidos como “experimental, apreender, alcançar-para-si, e ligado a isto de maneira obscura como um “ser-aí-em-tal-vivenciar” (HEIDEGGER, 2008. p. 25). A experiência envolve aspectos pessoais, íntimos, também velados para o próprio ser-aí, e, por meio da retomada, alcançando sua memória, e revisitando seus antigos pensamentos sobre o fenômeno, estes momentos podem novamente ser revividos, refletidos e descobertos. Heidegger (2008, p. 479) menciona que “na retomada, o envio comum do destino pode abrir-se explicitamente ou ater-se à herança legada. É a retomada que revela para a presença a sua própria história.”

Ao relembrar de sua história, o ser se abre para outras possibilidades, e, pela reflexão dos fenômenos revisitados tende a escolher seus caminhos, pois na “retomada, marcada pelo vigor de ter sido um destino de possibilidades, a presença se recoloca imediatamente no ter sido antes dela, ou seja, no que é temporalmente extático” (HEIDEGGER, 2008 p. 483). Aqui o ser temporal materializa os eventos marcantes em sua vida passada e presente, construindo uma descrição historiográfica a partir de suas lembranças, as quais constituem o próprio ser, mas para Heidegger (2008, p. 468) “mesmo numa construção historiográfica, a presença faticamente precisa e se vale de calendário e de relógio. Ela faz a experiência do que com ela acontece, como acontecendo no tempo”. Esta concepção cronológica é descrita aqui, para ser compreendida e interpretada a partir da vida e do vivido deste ser-acadêmico-de-enfermagem, da qual emergiram quatro

unidades de significado, descritas a seguir.

As primeiras experiências de cuidado

Alice retoma suas experiências de cuidado, re-memora situações de sua vida, suas histórias e anedotas sobre ser cuidada por sua mãe, sua avó e seu avô. Há quatro dimensões de sua experiência de cuidado: história, tradição, cultura e família, que fazem parte de sua noção e compreensão do que significa cuidar, experienciando o cuidado. O cuidado é geralmente vinculado a uma atitude ou ação de um ser para com o outro, em um movimento de auxílio e preocupação, porém, quando ocorre algum fenômeno que não pode ser definido precisamente ou materializado em um evento único também há uma condição de cuidado.

Considerando a dimensão histórica, Alice descreve algumas situações. Dentre elas, relembra de suas hospitalizações, onde era cuidada por sua família em casa e no hospital. Alice relata sua lembrança mais antiga de cuidado, relacionada à sua avó e aos pais, quando era bebê, conforme podemos observar nesta passagem:

A mais antiga lembrança que tenho, não que tenha; a minha avó e minha mãe que contam, que quando eu era bebê, não sei exatamente por que, mas chorava muito à noite, e a minha avó às vezes tinha que cantar canções de igreja pra me acalmar. Teve uma vez que ela dormiu no meio da minha mãe e do meu pai, para cantar para eu dormir e me acalmar [...].

Este relato remete ao cuidado amoroso que sua avó demonstrou desde seu nascimento e, que hoje, a faz lembrar de um momento em que sua família ainda era constituída por pai, mãe e avó, o que mais tarde não fará mais parte de sua vida.

Justamente em uma fase bem complicada de minha infância, não sei exatamente o período, mas foi antes dos sete anos, eu ia muitas vezes, para o hospital, nada grave, mas tinha sempre inflamação na garganta, qualquer aguinha gelada, picolé, [...] geralmente tomava e no outro dia estava no hospital com febre alta. Minha mãe e meu pai viviam comigo no hospital.

Em outro momento de fragilidade, despertou maior preocupação e cuidado dos pais:

Uma vez me deu convulsão, minha mãe conta que foi um grande susto, porque eu estava com febre alta e eles estavam me levando para o hospital quando tive uma convulsão. Fiquei internada, pois fiquei muito tempo desacordada, foi sério. Para eles foi um susto, achavam que podia acontecer uma coisa mais grave [...].

A sua condição de saúde na infância a levava frequentemente ao hospital, onde recebia cuidados, denotando a importância de sua família, o cuidado de sua mãe e seu pai, bem como a preocupação e o medo de ambos com a fragilidade da filha. Nesta passagem, Alice refere uma forte vivência em sua infância, havendo inclusive risco de morte. Este relato demonstra que o cuidado permeou sua infância, e neste momento de reflexão, ao retomar sua infância por meio de suas lembranças, Alice verbaliza o cuidado hospitalar como parte de sua vida, porém não faz referências ao serviço de saúde ou aos profissionais que a cuidaram, descreve até aqui o cuidado familiar.

A partir da vivência relatada emergem significados importantes, como a consciência da morte como parte da vida, a insegurança, o medo, a fragilidade e a vulnerabilidade aos quais todos são lançados. Por isso, “vivenciar significa, de início, ainda estar vivo, quando algo acontece. Vivenciado é sempre o que nós mesmos vivenciamos.” (GADAMER, 1999, p. 118). O envolvimento do ser em sua própria fragilidade mantém velados alguns aspectos da vida, bem como desvela outros, caracterizando-se como uma vivência. A palavra “vivenciar”, para Gadamer (1999, p. 118), tem a conotação de “imediatez com que se abrange algo real – ao contrário daquilo que se pensa saber, mas para o qual falta a credencial da vivência própria, quer o tenhamos recebido de outros, ou venha do ouvir falar, quer o tenhamos deduzido, intuído”.

Na dimensão da tradição, Alice menciona sobre algumas possibilidades de como manter boa saúde ou os costumes de sua família que garantem a boa saúde, considerando aqui tradição como “herança cultural, isto é, a transmissão de crenças ou técnicas de outra geração” (ABBAGNANO, 2007, p. 1047-49). A tradição normalmente é constituída pelas experiências de outras pessoas que são passadas pela linguagem e que de uma forma ou de outra se mantêm presentes até os

dias atuais, mesmo que não sejam mais aceitas em sua totalidade, mas perpetuam-se na história de cada civilização, como uma descrição de seu tempo.

O cuidado também faz parte deste contexto tradicional, na medida em que a herança cultural de cuidar passa de geração a geração e ainda pode ser lembrada na atualidade. O conhecimento adquirido e repassado na família é considerado como um movimento tradicional, que mantém as crenças em determinadas práticas de cuidado.

Têm as crenças, que trago da minha avó e da minha mãe; há algumas coisas que ainda não sei se são verdade ou mentira; por exemplo: a minha avó diz que na época dela quando ficava menstruada não lavava o cabelo, ela ouviu casos de pessoas que morriam porque lavavam o cabelo. Não sei se isso é verdade ou não, mas na minha realidade é. No começo eu ficava em dúvida, porque, minha avó sempre diz isso: houve caso das pessoas que morreram, e minha mãe dizia também, pois já vem da minha avó, então eu ficava em dúvida.

A tradição aqui também se relaciona com a aproximação de Alice com uma profissão da área da saúde, pois sua mãe e sua família nunca demonstraram tal afinidade, ao contrário, de certa forma, preferiam ficar longe dos profissionais da saúde. Este medo de médicos e de hospital, bem como de qualquer procedimento que possa invadir ou ferir o corpo, demonstram para Alice uma fragilidade da família, mas principalmente da mãe:

Têm diferenças da minha mãe também, que são contraditórias, o que ela pensa sobre saúde e doença e o que eu penso. Minha mãe tem muito medo, muito receio, assim, tem medo de tirar sangue, não pode ver sangue, ela é assim, meio fraca para esse tipo de coisa, tem medo de qualquer procedimento; cirurgia, tudo ela tem medo, e minha família nunca gostou de ir ao médico, só procura quando está doente, não gostam de ir ao médico. Agora, eu não imponho, mas, como eu sei que é importante, digo a eles que não têm que ir ao hospital, ou qualquer outra unidade, só quando está doente. Tem que cuidar da saúde enquanto tem. Tento passar isso para

elas, para que elas se cuidem, a minha avó e minha mãe.

Considera-se este vivenciar em família, esta convivência familiar um momento de ser-com, sendo que para Heidegger (2008, p. 174)

os outros não significam todo o resto dos demais além de mim, do qual o eu se isolaria. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, não se consegue propriamente diferenciar, são aqueles entre os quais também se está.

Ao refletir em sua historicidade sobre o cuidado, Alice retoma a questão de ser-com, onde embebida da tradição familiar, também é a própria tradição, a qual repassa e perpetua. Sendo assim, Gadamer (1999, p. 56) diz que “reter, esquecer e voltar a lembrar pertencem à constituição histórica do homem e formam mesmo uma parte de sua história e de sua formação [...]” Reter, pois, é ambíguo. “Contém como memória (mneme) a conexão com a lembrança (anamnesis)” (GADAMER, 1999, p. 57).

Neste processo de reter, lembrar, retomar há sempre um ser-com envolvido em um mundo circundante, onde as ocupações são dadas e estão disponíveis para as possibilidades. Nesse sentido, para Heidegger (2008, p. 175),

o encontro com os outros não se dá numa apreensão previa em que um sujeito, de início já simplesmente dado, se distingue dos demais sujeitos, nem numa visão primeira de si onde então se estabelece o referencial da diferença.

Mas de uma forma própria “eles vêm ao encontro a partir do mundo em que a presença se mantém de modo essencial, empenhada em ocupações guiadas por uma circunvisão” (HEIDEGGER, 2008, p. 175).

Os aspectos culturais revelados por Alice nos remetem à sua cultura familiar entrelaçada com a história e tradição, para que possamos compreender suas experiências de cuidado.

Cultura tem vários significados filosóficos, dependendo da época histórica em que for descrito o conceito. Considerando, aqui, o aspecto referente à pessoa humana singular “a palavra corresponde atualmente

ao que os gregos chamavam de Paidéia [...] a educação do homem como tal, a educação devido às belas artes (poesia, eloquência, filosofia), que são próprias só do homem, e que o diferenciam de todos os outros animais” (ABBAGNANO, 2004, p. 256-258).

Entretanto, podemos considerar também os aspectos vinculados à sociedade, neste caso, cultura está relacionada ao “conjunto dos modos de vida criados, apreendidos e transmitidos de uma geração a outra, entre os membros de uma sociedade particular” (ABBAGNANO, 2004, p. 256-258).

A apreensão de conceitos, modos de ser e de fazer se configuram em possibilidades de conhecimento, que Alice descreve em sua definição profissional e sua projeção para o seu futuro na enfermagem:

Sei que é difícil, no dia-a-dia, depois de um tempo, tenho a impressão de que os profissionais acabam perdendo um pouco a sensibilidade porque, quando trabalham há muito tempo, já viram muita coisa; mas eu quero lutar e mesmo depois de muitos anos de profissão, não quero deixar de ser uma pessoa sensível; conseguir escutar as pessoas, conversar. Quero ser o mais humanitária possível, tratar as pessoas com respeito, como eu gostaria de ser tratada; com amor, com carinho, também, com profissionalismo.

Estas características pessoais desvelam uma pessoa sensível, observadora e carinhosa, que se preocupa com o outro em uma atitude de cuidado, mas somente isto não se caracteriza como cultura para Alice, ela também menciona a importância do conhecimento tradicional, formal neste processo de aprendizagem e de apropriação do conhecimento para ser profissional de enfermagem:

Tem que ter uma base também, não é de qualquer jeito, vou ter que estudar bastante para conseguir ajudar de verdade, não só emocionalmente, mas na prática, nas técnicas, nesse processo de saúde-doença. Eu vejo dessa forma as coisas, porque quando era criança, estive muito tempo dentro de um hospital com enfermeira, médico, e outras pessoas que cuidavam, ou que diziam o que a minha mãe deveria fazer para me cuidar quando eu fosse para casa.

A vivência hospitalar contribuiu para a tomada de decisão em trabalhar na área da saúde, e suas primeiras experiências de cuidado são os alicerces onde ela está construindo seu espaço e lançando-se ao mundo:

Eu sei, porque já passei por isso, então agora sei que quando a pessoa está doente, além de ela estar doente, ela está mais fraca emocionalmente, a pessoa quando está doente não tem vontade de fazer nada, tem vontade de abraçar alguém, ficar quietinho às vezes, e de repente receber visita. É sempre ótimo receber visita quando está internado, a pessoa fica muito sensível, muito frágil, é o momento que a pessoa mais precisa atenção, mais precisa compreensão. Você não está ali só por que quer ficar boa, você não está em casa. Tem algumas pessoas que não estão com a família; é uma situação diferente, delicada. Porque eu já vivi isso, quero levar isso para minha profissão, não quero ser mais uma enfermeira, eu quero ser a enfermeira.

Alice descreve um evento no qual precisou de cuidados depois de se considerar adulta, o que a fez refletir sobre sua concepção de cuidado. Após aqueles episódios em sua infância, onde foi cuidada pela família, sua vida girou em torno dos cuidados com a sua mãe, quando teve mioma, e com seu avô, atropelado, e, por anos, não precisou ser cuidada. Mas houve um evento inusitado que a remeteu novamente a suas lembranças da infância, conforme relato a seguir:

Depois que você cresce, acha que não vai precisar de cuidado como quando é criança; a gente pensa que não vai mais acontecer nada. Uma vez, eu tinha cerca de 16 anos e fui para praia, sou branquinha e não posso pegar muito sol. O dia que a gente foi estava nublado, não era dia de sol. Meu namorado veio e fomos caminhar na hora do almoço, resultado: queimadura. [...] De manhã me deu uma convulsão, foi bem assustador, não para mim porque eu estava apagada, mas para os outros [...] Minha mãe ficou louca dentro de casa, pois achou que eu estava enfartando, [...] porque a cena de alguém que está em convulsão é feia. Fui para o hospital e por um tempo [...] fui pra casa e precisei de

cuidados.

A experiência descrita a fez pensar que não precisaria mais ser cuidada, pelo menos por algo banal do cotidiano, mas foi de repente em uma atitude aparentemente sem importância, que revelou novamente a face frágil de sua vida, que já havia deixado em sua infância. Ao decidir tomar sol naquele dia, pensou estar tomando uma decisão madura, a qual não representava perigo à sua integridade física, porém foi surpreendida por um evento que colocou sua vida em risco, e novamente a aproximou de sua experiência do passado.

A reflexão acerca da fragilidade da vida e, especialmente, das situações cotidianas que podem abalar a saúde repentinamente mantém Alice em situação de constante vigília, pois conhecia a gravidade da doença, a impactante experiência do atropelamento, mas não conhecia a banalidade de caminhar na praia em um dia nublado e suas consequências.

A experiência de viver em uma nova casa, com seu pai, sua madrasta e um irmão para estudar

Alice descreve um momento de sua história com seu pai e os membros de outra família, na qual tem diferentes experiências e aprende novamente sobre cuidado. Seus pais estão separados e até este momento vivia com sua mãe. Alice menciona situações novas e revela mudanças em sua vida em que decisões precisaram ser tomadas individualmente, e experiencia outras possibilidades de cuidado, com sentimentos que havia abandonado desde a infância. As descobertas e re-significações de família, lembranças de seu pai, de relacionamentos com amigos e de uma concepção distinta do relacionamento com sua avó e mãe são mencionadas.

Eu morei com a minha mãe, minha avó e meu irmão. Nunca estava sozinha em casa e [...] quando você mora com a mãe, ela gosta de fazer as coisas e você não tem muita responsabilidade e depende bastante da mãe. Quando eu tinha dezoito anos resolvi fazer faculdade [...]. Foi uma grande mudança em minha vida, porque embora eu more com o meu pai, não é a mesma coisa do que quando morava com a minha mãe, e aqui tem meu pai, minha madrasta e um irmão por parte de pai, é uma realidade diferente do que a que eu vivia, [...], pois o relacionamento com o meu pai é

bem diferente do da minha mãe, então tive que aprender a me adaptar.

A descrição de Alice sobre outra possibilidade de cuidado remete à sua mudança de vida quando sai de casa para estudar, e precisa deixar o seu mundo de segurança, e se lançar em uma aventura desconhecida. Morar com seu pai foi um desafio, na medida em que este era quase um estranho para ela, além de ter outra família constituída, inclusive com outro filho. Alice precisou se adaptar à nova cidade, aos novos locais, à casa, à madrasta e ao irmão, e assumir uma postura madura e responsável quanto às suas decisões.

Seu objetivo de estudar enfermagem a moveu para uma realidade desconhecida por ela, e precisou enfrentar seus obstáculos, mesmo antes de começar a estudar. Considera este momento de grande crescimento pessoal, apesar de ter pensado em desistir muitas vezes. Alice revela a necessidade de ter alguém para conversar e trocar ideias, para sair e fazer coisas que antes fazia sem refletir, e que, na nova condição, passaram a ser difíceis no início, como revela sua dificuldade em fazer novos amigos.

Sua decisão em lutar para ultrapassar seus problemas gerou outras pequenas decisões cotidianas, e Alice tomou-se a si mesma e assumiu sua vida, “correspondendo ao enraizamento da historicidade na cura, a presença sempre existe como algo historicamente próprio ou impróprio” (HEIDEGGER, 2008, p.468-469). A cotidianidade representa o que se tem de imediato na presença, sendo descrita como historicidade imprópria. Nesse contexto de impropriedade, o qual ela ainda está transitando por conta de sua cotidianidade, talvez novas possibilidades para assumir sua vida propriamente possam emergir, nesta abertura para o ser-com, no solo da vida.

Quando reflete sobre suas vivências como ser-no-mundo, assume concepções de cuidado a partir de sua história familiar, e a tradição de cuidar que apreendeu em sua vida. Este apropriar-se de conhecimentos e práticas já conhecidos e desenvolvidos anteriormente por outros caracteriza o senso comum, que, para Gadamer (1999, p. 63), “significa não somente a disposição universal presente em todos os homens, mas, também, o senso que funda a comunidade [...] que representa um grupo, um povo, uma nação, o conjunto da espécie humana”.

A tradição é vivenciada por Alice, que não está mais dentro de sua própria família materna, a qual a originou, e os desafios para desenvolver novas tradições de cuidar e ser cuidado se configuram em

experiências distintas das que já teve.

Meu pai é um caso difícil, porque ele tem diabetes e não se cuida [...] O médico passou toda aquela dieta, não precisa de insulina ainda. Ele não fez nenhum dia a dieta, [...] ou seja, tem diabetes, é sedentário, come muita gordura, carne, doce, muito doce, parece que ainda mais do que antes de ele descobrir que tem diabetes, e também bebe sua cervejinha de vez em quando.

Este relato sobre o comportamento do pai lhe transfere responsabilidade no cuidado, pois o considera desatento diante da doença, por isto, esta convivência se configura em momentos contínuos de preocupação e zelo.

Experiências de aprendizagem de novos conhecimentos: analisa e acresce novas tradições em sua vida

Alice conta aqui um pouco da história deste novo mundo de aprendizagem e de possibilidades de ser que se apresenta na universidade e na enfermagem. Agora, seus conhecimentos e mitos sobre o cuidado começam a ser questionados e confrontados com os aprendidos no curso. Este aprendizado é recebido como algo importante na vida de Alice, que passa a reconhecer cultura diferente daquela que já conhecia em sua infância. Neste caso, Gadamer (1999, p. 53) diz que “a formação integra agora o conceito de cultura, e designa, antes de tudo, especificamente, a maneira humana de aperfeiçoar suas aptidões e faculdades”.

A descrição tradicional de Alice sobre o que foi repassado por duas gerações, a de sua avó e de sua mãe, permanece em sua mente, mesmo que reflita sobre isto, o cuidado familiar é sempre uma possibilidade de ser-com o outro, “em contrapartida, subsiste ainda a possibilidade de uma preocupação que não tanto substitui o outro, mas que salta antecipando-se a ele em sua possibilidade existencial de ser, não para lhe retirar o cuidado e, sim, para devolvê-lo como tal” (HEIDEGGER, 2008, p. 178-179). E, sendo assim, o mesmo autor diz que “essa preocupação que, em sua essência, diz respeito à cura propriamente dita, ou seja, à existência do outro e não a uma coisa de que se ocupa, ajuda o outro a tornar-se, em sua cura, transparente a si mesmo e livre para ela”.

Essa ocupação e preocupação onde a tradição está imersa abre

também novas possibilidades de cuidado na medida em que se é com o outro, se desvelam contextos e fenômenos de cuidado.

A nossa realidade hoje em dia é outra, hoje eu sei [...] mas eu respeito a crença da minha avó. Não tem como dizer para ela: 'não é isso, você não sabe de nada'. Essa é a verdade daquela época, então eu respeito a cultura dela, o jeito que ela pensa, mas, já penso e faço um pouco diferente em relação a isso e em relação a várias coisas.

O respeito à tradição perpassa por duas gerações e, mesmo depois de entrar em contato com o conhecimento na universidade, Alice ainda mantém o que aprendeu com sua avó e sua mãe. Reconhece a evolução e o conhecimento científico.

Também tem coisas que ela falou e mesmo hoje em dia [...] muita gente não leva a sério coisas que eu levo, mas é porque eu acredito naquilo, foi o que me ensinaram, por exemplo: comer e depois ir direto para o chuveiro, dá congestão. Não tenho coragem de comer e depois ir para o chuveiro, por mais que todos digam que não tem problema, não vai acontecer nada, tenho receio, por tudo o que já ouvi e acabo não fazendo o que a maioria faz.

As experiências de Alice com relação à cultura trazem aspectos relacionados a procedimentos que viu em sua vida e aos que aprendeu a fazer para cuidar de outras pessoas, e, também, trazem aspectos tradicionais, apreendidos em sua convivência familiar, principalmente com sua mãe e sua avó, as pessoas mais próximas e com quem interagia com mais proximidade.

Estes momentos familiares cotidianos evidenciam um constante movimento entre o cuidado científico e o empírico, pois, mesmo quando Alice assume sua postura cultural, não desconsidera os ensinamentos de sua avó e de sua mãe, adquiridos culturalmente de geração em geração.

E, agora, já trago alguma percepção de cuidado, das experiências que tive, mas procuro refletir, porque tive influência da minha avó. Ela sempre me contou muita lenda, muita cultura, como trouxe a minha avó da sua mãe. Eu formei as minhas e hoje tenho minha cultura, o que penso

de cuidado, mas também estou tendo esse lado da profissão de enfermagem, que é basicamente a profissão do cuidar; tento misturar as duas coisas. Não tenho verdade absoluta, o que aprendi é assim e pronto, é a melhor maneira; tento absorver o que acho melhor, o que acho que está certo e o que penso que tem a ver com a minha personalidade, tento colocar em prática e pretendo colocar em prática.

Quando se refere ao cuidado agora, sua concepção tem influências culturais e tradicionais. Ao relatar que não tem verdades absolutas sobre o que sabe de cuidado, está revelando sua abertura para as possibilidades de cuidar e de ser cuidada, o ser-aí e o ser-com se desvelando.

Alice também menciona nesta passagem sua opção pela enfermagem e, por esta profissão ter o cuidado como princípio, demonstra ter decidido seu futuro em virtude de querer cuidar das pessoas. Na enfermagem, ela pensa poder ser para o cuidado, e como ser, ela se abre para o mundo da enfermagem, que ainda está descobrindo. Heidegger (2008, p. 178-79) compreende o cuidado como sendo “essa preocupação substitutiva, que retira do outro o cuidado, determina a convivência recíproca em larga escala e, na maior parte das vezes, diz respeito à ocupação do manual”.

Vivenciando o cuidado da mãe e dos avós: tempo de ser para a morte

Outra passagem histórica descrita por Alice foi quando seu avô foi atropelado perto de sua casa, e precisou de cuidados complexos durante bastante tempo. Pode-se dizer que esta fase foi impactante, e que estes eventos que ela descreve trouxeram sofrimento, mas também amadurecimento, como reafirma na seguinte descrição sobre este momento:

Nessa época eu lembro que foi bem puxado lá em casa; eu era nova, tinha 12 anos e estudava, eu ajudava como podia. Não podia fazer muita coisa, mas minha mãe e minha avó contavam que minha avó quase não dormia mais para poder cuidar. Minha mãe trabalhava meio período e chegava em casa e vivia com minha avó para ajudar o meu avô. Minha avó ficava o tempo todo em casa. [...]

Bem, tenho lembranças tristes, meu avô depois de alguns anos faleceu, foi triste, minha avó ficou desolada.

O agravamento do quadro clínico do avô o levou à morte. Alice refere que o avô já estava em idade avançada e não teve forças para se recuperar do trauma causado pelo atropelamento, mesmo sendo bem cuidado pela família, ele não resistiu. Revela também o peso que foi cuidar dele por vários anos em que ficou acamado, sem poder andar, onde os cuidados complexos tomavam todo o tempo de sua avó e de sua mãe, denotando que o sofrimento delas era também o seu sofrimento, pois os demais filhos de seu avô não o visitavam, nem o cuidavam, sobrecarregando as pessoas da casa.

A consciência da finitude objetiva-se na morte, sua última instância enquanto ser, e se transforma cotidianamente em um motivo de preocupação, conforme descreveu Alice quando relatou a situação de seu avô.

Assim, apreendida, a finitude da existência retira a presença da multiplicidade infinita das possibilidades de bem-estar, de simplificar e esquivar-se, que de imediato se oferecem, colocando a presença na simplicidade de seu destino (HEIDEGGER, 2008, p. 476).

Aceitar a condição humana e o destino inefável da morte pode ser complicado em qualquer circunstância, porém, para o mesmo autor a finitude também designa “o acontecer originário da presença, que reside na decisão própria, onde ela, livre para a morte, se transmite a si mesma numa possibilidade herdada, mas, igualmente, escolhida” (HEIDEGGER, 2008, p.476).

Neste movimento da vida em que nascer e morrer fazem parte do mesmo contexto histórico, em certos momentos encontram-se situações críticas em que pensar na morte significa vivenciá-la, mas, de todas as certezas que não temos, esta é a única verdadeira, sobre o que Heidegger (2008, p. 36) diz: “vivências, homens singulares, um povo, uma cultura sucumbem à morte”.

As experiências de Alice revelam uma ideia de ser-com, que se significa em sua família, e, na família ela construiu sua estrutura mais firme, que a sustenta até aqui em sua vida. Reflete sobre o que aprendeu

empiricamente com sua avó e sua mãe, e de forma madura faz suas escolhas pessoais e profissionais, selecionando o conhecimento que considera viável, razoável e o que considera ultrapassado, justificando sua escolha.

Nas diferentes situações descritas por Alice, é possível perceber sua angústia com relação à enfermagem, na qual vivenciou ações de cuidado profissional, viu coisas que não gostaria de perpetuar quando for enfermeira. Mais especificamente fala da sensibilidade dos profissionais, que, com o passar do tempo, vai se perdendo no cotidiano de trabalho. Gadamer (1999) traz a perspectiva da formação, que vem tomando diferentes significados no decorrer da história. Descreve que a formação tem um sentido de natureza, aquilo que já é em si mesmo, demonstrado pela sua aparência, em outra dimensão a formação é concebida como cultura, conhecimento sobre algo, aperfeiçoamento de aptidões e faculdades. Também coloca que além de cultura, ela desperta mais do que isso, uma perspectiva mística, a qual o homem deve desenvolver em si mesmo.

A cultura se expressa como uma experiência de estar em direção à morte. Ao cuidar de sua família e vendo seus familiares terem de desistir de seus projetos, Alice toma consciência de que, como todo mundo, eles também se movem em direção à morte. Mas as experiências de vivenciar a morte fazem com que novas possibilidades de ocupação se apresentem, e novos projetos emergem neste contexto.

A descrição de cuidado como uma ação em favor de outra pessoa em situação de fragilidade de saúde, e, mais especificamente, em situação de doença, é o que Alice continua descrevendo em sua fala. Porém, coloca uma situação em que pela primeira vez se sentiu cuidando de alguém. Com a mudança de papéis, relata que a fragilidade na saúde também é uma realidade para outros membros da sua família, e não somente sua, como havia referido até então:

Teve uma época também que eu que cuidei da minha mãe, ela tinha um mioma. [...]. Minha mãe tinha medo de fazer cirurgia, até hoje ela tem bastante receio com saúde, hospital. Minha família em geral é assim. Acho engraçado, eu me interessei pela área da saúde, o contrário do ambiente que eu cresci, e também vivia no hospital quando era criança. O lógico seria não querer chegar perto de hospital. Eu cuidei dela como pude, foi muito marcante para mim, porque eu pude cuidar de minha mãe, nada muito grave, graças a Deus, mas foi legal.

Ao referir o medo da mãe em fazer a cirurgia, bem como o medo que a família tem de hospital de um modo geral, Alice se coloca em uma posição diferente de todos, dizendo que ao contrário de sua família ela gosta de hospital e mesmo tendo vários episódios de internação hospitalar quando ainda era menor, ela não tem o mesmo sentimento de aversão que todos de sua família expressam. E, nesta condição de abertura para o cuidado hospitalar, Alice cuida de sua mãe, claro, com as suas condições e limitações, mas o que pode fazer por ela, seja em uma atitude simples como conduzi-la ao banheiro, ela faz com o mesmo carinho que recebeu em sua infância, quando precisou de cuidados também.

Gadamer (1999, p. 53) diz que “toda profissão tem sempre algo a ver com o destino, com a necessidade externa, e exige que nos entreguemos a tarefas que não assumiríamos se tivessem finalidade privada” onde a “formação prática é posta à prova no fato de que preenchemos as exigências de nossa profissão totalmente e em todas as suas facetas”.

Alice também define cuidado como uma atitude de ajuda ao outro, na qual o profissional deve ter paciência, sensibilidade, saber ouvir, ter amor, carinho, ser humanitário e ter profissionalismo. A descrição de cuidado vincula atitudes pessoais e ações profissionais, ambas importantes. Cuidar aqui é compreender a diferença, trazer à tona outras formas de perceber o outro e perceber-se, mencionado por Heidegger (2008, p. 421) como a designação de “um existencial fundamental; não se trata nem de um tipo de conhecer determinado, distinto, por exemplo, de explicar e conceituar, e nem, sobretudo, de um conhecer em geral”. O mesmo autor, em contrapartida, diz que “compreender constitui o ser do pré na medida em que uma presença, com base na compreensão, pode, em existindo, formar as múltiplas possibilidades de visão, circunvisão e mera visualização” (HEIDEGGER, 2008, p. 421).

As experiências de cuidado permitiram ampliar os conhecimentos já existentes juntamente com os conhecimentos novos apreendidos universalmente, trazendo para Alice novas possibilidades de ser-no-mundo. Ambos constituem-se em aprendizagem concreta, com suas particularidades e agora, com a perspectiva da finitude, o cuidado caracteriza-se por um comportamento objetivo de ser-para-o-outro ao mesmo tempo em que pode modificar o ser cuidado, influenciando o ser que cuida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos mencionados neste estudo nos remetem ao cuidado tendo como foco o ser acadêmico de enfermagem. Ao descrever sua historicidade, observam-se quatro dimensões da experiência: família, história, tradição e cultura. Estas dimensões estão entrelaçadas e constituem a vivência de cuidado que este ser teve em sua vida e foram importantes em sua escolha profissional. O desvelamento da experiência deste ser-acadêmico na abordagem histórica traz as vivências em família como alicerce de sua vida. Ao descrever seu cotidiano de cuidado, sua família aparece como principal fonte de conhecimento, é na família que busca identificação com suas ações e decisões.

A dimensão da cultura demonstra a busca constante de aprendizagem; nos aspectos formais, os conhecimentos de enfermagem fazem parte de sua vida. A escolha profissional vem para agregar outros conhecimentos já existentes. A tradição é assumida como herança de sua família, principalmente de sua mãe e de sua avó, que tem forte influência em todas as suas escolhas. O cuidado aparece como cuidado familiar, como uma atitude de zelo, compreensão, doação e carinho. Mas também surge na perspectiva profissional e sua face demonstra dedicação, abnegação, sofrimento.

Ao refletir sobre a historicidade é possível compreender e interpretar o complexo mundo deste ser-acadêmico, que por meio de suas vivências e experiências ao longo de sua vida lança-se em um mundo de possibilidades sendo influenciado pela sua cultura, tradição e família, e por meio destas dimensões se constitui como ser-no-mundo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. México: FCH, 2004.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 196/96**. Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. Disponível em:

<http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm>. Acesso em: 15 out. 2010.

GADAMER, H.G. **Verdade e método**. I. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2008.

_____. **Marcas do caminho**. Petrópolis: Vozes, 2008.

5.4 MANUSCRITO 2 - HISTORICIDADE E HISTORIOGRAFIA DO SER-ACADÊMICO-DE ENFERMAGEM NA CONSTRUÇÃO DO CUIDADO EM HEIDEGGER

Historicidade e historiografia do ser-acadêmico-de enfermagem na construção do cuidado em Heidegger

Historicity and historiography of being-a-nursing-student the construction of care in Heidegger

La historicidad y la historiografía de los estudiantes-de-enfermería en la construcción de la atención en Heidegger

Silvana Silveira Kempfer
Telma Elisa Carraro

Resumo: objetivo: desvelar a historicidade e a historiografia do ser-acadêmico-de-enfermagem com relação ao cuidado. **Método:** Pesquisa qualitativa fenomenológica. Os dados foram coletados nos meses de março a maio de 2011, sendo entrevistados sete acadêmicos de enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. A análise dos depoimentos desenvolveu-se na hermenêutica heideggeriana em três momentos: pré-compreensão, compreensão e interpretação das falas dos participantes. **Resultados:** A pré-compreensão é a apropriação de conceitos e a retomada ou lembrança das experiências e vivências sobre

o cuidado. A compreensão aqui é denominada: concepções historiográficas do cuidado – cultura e tradição no cuidado familiar. E a interpretação é constituída aqui como: historicidade do ser-acadêmico e o cuidado – estabelecendo relações conceituais. O cuidado familiar é lembrado como essência na vida do ser-acadêmico, vinculado a cultura e tradição. Interpreta o cuidado como uma experiência histórica vivida.

Conclusão: Cuidar é refletir continuamente sobre si e o outro.

Palavras-chave: Estudantes de Enfermagem; Cuidados de Enfermagem; Relações Familiares; Filosofia em Enfermagem.

Abstract: This study **aimed** at: revealing historicity and of historiography being-a-nursing-student regarding care. **Method:** a phenomenological research based upon Heidegger hermeneutic theoretical referential characterized by pre-understanding, understanding and phenomenon interpretation. Seven nursing students of Federal University of Santa Catarina were the subjects of this study. Data were collected from March to May 2011 by means of phenomenological interviews, which were audiotaped and later transcribed, sustaining understanding and interpretation of data. **Results:** Pre-understanding is the appropriation of concepts and the recovery or memory of experiences concerning care. Understanding here is denominated as: historiographical conceptions of care – culture and tradition in family care. Likewise, interpretation is here comprised as: historicity of being-a-student and care – establishing conceptual relationships. Family care is remembered as life essence of the student-being, linked to culture and tradition. The student interprets care as a lived historical experience.

Conclusion: caring is to continuously reflect about oneself and about the other.

Key Words: Students; Nursing; Nursing Care; Family Relations; Philosophy, Nursing

Resumen: Este estudio tuvo como **objetivo:** desvelar la historicidad y la historiografía de lo ser-estudiante-del-enfermería relacionada con el cuidado. **Métodos:** investigación cualitativa fenomenológica. Los datos fueron recogidos entre marzo y mayo de 2011, se entrevistó a siete estudiantes de enfermería de la Universidad Federal de Santa Catarina. Análisis de los estados en la hermenéutica heideggeriana desarrollado en tres momentos: pre-comprensión, la comprensión y la interpretación del discurso de los participantes. **Resultados:** La pre-comprensión es la apropiación de conceptos y la reanudación de las experiencias o recuerdos y experiencias de atención. La comprensión aquí se llama:

concepciones historiográficas de la atención - la cultura y la tradición en el cuidado de la familia. Y la interpretación que se haga aquí como historicidad del académico y la atención - el establecimiento de relaciones conceptuales. El cuidado de la familia es recordada como la esencia de la vida, ser académico, vinculada a la cultura y la tradición. Interpreta cuidado como una experiencia histórica vivida. **Conclusión:** El cuidado está continuamente reflexionar sobre sí mismos y los demás. **Palabras-clave:** Estudiantes de Enfermería; Atención de Enfermería; Relaciones Familiares; Filosofía en Enfermería.

INTRODUÇÃO

Como definir um ponto de partida para uma discussão filosófica centrada na experiência, no cuidado, na historicidade e historiografia, tendo em vista estas serem questões intrínsecas à vida humana, mas de difícil acesso quando precisam ser desveladas?

Martin Heidegger tornou-se o principal pensador destas questões no século XX discutindo a questão do ser e do tempo. Dentre suas inúmeras contribuições fenomenológicas, possibilitou a abertura para o ser e o existir, desvelando importante vertente para a reflexão sobre o sentido do ser. Safranski (2008, p.263) ao descrever o sentido do ser para Heidegger diz que “o sentido do ser é o tempo, portanto o passar e acontecer”. E ainda: “para ele não há um ideal-de-ser da permanência, e nele o pensar tem exatamente a tarefa de tornar o ser humano sensível à passagem do tempo”. Considera o existir como o relacionar-se consigo mesmo e com seu ente. Heidegger (2008, p. 55) mostra que "o tempo é o de onde a presença em geral compreende e interpreta implicitamente o ser. Por isso, deve-se conceber e esclarecer, de modo genuíno, o tempo como horizonte de interpretação de ser".

Existindo o ser, revela-se ao mundo como ser-no-mundo construindo seu caminho, tomando suas decisões, sendo-com-o-outro em uma relação de cuidado, de preocupação. Nesse sentido, “o dispositivo fundamental desse lidar com o mundo é o que Heidegger chama de preocupação (sorge)”. Para ele o homem em sua existência é preocupação, dizendo que “preocupação não é senão temporalidade vivida” (SAFRANSKI, 2008, p. 198).

O cuidado é preocupação, então, “para onde se dirige o cuidado, senão no sentido de reconduzir o homem novamente para sua essência?” (HEIDEGGER, 2005, p. 17). É preciso considerar o cuidado como condição intrínseca do ser humano, e compreender “que não é possível

pensar o cuidado como apenas teorização sobre a ação, como também não se pode defini-lo como uma simples e única estrutura em si mesma, pois sua condição mostra uma articulação estrutural que se exprime de forma imanente” (OLIVEIRA; CARRARO, 2011, p. 379).

Cuidar é manter-se atento as possibilidades de ser na historicidade, no que podemos nos aproximar de uma condição existenciária. Existir temporalmente de certa forma libera a estrutura do acontecer nas condições existenciais e temporais de possibilidade e “significa conquistar uma compreensão ontológica da historicidade” (HEIDEGGER, 2008, p. 466).

O ser ao assumir sua postura de existir-no-mundo está em uma condição histórica. A história, aqui, tem o sentido de vida, é no viver que o ser é histórico. Para Heidegger (2008, p.467) “história é o acontecer específico da presença existente que se dá no tempo”. Nesse sentido, “é somente a partir do modo de ser da história, a historicidade, e de seu enraizamento na temporalidade que se poderá concluir de que maneira a história pode tornar-se objeto possível da historiografia” (HEIDEGGER, 2008, p. 467).

A historicidade enquanto possibilidade de existência, de ser-no-mundo, são duas condições do ente e a historiografia como registro dos acontecimentos. Heidegger considera que “a análise da historicidade da presença busca mostrar que esse ente não é temporal porque se encontra na história, mas, ao contrário, que ele só existe e só pode existir historicamente porque, no fundo de seu ser, é temporal” (HEIDEGGER, 2008, p. 468).

Os aspectos históricos assumem na vida do ser-acadêmico-de-enfermagem conotação de cultura, tradição e família, onde podem retomar suas vivências e experiências passadas buscando seus referenciais de cuidado e cuidar nesse acontecer histórico. A reflexão aqui proposta vincula-se à fenomenologia da presença do ser-acadêmico-de-enfermagem, que para Heidegger é “hermenêutica no sentido originário da palavra em que se designa o ofício de interpretar” (HEIDEGGER, 2008, p. 77).

Diante deste contexto, emerge a seguinte questão deste estudo: Como o ser-acadêmico-de-enfermagem experiencia o cuidado ao longo de sua vida? A questão aponta para o objetivo da pesquisa: desvelar a experiência do ser-acadêmico-de-enfermagem com relação ao cuidado em sua vida.

METODOLOGIA

Pesquisa fenomenológica que utiliza o referencial teórico de Heidegger (2008, p. 575; 2008/2, p. 31-40), tendo a perspectiva hermenêutica caracterizada por pré-compreensão, compreensão e interpretação do fenômeno, não como algo fragmentado ou sequencial, mas como algo que traduza o fenômeno em movimento, onde a “hermenêutica da presença torna-se também uma hermenêutica no sentido de elaboração de condições de possibilidade de toda investigação ontológica” (HEIDEGGER, 2008, p. 77).

O estudo teve como participantes sete acadêmicos matriculados na terceira fase do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina - BR. A obtenção dos depoimentos ocorreu nos meses de março a maio de 2011, por meio de entrevista fenomenológica, em uma sala de aula na Universidade Federal de Santa Catarina.

A entrevista fenomenológica teve como pergunta de pesquisa: Que experiências de cuidado você tem lembrança? Utilizou-se como estratégia o "Movimento da Temporalidade", que registra as vivências e experiências do ser-aluno-de-enfermagem em um papel em branco, no qual ele desenha uma linha com um marco inicial e um final. A entrevista foi audiogravada e transcrita posteriormente. Após leitura repetida, os relatos apontaram para a compreensão e a interpretação do fenômeno.

Foram atendidas as exigências da Resolução 196/96 (BRASIL, 1996), que trata da pesquisa com seres humanos. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade sob o protocolo nº 1086/10. Os sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os participantes foram identificados com um código alfa-numérico para garantir o anonimato.

O desvelamento dos significados segue o delineamento nos momentos de pré-compreensão, compreensão e interpretação do sentidos do ser-acadêmico-de-enfermagem. A hermenêutica compreensiva não está dissociada, mas em contínuo movimento. A pré-compreensão consiste na apropriação de conceitos e a retomada ou lembrança de suas experiências e vivências sobre o cuidado; a compreensão caracteriza-se neste estudo como o momento em que o ser-acadêmico assume sua posição historiográfica, ou seja, é capaz, a partir de suas lembranças, de constituir o registro de suas vivências, aqui denominadas de: concepções historiográficas do cuidado – cultura e tradição no cuidado familiar. Por fim, a interpretação dá-se quando o

ser-acadêmico compreende-se enquanto ser-no-mundo e, a partir disto, assume seus conceitos de cuidado como um ser próprio, constituindo aqui a: Historicidade do ser-acadêmico e o cuidado – estabelecendo relações conceituais.

Desvelamento dos significados do ser-acadêmico-de-enfermagem e o cuidado

O ser-acadêmico mostra-se neste contexto de duas maneiras: quando descreve suas vivências no tempo em que ocorreram em seu passado, e quando, a partir desta descrição, reflete sobre a vivência, trazendo-a novamente para sua lembrança atual. Estes dois momentos são aqui descritos como historiografia, quando se determinam temporalmente as vivências e historicidade, ao se refletir e tornar a vivência uma experiência.

Concepções historiográficas do cuidado – cultura e tradição no cuidado familiar

Lembranças são sempre momentos passados que nos retornam à mente em um movimento denominado por Heidegger (2008, p. 479) como retomada. Para o autor, “é a retomada que revela para a presença a sua própria história”. E nesse movimento de recordar o que já se passou, o ser-acadêmico-de-enfermagem reflete sobre questões de cuidado que, mesmo quando foram vividas, não tiveram tal conotação.

As situações de cuidado vivenciadas no passado, possivelmente assumiam uma conotação em decorrência das condições na época, vinculadas ao momento em que ocorreram. Ao serem revisitadas pela lembrança, passam a ser contadas sob outro ângulo, em outras condições, o que lhes confere o aspecto de historicidade. Ao se reportarem à experiência de cuidado de que têm lembrança, os sujeitos deste estudo mencionam os familiares como primeiros cuidadores:

A primeira lembrança de cuidado que tenho é na infância, com os meus avós. Eu morava com meus pais, mas meus avós ficavam o dia todo comigo, minha avó era como minha mãe, e meu avô como meu pai, e desde aquela época percebi que eles eram muito especiais para mim, e eu para eles. (A7) Percepção semelhante é referida por outro ser-acadêmico: A primeira percepção de cuidado que tenho, desde sempre até agora, é a mãe cuidando do filho, a primeira coisa que vem na minha cabeça durante minha vida. (A6)

São mencionadas também situações vivenciadas pelo ser-acadêmico enquanto bebê, descrevendo o cuidado sob o olhar de sua família, em especial de sua mãe e de sua avó, que lhe contaram situações das quais não tem lembranças, mas neste momento fazem parte de sua experiência de cuidado. Estes relatos refletidos e assimilados temporalmente são descritos por eles:

Meu nascimento foi o primeiro cuidado que recebi, aquele nenenzinho frágil e a mãe. [...] No primeiro momento o que pensei foi na família, no cuidado da minha mãe, ela sempre ficou em casa. Depois de um tempo eu estava crescida, tinha três anos e ela começou a trabalhar. (A3) A lembrança mais antiga de cuidado: minha avó principalmente e minha mãe contam que quando eu era bebê, não sei exatamente por que, mas chorava muito à noite. Minha avó às vezes tinha que cantar canções de igreja para me acalmar, uma vez dormiu no meio da minha mãe e do meu pai para cantar e me acalmar. (A1)

Além do cuidado mencionado da mãe e dos avós, o ser-acadêmico também se lembra de sua relação com os irmãos, e com eles descreve momentos de cuidado na infância, conforme as falas:

Desconsiderando a princípio esse laço maternal, a primeira visão de cuidado que eu tenho é na pré-escola, eu e o meu irmão [...]. A gente indo pela rua para a escola, ficava um quilômetro dali, a gente ia andando, essa é a primeira visão que eu tenho. (A5) Em outro relato, há descrição de cuidado com o irmão, em que o cuidado é vivenciado como tarefa: Quando eu tinha 12 anos, meu pai começou a trabalhar fora, e meu irmão era menor e eu tinha que cuidar dele. Era muita responsabilidade, eu era uma criança de 12 anos e cozinheira para ele. Lembro que a gente ficava em casa, eu fazia as coisas, e às vezes ficava irritada e pensava como ele não vê que cuida dele, tenho que cuidar dele e não posso fazer minhas coisas. E fui cuidando dele até quando eu tinha mais ou menos 16 anos. (A7) Esta situação de cuidado é descrita como desagradável, onde foi necessária uma atitude de cuidado com o irmão, o que lhe tirou a liberdade

de viver seu momento de forma diferente, o que também foi vivenciado por outro ser-acadêmico, como descreve: Lembro a primeira experiência de cuidado que vem na mente é em relação ao meu irmão, porque minha mãe e meu pai sempre trabalharam horrores, e eu sempre fiquei com o meu irmão, ele é três anos mais novo do que eu. Tiveram momentos que cuidei bastante dele. (A2)

O tempo vai passando e o ser-acadêmico tem experiências de cuidado. Neste momento percebe o cuidado como algo fora de si, onde há uma ação, uma intervenção, uma prática vinculada ao gesto de cuidar, agora descreve o cuidado com o outro:

Meu avô foi atropelado e ficou quatro anos em casa, na cama, e tinha que dar banho, trocar fralda, fazer os curativos, era um cuidado complexo. No começo eram só as fraturas, depois começou a dar problema na respiração, no estômago, e começou a alastrar. Nessa época lembro que foi puxado lá em casa, eu era nova, tinha 12 anos, estudava e ajudava como podia. (A1) Eu fiquei do lado da casa dos meus avós [...]. Aconteceram várias coisas, e sempre estive ali, ia todo dia ver como eles estavam e procurei estar perto para cuidar um pouco, ou para auxiliar em alguma coisa. (A2)

Os amigos são mencionados e também caracterizaram momentos de cuidado, conforme o relato:

Eu sempre tive cuidado com os meus amigos, desde a infância eu tinha amigos. (A5)

As experiências são descritas em diferentes aspectos, sob olhares atentos diante do tempo, e trazem novas possibilidades para o ser-acadêmico imerso em sua historicidade. Sua descrição passa a considerar outros elementos no contexto do cuidado:

Minha visão de cuidado ficou invertida nessa época, porque quem cuidava de mim era a minha mãe e, nesse caso, era eu que estava cuidando dela, eu e o meu irmão. A gente tinha que cuidar

da casa, tinha que ficar de olho na minha irmã, tinha que cuidar dela, tinha que ver se o pai estava se alimentando bem. Meu pai que ficava no hospital com minha mãe, mas ele tinha que trabalhar, então eu tinha que ir para o hospital cuidar dela, tinha que ficar lá, e ver como é que estavam os exames. Foi um momento difícil, e foi com esta visão o meu primeiro contato com o hospital. (A5)

O cuidado vinculado a uma condição de agravo à saúde é mencionado:

Depois, teve outro momento que passei a ser cuidadora, foi quando minha irmã abriu a geladeira, caiu uma travessa de vidro e cortou o pé dela, acho que pegou um vasilho, não sei, e sangrava muito, não sei como consegui cuidar dela, porque não gostava, tinha medo de sangue, dessas coisas. (A6)

Neste contexto historiográfico, o ser-acadêmico descreveu suas experiências de cuidado sob dois aspectos, um em que se coloca enquanto ser que recebe cuidado, e em outro como cuidador. Sua reflexão lhe oportuniza outra perspectiva, onde o cuidado passa a ser uma condição mútua envolvendo o ser cuidador e o ser cuidado, em uma relação de interação, o ser-com se apresenta na formação profissional.

Conheci minhas amigas da faculdade, cinco meninas, a gente cuida uma da outra, a gente se conhece, e como a gente estuda a mesma coisa, na mesma área, conversamos muito sobre cuidar, sobre dar carinho. (A4) Outra fala que evidencia o ser-com é descrita: Em relação a isso tudo eu faria um plano, uma linha que seria a minha família. Desde o nascimento até hoje, minha família cuida de mim, a gente se cuida, o cuidado a todo o instante. (A5)

Ao refletir sobre o contexto historiográfico do ser-aluno-de-enfermagem, percebe-se que ele está imerso no contexto familiar em toda a sua trajetória, e menciona temporalmente suas vivências como

descobertas em sua vida. Ao descobrir-se em sua família como ser-com, abre novas possibilidades e insere seus amigos, vizinhos e colegas de aula em seu contexto de cuidado.

Historicidade do ser-acadêmico-de-enfermagem e o cuidado – estabelecendo relações conceituais

Ao mencionar o ser-acadêmico neste contexto, está imbricado no movimento de aprendizagem do cuidado, o cuidar, e como este vivencia o fenômeno em sua história. Ao descrever passagens de cuidado em sua vida, o ser-acadêmico já se encontra em processo de aprendizagem quando rememora e experiencia o cuidado, organiza mentalmente e constrói sua própria concepção a partir disso. Fazem parte deste cenário, valores, crenças, situações vividas que lhe faz sentir-se bem, ou seja, emergem, além de ações práticas de cuidado, situações subjetivas que exercem influência no seu pensar. Kleiman (2009) utiliza um exemplo mencionado por Heidegger sobre aprender e aprendizagem, dizendo que, quando um aprendiz de marceneiro aprende a construir móveis sob a orientação de seu professor, não está apenas aprendendo a selecionar as ferramentas necessárias para esculpir a madeira, mas está ali aprendendo a conhecer o potencial oculto da madeira e suas possibilidades de se transformar em móveis (KLEIMANN, 2009).

As vivências até aqui descritas pelo ser-acadêmico com relação ao cuidado configuram-se em momentos de retorno a um passado histórico, onde a vida fática está estabelecida. Este momento histórico, ao ser revisitado pelo pensamento, toma novas dimensões e abre novas possibilidades a este ser para interpretar sua própria história, momentos de preocupação, de cuidado consigo mesmo. Heidegger (2008, p. 43) ressalta que “o fenômeno da existência, portanto, descortina-se apenas para uma realização histórica da experiência, buscada de modo radical, que não está voltada para um mero observar instaurador”, mas para um modo de ser, vinculado ao tempo passado e presente, e, que por meio destes, se constitui como ser-aí.

Ao refletir sobre o cuidado, o ser-acadêmico lança mão de sua vivência fática, estabelece um vínculo com o que significa cuidado para si, compreende este cuidado ao aproximá-lo de sua experiência, e então, interpreta estas vivências, por meio da historicidade, ou seja, nesta consciência da vivência do cuidado, ele se desvela, manifestando-se pela linguagem:

Tenho experiências boas, sempre fui bem cuidada pela minha família (A4) [...] São muitas experiências, tem a experiência de aprender, a

experiência de ensinar, de respeitar a opinião dos outros, essas são as experiências que eu trago, de atenção quando a pessoa está doente. Embora esteja doente, está ali, então não só ficar falando, acho que é responsabilidade com a pessoa doente (A1).

O cuidado mencionado envolve o ser-acadêmico em um cenário de autenticidade quando além de si mesmo considera um momento de aprender e ensinar como parte de sua historicidade e importante nesta interação com o outro que o cuidado lhe proporciona. Neste contexto, Vale; Pagliuca (2011, p. 107) ao interpretarem o cuidado em Heidegger, enfatizam que:

o cuidado pensado autenticamente como existencial, essencial do ser humano, diz respeito a zelo, desvelo, atenção, bom trato e solicitude, constituindo-se, dessa forma, um fundante por meio do qual a pessoa sai de si para se centrar na preocupação com o outro.

Considerando o ser-acadêmico como histórico, o momento acadêmico faz parte de sua vivência e constitui-se enquanto presente na vida deste ser constituído por mente, corpo e espírito, que quando entra no curso de Enfermagem já possui conhecimentos vinculados a tradição e crenças. E vai constituindo sua trajetória enquanto ser neste período de formação profissional, a partir da convivência com as pessoas envolvidas neste contexto (COSTA; FONTOURA; SERVO, 2012).

Na complexidade desta interação entre o ser-acadêmico e sua historicidade, emergem sentimentos, sensações, comportamentos manifestados em sua experiência histórica, conforme a fala:

O cuidado não envolve só o que sinto, ou o que a outra pessoa sente, mas o que toda aquela pessoa teve durante a vida dela, porque acho que o momento da infância, da adolescência, e tudo, tudo vai refletir no cuidado, o cuidado do profissional para com o paciente, e do paciente com o profissional, e até mesmo o cuidado entre a família, entre as pessoas que se dão bem, e os amigos. Eu acho que o cuidado não é só no hospital, mas o cuidado que você tem com as pessoas que você gosta, e até mesmo, o cuidado

com quem você não gosta, ou não conhece, porque tudo isso vai formar um cuidado grande e a troca de experiência, essa troca de vivência, aquilo que vai formar, não só muda aquela pessoa que você cuidou, mas muda você (A7).

Ao tomar consciência do cuidado em sua vida, o ser-acadêmico enxerga as situações nas quais está imerso, não de forma objetiva, mas subjetivamente, sutilmente reconhecido em vários momentos históricos. “Aqui, o histórico não é correlato de um observar teórico histórico-objetivo, mas o conteúdo indissociável, pelo menos como tal, e o modo da preocupação do si próprio consigo-mesmo” (HEIDEGGER, 2008, p. 43).

O cuidado vivenciado em diferentes modos de ser do ser-acadêmico-de-enfermagem é desvelado aqui sobre o solo da tradição e da cultura. As manifestações ao ser cuidado na infância pela sua família bem como os momentos em que foi cuidador revelam vínculos com um cuidado afetivo, carinhoso, voltado a valores e crenças, como meio de aproximação e zelo pelo outro. Este cuidado é descrito como sentimental pelo ser-acadêmico, quando diz que: [...] *esse sentimental é algo por instinto, algo que parece que faz parte da raça humana, parece que está incorporado, que a gente é, é instintivo, isso mesmo, tem que dar um abraço, saber que tem alguém chorando e querer acolher, uma pessoa chorando do teu lado te faz sentir mal, mexe contigo (A5)*. Este ser-acadêmico-de-enfermagem descreve outro modo de cuidado, o que chama de cuidado profissional, conforme o relato:

[...] e tem o cuidado profissional que é o material, que é essa parte que vivi, ter a consciência do que estou fazendo, tenho que fazer uma ressuscitação cardiopulmonar por isso, por aquilo, mesmo eu não tendo afeto por aquela pessoa, sabendo da condição patológica dela, essas esferas se interseccionam e dão esse aspecto especial, essa é a minha visão do que é o cuidado (A5).

O cuidado profissional descrito pelo ser-acadêmico-de-enfermagem está vinculado ao cuidado de enfermagem, que aqui faz parte de ações teórico-práticas de um fazer, um modo de ocupação, e, como ocupação, não se configura apenas como técnica ou procedimento, mas, como uma escolha intencional do ser no processo de cuidar. Essa

abordagem se aproxima da visão de Graças;Santos (2009), quando referem que a enfermagem enquanto profissão tem buscado compreender o ser de forma mais ampla, e conduzido seu fazer de forma diferente daquela onde o ser é apenas depositário, sem ação significativa e onde o cuidar está distante de um sentido ético e existencial.

Ao observar historicamente o conceito de cuidado, é possível perceber seu vínculo com as questões familiares, sociais, culturais, técnicas e demais aspectos que compõem sua evolução ao longo dos tempos. Pode-se dizer ainda que o cuidado tem uma fase pré-profissional e uma profissional, conforme González; Ruiz (2011, online) descrevem. O cuidado, quando é assumido como uma ocupação para o ser, continua sendo vivenciado por outros seres de outros modos. A respeito disso, González & Ruiz (2011, online) afirmam que os modos de cuidado “ trazem seus valores e sentimentos, associados na sua correspondente escala, seja tribal, familiar ou profissional”.

Como possibilidade de ser, o cuidado é revelado pelo ser-acadêmico como intrínseco à vida humana, como uma dimensão que o ser experiencia com todas as outras e que não pode ser quantificado ou objetivado simplesmente, mas deve ser sentido, por fazer parte das outras vivências, conforme é descrito:

O cuidado é uma coisa que tu precisa sentir e não explica, é um pouco de fé, tu acredita, não vê, mas continua acreditando nele. Essa é minha visão atual de cuidado, é essencial para a vida, assim como o oxigênio, a água, como comer, como o amor, como ter raiva, como ter ódio; ter cuidado, ser cuidado é uma questão essencial e vitalícia para todos (A5).

Ao manifestar-se enquanto ser-para-o-cuidado, o ser-acadêmico-de-enfermagem mostra como autêntica sua vivência histórica, e, ao refletir, demonstra autorreflexão e autoconsciência, pois é evidente e reconhecido o vínculo do processo de ensino/aprendizagem da enfermagem com o cuidado, no qual o ser-acadêmico está imerso, que sutilmente estão presentes em todo o gesto de cuidar, descritas nas falas:

Além de o cuidado ser um ato individual, ele também é um ato recíproco, a gente tem que dar o nosso lado profissional, mas a gente também tem que ter sensibilidade (A6).

Este cuidado com sensibilidade mencionado pelo ser-acadêmico-de-enfermagem também faz parte do cotidiano do ser-enfermeiro em sua prática profissional. Contudo, cuidado com o corpo tem sido o foco da enfermagem, mas não pode ser esta a única perspectiva, como salientaram Hernandez et al. (2011), que os enfermeiros atualmente identificam os cuidados vinculados à prevenção e à assistência, não dando atenção ao fenômeno que ocorre em um momento autêntico entre o profissional e o paciente. Corroborando o que as autoras disseram, o ser-acadêmico manifesta-se neste contexto dizendo:

Cuidado para mim não é só uma feridinha, não é só limpar, é o cuidado de sentimento, de dar apoio a uma pessoa, ajudar uma pessoa, isso é um cuidado maior ainda do que uma técnica de enfermagem, para mim o cuidado é diferente (A4).

Ao desvelar o fenômeno do cuidado para o ser-acadêmico-de-enfermagem, no decorrer da reflexão e de seu pensamento, observa-se que sua primeira descrição está vinculada à vivência fática, o que ocorreu objetivamente em sua vida naquele momento temporal, mas, em seguida, passa a considerar também os aspectos subjetivos daquele ocorrido, e, a partir disso, interpreta a vivência do passado, mas que tem sentido no presente enquanto constituição de seu ser. Heidegger (2008, p. 43) menciona que “na experiência fundamental referida ao eu, a facticidade desse eu torna-se decisiva; a própria experiência de vida fática, vivenciada, e realizada nessa situação histórico-espiritual” é responsável em conduzir a experiência fundamental que emerge daquela experiência.

Os aspectos práticos do cuidado na enfermagem, os quais constituem a vivência fática, são também contributos para o desenvolvimento do ser-acadêmico em sua profissão. Conforme afirma Kleiman (2009), esse tipo de pensamento é necessário para a aquisição de conhecimento técnico, bem como habilidades práticas essenciais para a formação do enfermeiro. No entanto, para a autora, a enfermagem requer mais do que cálculos, pesquisa científica e conhecimento técnico.

Em estudo fenomenológico sobre o cuidar e o significado do cuidado para os enfermeiros, Gamboa (2006) encontrou na literatura várias publicações sobre o que as enfermeiras pensam sobre o cuidado, e identificou uma série de comportamentos e atitudes de certa forma comuns em todos os estudos. Alguns consideram o cuidado como parte

da natureza humana, outros como um sentimento, uma emoção, ou como uma intervenção terapêutica, como uma forma tradicional da ciência, dentre outros. Cada pensador, ao expor suas ideias sobre o cuidado, também se coloca como cuidador, revelando-se e imprimindo significados diferentes para este fenômeno, baseado em suas experiências e cultura.

Em outro estudo desenvolvido com docentes de enfermagem, Vale; Pagliuca (2011) construíram um conceito coletivo de cuidado, a partir de grupo focal, o qual se aproxima de todas as concepções de cuidado mencionadas pelo ser-acadêmico-de-enfermagem até aqui. Para as referidas autoras, cuidado de enfermagem é “um fenômeno intencional, essencial à vida, que ocorre no encontro de seres humanos que interagem, por meio de atitudes que envolvem consciência, zelo, solidariedade e amor” (VALE; PAGLIUCA, 2011, p. 113).

Ao desvelar sua historicidade no fenômeno do cuidado, o ser-acadêmico-de-enfermagem demonstra reconhecer-se neste processo, interagindo com o outro e com as situações práticas que os momentos de cuidado lhe exigiram. Esse processo ainda possibilitou conceber uma visão de cuidado a partir de sua experiência passada.

As concepções de cuidado que foram mencionadas vinculam-se a um cuidado autêntico onde os elementos próprios do cuidar se manifestam na presença, desvelando o ser-acadêmico-de-enfermagem enquanto um ser de cuidado envolto em sua tradição e cultura.

CONCLUSÃO

Conhecer, discutir e refletir sobre os aspectos que envolvem o ser-acadêmico-de-enfermagem permite que sejam também conhecidos os futuros profissionais de enfermagem e suas possibilidades no que se refere ao cuidar e ao cuidado.

Acreditamos que, ao transitar neste mundo do ser-acadêmico-de-enfermagem, tendo como solo a própria vivência deste e suas possibilidades de ser, é possível aproximar as esferas vinculadas ao processo dinâmico de ensino-aprendizagem do cuidado na enfermagem.

Ao iniciarmos este estudo na busca de desvelar o fenômeno do cuidado para o ser-acadêmico na perspectiva da hermenêutica heideggeriana, não era possível conceber a complexidade da reflexão e suas nuances. No primeiro movimento hermenêutico, na pré-compreensão, a aproximação dos sujeitos envolvidos no estudo ocorreu e as primeiras percepções de cuidado foram colocadas, a vivência fática, ou seja, os aspectos cotidianos reconhecidos acerca do fenômeno

emergiram, possibilitando constituir o primeiro cenário de cuidado, o qual se vinculava à família.

Ao conduzir a reflexão no segundo momento hermenêutico, constituído pela compreensão, aqui denominado historiografia, emergiram novos elementos no contexto do cuidado, situações foram descritas com mais detalhes. O cuidado assumiu ampla conotação, envolvendo, além da família, amigos, colegas, outros cenários além daquele de sua vida pessoal, como o hospitalar e o da própria universidade. A compreensão do cuidado pelo ser-acadêmico foi um momento interessante; aqui foi preciso mergulhar em suas lembranças e revisitar situações vividas. Esta retomada revelou vivências que configuraram o cuidado para este ser-acadêmico.

A interpretação do ser-acadêmico-de-enfermagem sobre o fenômeno do cuidado caracteriza o terceiro momento hermenêutico, aqui descrito como historicidade, onde o ser, a partir de sua concepção prévia, de sua compreensão, passa a constituir o que pode denominar experiência, ou seja, ao interpretar sua vivência histórica, concebe seus conceitos de cuidado, os quais se caracterizam como solo de sua conduta pessoal e profissional futuras.

O cuidado, para o ser-acadêmico-de-enfermagem, envolve uma construção histórica vinculada à sua tradição familiar e à cultura, que vem ao longo dos anos se apropriando de várias formas. Envolve preocupação em uma relação do ser-cuidador e do ser-cuidado. Está vinculado a suas concepções morais e éticas, nas quais cuidar é viver e refletir continuamente sobre si e o outro.

Este estudo possibilitou uma aproximação, em um primeiro olhar, ingênua deste mundo do ser-acadêmico-de-enfermagem e do que ele expressa como cuidado, tendo em vista este fenômeno e o próprio ser-acadêmico-de-enfermagem estarem em contínuo movimento de velamento e desvelamento. Todavia, poder trazer à tona aspectos de sua percepção vaga e mediana nos proporciona compreender de forma autêntica as concepções de cuidado deste futuro profissional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 196/96**. Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. Disponível em:
<http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm>. Acesso em: 15 out. 2010.

CORRÊA, A. K. Fenomenologia: uma alternativa para pesquisa em enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, 1997.

COSTA, C. R.; FONTOURA, E. G.; SERVO, M. L. S. The meaning of caring/care under the view of the nursing students. **Revista de Enfermagem – UFPE**, v. 6, n. 1, p. 149-55, jan., 2012

GAMBOA, S. G. Buscando uma forma para investigar el cuidar. In: **El arte y la ciência del cuidado**. Bogotá: Ed. Guadalupe: 2006.

GONZÁLEZ, J. S.; RUIZ, M. C. S. A história cultural e a estética dos cuidados de enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 19, n. 5, set./out. 2011. Disponível em: <<http://www.eerp.usp.br/rlae>>. Acesso em: 13 mar. 2012.

GRAÇAS, E. M.; SANTOS, G. F. Metodologia do cuidar em enfermagem na abordagem fenomenológica. **Rev Esc Enferm USP**. v. 43, n. 1, p. 200-207, 2009.

HEIDEGGER, M. **Carta sobre o humanismo**. São Paulo: Centauro, 2005.

_____. **Ser e tempo**. Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2008.

_____. **Marcas do caminho**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HERNÁNDEZ, M. L. G. et al. Construcción emergente del concepto: cuidado profesional de enfermería. **Texto Contexto Enfermagem**, v. 20, n. esp., p. 74-80, 2011.

KLEIMAN, S. On the way to learning. **MEDSURG Nursing**. v. 18, n. 1, jan./fev., 2009.

MUNÓZ, L.A, ERDMANN, A.L. La Fenomenologia em la producció de conocimientos em enfermería. In: **Investigación cualitativa em enfermería: contexto y bases conceptuales**. Organização Panamericana da Saúde, 2008.

OLIVEIRA, M. F. V.; CARRARO, T. E. Cuidado em Heidegger: uma possibilidade ontológica para a enfermagem. **Rev Bras Enferm**. Brasília, v. 64, n. 2, p. 376-80, mar./abr., 2011.

SAFRANSKI R. **Heidegger, um mestre da Alemanha entre o bem e o mal**. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

STEIN, D. **A questão do método na filosofia - um estudo do modelo heideggeriano**. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

VALE, E. G.; PAGLIUCA, L. M. F. Construção de um conceito de cuidado de enfermagem: contribuição para o ensino de graduação. **Rev Bras Enferm**. Brasília, v. 64, n. 1, p. 106-13, jan./fev., 2011.

5.5 MANUSCRITO 3 - TEMPORALIDADE: O EXISTIR E A PERSPECTIVA DA FINITUDE PARA O SER-ACADÊMICO-DE-ENFERMAGEM AO EXPERIENCIAR A MORTE

Temporalidade: o existir e a perspectiva da finitude para o ser-acadêmico-de-enfermagem ao experienciar a morte

Temporality: existing and the perspective of finitude for the student-being-of-nursing by experiencing death

Temporalidad: la existencia y la perspectiva de la finitud para el estudiante-de- enfermería experiencia de muerte

Silvana Silveira Kempfer
Telma Elisa Carraro

Resumo: Objetivo: Desvelar o significado da finitude para o ser-acadêmico-de-enfermagem ao experienciar a morte. **Método:** Pesquisa qualitativa fenomenológica que utilizou a Hermenêutica Heideggeriana. Os dados foram coletados nos meses de março a maio de 2011, sendo entrevistados oito acadêmicos de enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. A entrevista fenomenológica foi audiogravada e posteriormente transcrita. A análise dos dados deu-se pela pré-compreensão, compreensão e interpretação das falas dos sujeitos.

Resultados: Emergiram as seguintes unidades de significado: Temporalidade e existência como prerrogativa do ser-acadêmico; A experiência da morte: quando um ente querido se vai; e A doença enquanto possibilidade de ser-para-a-morte. **Conclusão:** O ser-acadêmico como ser-para-a-morte define-se como ser temporal e manifesta-se como ser-com, atento a seus entes queridos, próximo de sua essência, preocupado com o outro e consigo mesmo, escolhe a enfermagem como profissão, para dar continuidade ao que já é em sua vida, um ser cuidador e um ser cuidado.

Palavras-chave: Estudantes de Enfermagem; Relações Familiares; Morte; Filosofia em Enfermagem.

Abstract: Objective: to reveal the meaning of finitude by the being-a-nursing-student by experiencing death. **Method:** a phenomenological research based upon Heidegger hermeneutic theoretical referential characterized by pre-understanding, understanding and phenomenon

interpretation. Eight nursing students of Federal University of Santa Catarina were the subjects of this study. Data were collected from March to May 2011 by means of phenomenological interviews, which were audiotaped and later transcribed, sustaining understanding and interpretation of data. **Results:** the following units of meaning emerged: Temporality and existence as a prerogative for the student-being; Death experience: when a loved one passes away; and The disease as a possibility of being-for-death. **Conclusion:** the student-being while being-for-death is defined as a temporal being and expresses oneself as a being-with, aware of beloved ones, close to one's own essence, concerned with the other as well as to oneself, who chooses nursing as a profession, in order to continue to what his/her life already is, a caring being and a cared being.

Key Words: Students; Nursing; Family Relations; Death; Philosophy, Nursing.

Resumen: Objetivo: Comprender el significado de la finitud para el estudiante-de-enfermería a la experiencia de la muerte. **Método:** Estudio cualitativo que utilizó la hermenéutica fenomenológica heideggeriana. Los datos fueron recogidos entre marzo y mayo de 2011, se entrevistó a ocho estudiantes de enfermería de la Universidad Federal de Santa Catarina. La entrevista fenomenológica fue audiogravada y transcritas posteriormente. El análisis de los datos fue por pre-comprensión, comprensión y interpretación del discurso de los participantes. **Resultados:** surgieron las siguientes unidades: la temporalidad y la existencia como la prerogativa del ser-académica, la experiencia de la muerte: cuando un ser querido se ha ido, y la enfermedad como una posibilidad del ser-para-la-muerte. **Conclusión:** El ser-académico como ser-para-la-muerte se define como un ser temporal y se manifiesta como ser-con, atento a sus seres queridos cerca de su corazón, preocupado por los demás y con uno mismo, elegir enfermería como profesión, para dar continuidad a lo que ya está en tu vida, un cuidador y el ser cuidado.

Palavras-clave: Estudiantes de Enfermería; Relaciones Familiares; Muerte; Filosofía en Enfermería.

INTRODUÇÃO

As reflexões contemporâneas sobre o viver humano perpassam por fenômenos intrínsecos, por vezes vinculados à temporalidade e às

experiências, ou observados pelo âmbito da morte ligada à finitude.

Filosoficamente, a morte vem sendo discutida desde seus primórdios, como condição humana de existir temporalmente. Heidegger, em sua obra, busca desvelar o fenômeno do ser e do tempo em suas nuances, e, nos parágrafos §68 e §69 de *Ser e Tempo*, aborda a temporalidade e a cotidianidade como possibilidades de abertura para a presença (HEIDEGGER, 2008).

O existir enquanto temporalidade está vinculado ao nexo da presença, em seu acontecer, que, para Heidegger (2008), quando liberado em suas condições existenciais e temporais, leva à compreensão ontológica da historicidade.

Ao pensar o ser, Heidegger traz à tona a questão da sua origem, a qual supõe ao homem um início e um fim, a partir de um acontecer temporal. A origem heideggeriana vincula-se ao ser da presença, que, segundo Loparic (2007), representa o fenômeno que induz o homem a pensar, não fortemente ao nascimento ou nascença em si, sua perspectiva centra-se na morte. O mesmo autor diz que Heidegger não se refere em particular ao problema ôntico e ontológico do nascimento e nem à sua experiência.

Neste íterim, estão em jogo a vida e a morte enquanto fenômenos possíveis ao ser. Heidegger (2008, p. 30) relata que “o sentido no qual a vida assume uma função: é o âmbito, a realidade fundamental, o circum-includente unitário, dentro do qual são erigidos todos os fenômenos”. Aqui, a vida e a morte estão dadas para o ser-nomundo, em sua temporalidade, e tratadas não como partes de um existir, mas como condição intrínseca do ser.

Essas dimensões do ser, vida e morte, estão presentes para o ser-acadêmico-de-enfermagem em seu cotidiano. O que suscita a seguinte pergunta de pesquisa: Como o ser-acadêmico-de-enfermagem vivencia e experiencia a morte? Pensar sobre essas questões e revelar temporalmente o significado da morte para o ser-acadêmico se constituem como perspectiva deste estudo, que tem como objetivo desvelar o significado da finitude ao experimentar a morte para o ser-acadêmico de enfermagem.

METODOLOGIA

Pesquisa fenomenológica que utiliza o referencial teórico de Heidegger (2008, p. 575; 2008/2, p. 31-40), tendo a perspectiva hermenêutica no movimento de pré-compreensão, compreensão e

interpretação do fenômeno, não como algo fragmentado ou sequencial, mas como algo que desvele o fenômeno em movimento, onde a “hermenêutica da presença torna-se também uma hermenêutica no sentido de elaboração de condições de possibilidade de toda investigação ontológica” (HEIDEGGER, 2008, p. 77).

O estudo teve como participantes oito acadêmicos matriculados na terceira fase do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina - BR. A obtenção dos depoimentos ocorreu nos meses de março a maio de 2011, por meio de entrevista fenomenológica, em uma sala de aula na Universidade Federal de Santa Catarina. A entrevista foi audiogravada e transcrita posteriormente. Após leitura repetida, os relatos apontaram para a compreensão e a interpretação do fenômeno.

A entrevista fenomenológica teve como pergunta de pesquisa: que experiências de cuidado você tem lembrança? Utilizou-se como estratégia o "Movimento da Temporalidade", onde o ser-acadêmico-de-enfermagem descreve suas experiências de cuidado.

Foram atendidas as exigências da Resolução 196/96 (BRASIL, 1996), que trata da pesquisa com seres humanos. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade sob o protocolo nº 1086/10. Os sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os participantes foram identificados com um código alfa-numérico para garantir o anonimato.

O desvelamento dos significados segue o delineamento nos momentos de pré-compreensão, compreensão e interpretação do sentidos do ser-acadêmico-de-enfermagem. A hermenêutica compreensiva não está dissociada, mas em contínuo movimento. Emergiram dos dados as seguintes unidades de significado para esta análise: temporalidade e existência como prerrogativa do ser-acadêmico; A experiência da morte: quando um ente querido se vai; e A doença enquanto possibilidade de ser-para-a-morte.

Discussão e desvelamento dos significados do fenômeno ser-acadêmico-de-enfermagem e o cuidado

A pré-compreensão aqui emerge a partir da aproximação com o fenômeno e suas concepções, que em um primeiro momento denominamos de “temporalidade e existência como prerrogativa do ser-acadêmico”. O segundo movimento hermenêutico, caracterizado como compreensão, vincula-se às vivências e experiências do ser-acadêmico com a perspectiva da finitude, por meio de suas lembranças, desde a infância até os dias atuais, o que chamamos de “a experiência da morte:

quando um ente querido se vai”, e, por último, “a doença enquanto possibilidade de ser-para-a-morte”, a compreensão aqui representada pelo vivenciar. A terceira perspectiva é a interpretação do fenômeno, que ocorre simultaneamente nas outras duas, como ir e vir no movimento heideggeriano de velamento e desvelamento.

Temporalidade e existência como prerrogativa do ser-acadêmico

Historicamente a morte é tratada pela sociedade como uma condição da vida. Heidegger (2008, p. 36), em uma passagem, diz que “vivências, homens singulares, um povo, uma cultura sucumbem na morte” e que a analogia do homem com a morte é diferente daquela que tem com outros fenômenos transitórios. A morte caracteriza o ser temporal que todos nós somos, e nossa existência, enquanto seres, está diretamente conectada nesta perspectiva.

Em outras nuances da morte experienciada pelo homem em sua história, temos aquela em que a sua relação corresponde à morte do outro, não mais à própria morte, como os filósofos mencionam, mas à perspectiva de que ela ocorra a um ente querido, um amigo, um familiar, assumindo aí a dimensão de sofrimento e dor pela perda. Segundo Oliveira; Quintana; Bertolino (2010), em meados do século XIX, o homem passa a ocupar-se menos com a própria morte e mais com a morte do outro. Esta atitude permanece até os dias de hoje, onde há preocupação consigo, mas, também, com a possibilidade de perder quem amamos. Para os mesmos autores, a partir do século XX, a morte, que era tratada como um fenômeno da natureza, que ocorria em casa, junto de seus entes, é dominada pela técnica, e vincula-se ao hospital, ao tratamento, à equipe de saúde, e não mais à família, como outrora.

Os aspectos temporais vinculados à morte e ao morrer trazem, para Heidegger (2008), a perspectiva da vida, do viver, vivenciar, como condição do ser-aí. Para ele, a vida é uma disponibilização criativa, um expor-se, onde o ser-aí está nesta vida enquanto essa vida; e, mais do que isto, a vida como experimentar, apreender, onde o que é vivenciado está em uma condição que denomina cisão-sujeito-objeto, o qual não pode ser separado.

No movimento de pré-compreensão do fenômeno, o transitar pelos conceitos e definições sobre o que está sendo desvelado é imprescindível, para que possam ser compreendidos os movimentos do ser-acadêmico e a possibilidade de ser-para-a-morte.

Percebemos nas entrevistas que o ser-acadêmico-de-enfermagem reconhece sua dimensão temporal, e a perspectiva da morte faz parte de sua experiência de vida. Nos momentos descritos por ele, estão em jogo

a condição de saúde e doença, situações em sua infância que lhe trazem lembranças do hospital, de procedimentos médicos, de perda de familiares na morte e as condições existenciais que a finitude lhe apresenta a cada dia.

Essas situações vividas fazem parte da experiência fundamental do ser, o que Heidegger (2008, p. 464) chama de concepção prévia, entendida como uma diretriz que sustenta tudo, a base de tudo o que podemos denominar vida. Considera ainda que a própria vida é algo sobre o qual não se pode afirmar objetivamente e espontaneamente. Então, “o nexa da vida consta de uma sequência de vivências no tempo. Nesta sequência de vivências, só é propriamente real a vivência simplesmente dada em cada agora. As vivências passadas e futuras já não são mais ou ainda não são reais” (HEIDEGGER, 2008, p. 464).

Em outra perspectiva, o autor supracitado afirma que, tomando por base a caracterização da vida enquanto período entre o nascimento e a morte, concebido de forma simplesmente temporal, não é suficiente para explicar este fenômeno. Há algo mais neste nexa do que somente o tempo, os eventos acontecem em si e o ser tem a possibilidade de experienciá-los de diferentes maneiras. Sendo assim, quando

compreendido existencialmente, o nascimento não é e nunca pode ser um passado, no sentido do que não é mais simplesmente dado. Da mesma maneira, a morte não tem o modo de ser de algo que ainda simplesmente não se deu mais que está pendente e em advento. De fato, a presença só existe nascente e é nascente que ela já morre, no sentido de ser-para-a-morte (HEIDEGGER, 2008, p. 465-66).

Este solo da vida delimita a existência como a caracterização de algo, sua determinação de ser si-mesmo, em um apurado sentido do eu, porém, esta delimitação formal da existência dá-se a partir de uma interpretação de si-mesmo e da própria vida concebida pelo sentido do ser, onde o si-mesmo está vinculado ao mundo próprio, compartilhado e circundante dando sentido à sua experiência, caracterizando a historicidade (HEIDEGGER, 2008).

O ser-acadêmico-de-enfermagem vivencia esta concepção histórica onde transita seu existir, conforme podemos perceber no relato:

[...] se hoje eu tenho compaixão, se hoje posso exercer a enfermagem, porque acho que a enfermagem não é para qualquer um, você lida

com as pessoas, você lida com um período crítico, então, para você ser um bom enfermeiro, para você cuidar de uma pessoa, você tem que ter uma imagem de vida, você tem que ter uma história de vida que te faça ser humilde o bastante para poder cuidar de uma pessoa, é uma construção do que sou hoje, acho que hoje consigo, vou conseguir, espero, como enfermeira, olhar para as pessoas com olhar diferente, poder dar um pouco de mim na profissão. (A10)

Quando menciona que espera por algo em sua vida, um porvir está manifesto. O porvir é uma condição do ser, e não necessariamente está vinculado a uma perspectiva de futuro, mas a um acontecer da experiência. Outro relato que vincula o esperar enquanto possibilidade temporal diz respeito a como o ser-acadêmico-de-enfermagem quer vincular-se cotidianamente de forma diferente do que tem observado, denotando posicionamento próprio de sua vida.

Eu espero ser assim, e não perder isso com o tempo, sou carinhosa, e não como a gente vê hoje em dia, muita gente que não está nem aí para o serviço e faz de qualquer jeito, não queria me tornar mais uma. (A3)

No movimento de retomada, o ser-acadêmico-de-enfermagem rememora sua infância, e de como sua infância pode ter influenciado seu ser-para-a-morte, quando menciona o cuidado de sua mãe e o significado deste gesto enquanto modo de ser temporal.

[...] eu lembro da minha infância, tenho uma vizinha de infância, que quando ela ficava doente a mãe dela não cuidava, aí ela ia para a minha casa e a minha mãe cuidava. (A4)

A experiência da morte: quando um ente querido se vai

Experienciar a morte se configura como modo de ser do ser-acadêmico-de-enfermagem que, ao ser questionado, desvela-se para seu enfrentamento. Cada ser possui em seu íntimo uma concepção sobre esse vivenciar, e, pensa, no entanto que isto lhe será suficiente para minimizar o sofrimento e a dor que a perda traz.

Heidegger (2008, p. 51) menciona que “na medida em que a vida

é um todo fluente e infinito, mas que os conceitos são formas que estabilizam a vida, torna-se impossível apreender verdadeiramente a vida”. Portanto, as acepções sobre a morte assumem em cada ser uma possibilidade de sentido, que resgatamos nas situações difíceis, e conviver com a certeza da finitude alimenta muitas incertezas, neste universo de possibilidades que é a vida.

A perspectiva da morte gera no ser muitas sensações, pode-se sentir medo, ansiedade, angústia, tristeza, mas há uma em especial que faz com que o ser reflita sobre suas convicções: a sensação de que não viveu intensamente, de que poderia ter feito mais, outras coisas, deveria ter tido outras experiências. Esta percepção da vida, ao deparar-se com a possibilidade da morte, segundo Oliveira; Quintana; Bertolino (2010), faz emergir sentimentos de culpa e estresse.

Nesse ponto de vista temporal, o ser enfrenta a perda de entes queridos, o que para Oliveira; Brêtas; Yamaguti (2007, p. 389) se configura em “uma das experiências mais intensamente dolorosas que o ser humano pode sofrer”.

Geralmente, a morte é concebida em nosso imaginário como uma sucessão temporal onde primeiramente o ser nasce, cresce, tem experiências, envelhece e só então a morte está presente no imaginário, como um depois. Esta visão biologicista da morte nem sempre acontece no cotidiano do ser, e o assombra por meio da doença, de um acidente, de um mal súbito, ou outra possibilidade não pensada racionalmente.

Este pensar a morte enquanto perda, principalmente quando se trata de pessoas queridas, suscita sofrimento e dor diante da impossibilidade de se fazer alguma intervenção. Santos; Sales (2011, p. 215) dizem que a ausência do “familiar poderá levar a família à solidão existencial, em que todos os socorros e proteções serão ineficazes para debelá-la; assim, a família sente-se completamente perdida e desvalida”, como podemos perceber no relato:

[...] meu avô faleceu, foi bem triste, a minha avó ficou desolada. No começo ela não tinha ânimo para nada, não comia direito, foi outro obstáculo. Até minha avó entender o que aconteceu, ela passar bem por isso e ter ânimo, que tem que seguir, a vida continua, demorou. Hoje ela está bem. (A1)

Sob este ângulo do ser-acadêmico-de-enfermagem, a morte do avô gerou consequências para sua companheira de muitos anos,

desestabilizando também sua vida, tendo em vista a convivência por longo tempo gerar apego e afinidade mútuos e a perda de um dos entes gerar profundas mudanças em quem ficou. Ressalta-se aqui o quanto é difícil para os familiares aceitarem este processo de morte/morrer, considerando que a morte de um membro da família gera intensa reação para o indivíduo enlutado, e para o sistema familiar (SANTOS; SALES, 2011).

O ser-aí se manifesta na cotidianidade, e as vivências deste ser são trazidas à tona, sob a sua perspectiva diante das situações que fazem parte de seu mundo. A postura assumida pelo ser quando se refere a seus entes queridos é de zelo, acolhimento, amor, compaixão, e os descreve como seus. Ser seu ente querido pressupõe que, em sua ausência na morte, a dor é sua, pela perda de seu ente, e, neste momento de sofrimento, mantém velado o processo já dado na cotidianidade pela doença e pela morte.

[...] eu perdi o meu avô, foi bem triste. Ele sempre foi doente, ele era diabético, ele tinha um pulmão só, ele era debilitado, às vezes ele tinha que ficar no oxigênio em casa, eu tenho até pena, o tubinho de oxigênio dele lá, teve uma época em que ele vivia mais no hospital do que em casa. (A3)

O impacto que a morte causa na vida familiar e, neste caso, no ser-acadêmico-de-enfermagem, é levado para a vida toda. Ao perder um ente, o ser guarda em suas lembranças a imagem deste e a revisita sempre que se defronta com uma situação parecida com aquela da sua perda. O ser-acadêmico-de-enfermagem neste estudo revelou a morte enquanto presença em sua vida, de diferentes maneiras ela se apresentou, geralmente, em um primeiro momento, com os avós, mas também com primos, tios e outras pessoas queridas. Esta perda é lembrada por ele como fatalidade, injustiça, como algo que não deveria ter acontecido naquele momento, mesmo sem referir qual seria então o melhor momento para este acontecimento, quando ele seria menos doloroso.

[...] eu tenho um avô que nunca conheci, ele morreu antes de eu nascer, e tenho um avô que morreu quando eu estava na sexta série, ele estava com câncer no pulmão, eu era bem apegada a ele. (A4)

[...] os meus avós, eu quase não conheci, eles

faleceram muito cedo, por parte de pai; quando eu nasci, um pouco depois, a minha avó um ano depois chegou a falecer e, por parte de minha mãe, os pais dela já tinham falecido, então eu não tive a oportunidade de conhecer. (A5)

Heidegger (2008, p. 476) refere que o ser livre para a morte coloca a existência em sua finitude, e esta finitude retira da presença a condição eterna de bem-estar a que temporalmente se oferece enquanto possibilidade, e a coloca “na simplicidade de seu destino”.

Os relatos do ser-acadêmico-de-enfermagem revelam que a vivência da perda, ao ser revisitada, é capaz de fazê-lo vislumbrar a própria finitude como possibilidade de ser-para-a-morte, que o tempo adormece, mas a sua historicidade desvela. Assim, a mesma disposição antecipadora ao qual o ser-aí está imerso o conduz à compreensão de sua finitude, na tentativa de compreender a morte de outros entes (SANTOS; SALES, 2011).

A doença enquanto possibilidade de ser-para-a-morte

Nosso cotidiano nos revela uma contraditória percepção sobre a morte: em um aspecto, chama-nos a atenção cada notícia vinculada à morte ou ao processo de morrer, trazidos a todo instante pelos meios de comunicação; em outro aspecto, quando pensamos ou vivenciamos algo que nos aproxima ou lembra a nossa morte ou a de um ente querido, tentamos mudar de assunto ou sublimar tal pensamento a algo espiritual.

A doença é um desses aspectos que nos mantêm sempre conectados à morte e suas nuances. Quando um fenômeno abala a saúde e o ser passa a equilibrar sua vida a partir do que tem disponível emocionalmente e fisicamente, pensar na morte é quase sempre inevitável. Ao receber um diagnóstico médico detectando alguma alteração na saúde, por menor que seja, abrem-se as portas do ser para uma série de expectativas acerca de sua existência como ser-no-mundo.

Ao rememorar fatos ocorridos em sua vida, vinculados a algum tipo de fragilidade, o ser-acadêmico-de-enfermagem descreve a doença da mãe como uma experiência desagradável, na qual vivenciou sentimento de perda e dor vendo a morte como possibilidade:

[...] o que tenho marcado na minha adolescência de cuidado foi, mais ou menos com uns 15, 16 anos, a minha mãe ficou doente, ela teve trombose, e, foi um período que ela ficou internada, acho que uns quatro meses, foi um

período de choque para mim. Passa naquele momento na cabeça que eu posso perder a minha mãe, foi bem complicado. (A5)

Outro relato sobre a experiência com a doença e a perspectiva da finitude é descrito pelo ser-acadêmico-de-enfermagem que vivenciou uma situação de cuidadora da mãe. Nesta referência sobre a doença, conta que a mãe precisou tomar uma decisão importante, envolvendo não somente a si, mas a outro ser, conforme observamos:

[...] teve uma época que eu cuidei da minha mãe, ela tinha um mioma, ela já tinha esse mioma inclusive quando estava grávida de mim, o médico tinha dito para ela: tu queres mesmo levar a gravidez à frente, porque pode ser que aconteça de ter que escolher, ou o mioma ou o bebê, ou ela também, que a vida dela também estaria em risco, mas daí a minha mãe levou a gravidez até o final. Minha mãe tinha muito medo de fazer cirurgia, ela tinha muito receio, até hoje ela tem, minha mãe tem bastante receio com saúde, hospital. (A1)

Os enfermeiros trabalham diretamente com esta realidade em seu cotidiano e, desde seu processo de escolha profissional, já sabem que a presença da morte é uma prerrogativa de seu trabalho. Em sua formação profissional, o ser-acadêmico-de-enfermagem transita por um contexto contrário ao de aceitação de morte natural, mas adquire conhecimentos e aprende a negar a morte e preservar a vida. Oliveira; Amorin (2008) mencionam que nossa sociedade ocidental é negadora da morte, e profissionalmente, a morte é considerada como um fracasso, tendo em vista os enfermeiros serem instruídos para impedi-la. Nesse caso dos profissionais, a morte de um ser cuidado gera dúvidas e questionamentos sobre a sua competência.

A possibilidade de aceitar a morte natural atualmente não faz parte do cotidiano profissional do enfermeiro, bem como da vida dos seres, na medida em que a tecnologia e os recursos desenvolvidos até então permitem que o ser doente tenha mais tempo de vida, ou a cura de sua patologia. A morte natural difundida entre os séculos V e XV, que ocorria no ambiente familiar, assistida por todos, e era aceita como uma certeza da vida, vivenciada e compartilhada entre os amigos e familiares, dando a oportunidade ao ser de despedir-se, não é mais

vivenciada no mundo ocidental atualmente (OLIVEIRA; QUINTANA; BERTOLINO, 2010).

Entretanto, diante da perspectiva da morte, o ser-acadêmico-de-enfermagem vê em si o desvelamento do ser-para-a-morte, onde a finitude se concretiza como inevitável. E, ao escolher sua profissão, sua família tenta protegê-lo do sofrimento e da dor, conforme a descrição:

[...] 'pensa bem, tu vai lidar com pessoas doentes, pode pegar uma doença, vai chorar, vai sofrer, sabe que tu é chorona, é sentimental, pode sofrer quando alguém morrer, quando alguém que tu queria muito, ficar pior' [o pai falando]. Aí eu fiquei pensando e disse: ' e se eu cuidar de alguém que ficar bom, a pessoa se recuperar e não morrer, ou mesmo, se a pessoa morrer, eu vou cuidar dessa pessoa, é isso que é importante, essa pessoa precisa de alguém que cuide dela'. (A7)

Por outro lado, há opiniões diferentes sobre a morte e seu modo de ser, como menciona outro estudo relacionado ao ser-acadêmico-de-enfermagem desenvolvido por Santos;Bueno (2011) destaca que os recém-ingressos no curso têm a morte como inimiga, e acreditam ser seu objetivo lutar contra ela e preservar a vida.

Em geral, os enfermeiros evitam falar sobre a morte em seu cotidiano, e quando falam, substituem a palavra morte por outra, que às vezes não significa a mesma coisa, ou ainda, se referem a ela de forma evasiva, dando a entender sobre o que estão falando (OLIVEIRA; QUINTANA; BERTOLINO, 2010). Este comportamento pode ser percebido neste relato do ser-acadêmico-de-enfermagem:

[...] uma vez me deu convulsão, minha mãe conta que foi um susto grande, porque tive a convulsão, estava com febre muito alta, eles estavam me levando para o hospital e eu tive a convulsão, fiquei internada, fiquei muito tempo desacordada da convulsão, foi sério. Para eles, foi um susto grande, até achavam que podia acontecer uma coisa mais grave. (A1)

Vargas (2010) diz que essa dificuldade em abordar o tema acontece pelo fato de os profissionais, em sua formação, estarem

vinculados à preservação da vida e à cura, sendo essas prerrogativas que lhe conferem gratificação pelo seu trabalho. Ao se referirem à morte, os profissionais experimentam sentimentos de tristeza e impotência, pois cuidar é sempre estar envolvido com o cuidado em uma relação de proximidade, principalmente quando houve um tempo maior nesta convivência (JÚNIOR et al., 2011).

Nesta dinâmica existencial, o ser-acadêmico encontra obstáculos oriundos de sua compreensão prévia sobre a finitude, e ao mesmo tempo, se depara com outras possibilidades que não conhecia, este contexto se apresenta em um momento decisivo pessoal e profissional, pois sua ocupação com o cuidado lhe confere esse confronto permanente com a presença. Heidegger (2008 p. 466) menciona que “liberar a estrutura do acontecer e suas condições existenciais e temporais de possibilidade significa conquistar uma compreensão ontológica da historicidade”. E, ao reconhecer-se enquanto ser histórico, o ser-acadêmico reflete sobre sua trajetória de vida e compreende sua própria temporalidade, como observamos na fala:

[...] primeiro foi com meu avô, há oito anos atrás, desenvolveu um câncer de estômago, ele teve que operar do estômago. Ele ficou bem até dois anos atrás, daí voltou, não voltou, na verdade, porque era outro câncer, na garganta, foi se agravando, dói um tempo, cuidando várias coisas. A gente levou ele, fez terapia, quimioterapia e tudo e, no final, foi para o pulmão e não teve jeito, foi um período difícil para a gente, assim, bem drástico. (A2)

Este processo de compreensão é desvelado pelo ser-acadêmico ao revisitar suas lembranças, Heidegger (2008, p. 480) diz que “compreender não é um mero registro de si, que apenas acompanharia todos os comportamentos da presença. Compreender significa projetar-se em cada possibilidade de ser-no-mundo, isto é, existir como essa possibilidade”.

O mesmo autor, com relação ao processo compreensivo e interpretativo do fenômeno, refere que o ser “ao apropriar-se da compreensão, a interpretação se move em sendo compreensivamente para uma totalidade conjuntural já compreendida” (HEIDEGGER, 2008, p. 211). Heidegger, em sua exposição, menciona ainda, que a assimilação do compreendido, que se mantém velado, desenrola-se no desvelamento conduzido pela visão prévia, a qual se fundamenta em

uma posição prévia, como uma possibilidade determinada de interpretação.

As reflexões do ser-acadêmico sobre a finitude, a morte e a perda em suas vivências possibilitaram a compreensão do ser-para-a-morte que todos somos, e, a partir daí, sua interpretação da existência como prerrogativa temporal foi desvelada. Ao voltar-se para si mesmo, reconhece sua trajetória de vida enquanto viver e as suas experiências como um experimentar temporalmente, conforme sua interpretação:

[...] as coisas passam e o tempo não volta, eu sempre digo para os meus colegas, eles dizem que querem que o tempo passe rápido. Eu sou diferente, eu já quero que o tempo não passe, eu quero aproveitar cada minuto, porque eu sei que o tempo passa rápido e eu quero aproveitar cada minuto, então eu aproveito essas experiências também como profissional, eu tento aproveitar o máximo. (A10)

Ao acolhermos esta possibilidade interpretativa para a existência, reconhecemos a singularidade e especificidade de cada ser e cada ente deste ser se manifesta em sua simplicidade. Para Heidegger (2008, p. 72):

cada ente não se desvela senão por sobre o fundamento de uma compreensão prévia-conceitual, embora não ciente, daquilo que esse ente respectivo é e como ele é. Toda interpretação ôntica move-se no solo de uma ontologia, solo esse de imediato e na maioria das vezes oculto. (HEIDEGGER, 2008, p. 72).

CONCLUSÃO

Ao nos debruçarmos na fenomenologia hermenêutica para desvelar o fenômeno do ser-acadêmico-de-enfermagem e sua experiência sobre a finitude e a morte, percebemos que este ser compreende-se como ser temporalmente inserido no mundo e tem consciência de que é um ser-para-a-morte.

Suas reflexões trazem à tona um universo de possibilidades de interpretação desta finitude, mas o que fica é sua ligação com o cuidado

e a cura, e seu retorno constante às questões fundamentais de seu ser, configurando-se como a base de toda a sua interpretação sobre a vida e o viver.

O ser-acadêmico-de-enfermagem enquanto ser-para-a-morte define-se como ser temporal e manifesta-se como ser-com, atento a seus entes queridos, próximo de sua essência, preocupado com o outro e consigo mesmo, acolhe a enfermagem como profissão, para dar continuidade ao que já é em sua vida, um ser cuidador e um ser cuidado.

A compreensão e a interpretação das vivências do ser-acadêmico-de-enfermagem acerca da morte podem suscitar novas perspectivas para o ensino de enfermagem enquanto profissão de cuidado, onde conhecer seus acadêmicos e futuros profissionais permite compreender as suas condutas em seu porvir. A morte, enquanto paradoxo da vida, mais do que interpretada, deve ser assimilada como única certeza da vida e que nunca será desvelada em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 196/96**. Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. Disponível em:
<http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm>. Acesso em: 15 out. 2010.

HEIDEGGER, M. **Marcas do caminho**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Ser e tempo**. Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2008.

JÚNIOR, F. J. G. S. et al. Processo de morte e morrer: evidências da literatura científica de enfermagem. **Rev. Bras. Enfermagem**, Brasília, v. 64, n. 6, p. 1122-1126, nov./dez., 2011.

LOPARIC, Z. Origem em Heidegger e Winnicott. **Natureza humana**, v. 9, n. 2, p. 243-274, jul./dez., 2007.

MUNÕZ, L. A.; & ERDMANN, A. L. La fenomenologia em la producci3n de conocimientos em enfermería. In: PRADO, M.L., SOUZA, M.L., CARRARO, T.E. (Org.) **Investigaci3n cualitativa em enfermería: contexto y bases conceptuales**. Wahington: Organiza3o Panamericana da Saúde, 2008.

OLIVEIRA, J. R.; BRÊTAS, J. R. S.; YAMAGUTI, L. A morte e o morrer segundo representa3es de estudantes de enfermagem. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 41, n. 3, p. 386-394, 2007.

OLIVEIRA, S. G.; QUINTANA, A. M.; BERTOLINO, K. C. O. Reflexões acerca da morte: um desafio para a enfermagem. **Rev. Bras. de Enfermagem**, Brasília, v. 63, n. 6, p. 1077-80. nov./dez., 2010.

OLIVEIRA, W. I. A.; AMORIM, R. C. A morte e o morrer no processo de forma3o do enfermeiro. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 191-198, jun., 2008.

SANTOS, E. M.; SALES, C. A. Familiares Enlutados: Compreens3o Fenomenológica Existencial de suas Vivências. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 20, n. esp., p. 214-222, 2011.

SANTOS, J. L.; BUENO, S. M. V. Educa3o para a morte a docentes e discentes de enfermagem: revis3o documental da literatura científica. **Rev. Esc. Enferm. USP.** v. 45, n. 1, p. 272-276, 2011.

VARGAS, D. Morte e morrer: sentimentos e condutas de estudantes de enfermagem. **Acta Paul Enfermagem**, v. 23, n. 3, p. 404-10, 2010.

5.6 MANUSCRITO 4 - A ESCOLHA PROFISSIONAL DE SER ENFERMEIRO COMO POSSIBILIDADE DE CUIDADO AUTÊNTICO

A escolha profissional de ser enfermeiro como possibilidade de cuidado autêntico

The choice be nursing with possibility of authentic care

La elección de la carrera de ser enfermero como posibilidad de cuidar autêntico

Silvana Silveira Kempfer
Telma Elisa Carraro

Resumo: Objetivo: Desvelar as expectativas do ser-acadêmico de enfermagem com a escolha profissional. **Metodologia:** Pesquisa qualitativa fenomenológica com sete acadêmicos de enfermagem, realizada na Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil. A coleta dos dados deu-se de março a maio de 2011. A análise dos dados segue a hermenêutica heideggeriana em três etapas: pré-compreensão, compreensão e interpretação das falas dos sujeitos. **Resultados:** O movimento para a opção profissional se vinculam às experiências pessoais e familiares com a enfermagem e o cuidado. A vivência do ser-acadêmico na enfermagem possibilitou a aproximação com o cuidar e o cuidado marcante. Ao perceber a profissão em seu mundo circundante, o ser-acadêmico se reconhece enquanto ser-no-mundo e ser-com, aproximando-se da propriedade, constituindo-se existencialmente nos modos de ocupação. **Conclusão:** O ser-acadêmico caminha na direção da enfermagem como possibilidade para o cuidado autêntico.

Palavras-chave: Bacharelado em Enfermagem; Estudantes de Enfermagem; Acontecimentos que mudam a vida; Cuidados de enfermagem.

Abstract: Objective: to reveal expectations of being-a-nursing-student regarding professional choice. **Methodology:** a phenomenological research based upon Heidegger hermeneutic theoretical referential characterized by pre-understanding, understanding and phenomenon interpretation. Seven nursing students were the subjects of this study. Data were collected from March to May 2011 by means of

phenomenological interviews, which were audiotaped and later transcribed, sustaining understanding and interpretation of data. **Results:** Reasons for the professional choice are linked to both personal and family experiences concerning nursing and care. Nursing experiences lived by the student allowed an approximation to care and striking care. When recognizing the profession in the surrounding world, the student-being recognizes him/herself as a being-of-the-world and as being-with, reaching closer to property, constituting oneself existentially in an occupation manner. **Conclusion:** the student-being faces nursing as a possibility for authentic care.

Key Words: Education, Nursing, Baccalaureate; Students, Nursing; Life Change Events; Nursing Care.

Resumen: Objetivo: Conocer las expectativas de los estudiantes de enfermería que con la elección de carrera. **Metodología:** La investigación cualitativa fenomenológica con siete estudiantes de enfermería, que se celebró en la Universidad Federal de Santa Catarina - Brasil. La recolección de datos se llevó a cabo entre marzo y mayo de 2011. Análisis de los datos sigue la hermenéutica heideggeriana en tres etapas: pre-comprensión, comprensión e interpretación del discurso de los participantes. **Resultados:** Las razones para la elección de carrera están ligados a experiencias personales y familiares con la enfermería y la atención. La experiencia de estar en el estudiante de enfermería habilitado acercamiento notable con cuidado y atención. Al darse cuenta de la profesión en su mundo circundante, el ser-académico reconocido como ser en el mundo y el ser-con, acercándose a la propiedad, llegando a ser existencialmente modos de ocupación. **Conclusión:** El ser académico-se acerca a la enfermería como una posibilidad para el cuidado auténtico.

Palabras Clave: Bachillerato em Enfermería; Estudiantes de Enfermería; Acontecimientos que Cambian la Vida; Atención de Enfermería.

INTRODUÇÃO

A questão do ser discutida por Heidegger em sua obra está envolta na perspectiva temporal dando sentido à experiência humana de ser-no-mundo, onde a vida flui em sua vertente mais pura. O ser para Heidegger (2008) é um conceito universal, evidente por si mesmo, presente em todo relacionar-se.

Neste âmbito da existencialidade, há dois modos de ser: próprio e impróprio, que, segundo Heidegger (2008, p. 86), são descritos como duas possibilidades do ser-aí, interpretados como constituição de ser, descritos por Safranski (2005) que uns permanecem fiéis a si mesmos, mas outros se perdem nas distrações.

A compreensão vaga e mediana do ser-acadêmico-de-enfermagem aqui proposta diz respeito ao questionar do ser não como algo inteiramente desconhecido, mas em um primeiro momento ainda inapreensível, e neste primeiro passo para a interpretação deste ser, faz-se necessário descrever suas vivências e experiências cotidianas (HEIDEGGER, 2008).

O ser-acadêmico-de-enfermagem compreendido enquanto sujeito da aprendizagem, que se prepara para sua atuação profissional, não como um produto da imagem de construção, mas como ser-com, que por meio de sua experiência de vida apreende e vivencia seu entorno como ser-no-mundo (CARVALHO, 2009).

E sendo, é um ser que “já se pronunciou e se anuncia constantemente no dizer e na discussão daquilo que se ocupa”, na ocupação mostra-se no mundo enquanto planeja, providencia e previne, de forma perceptível ou não no primeiro momento, mas sempre compreendido a partir de uma perspectiva de visão fundada na temporalidade (HEIDEGGER, 2008, p. 501).

Ao aproximar-mo-nos deste ser-acadêmico que tem como seu ente a enfermagem, talvez seja possível compreender suas escolhas, pois, segundo Carvalho (2009), não podem e não devem ser tratados como objetos, mas como sujeitos, com a faculdade de pensar e agir e capazes de organizar suas sensações de aprendizagem, tornando-as percepções da realidade, como uma atividade viva.

O processo de ensino-aprendizagem caracteriza-se por uma série de eventos, ações, e proposições pessoais e coletivas, fundamentadas pela experiência vivida por todos os envolvidos. Por isso, este momento temporal em que o ser-acadêmico se coloca pode influenciar e ser influenciado pelas relações externas que mantém relacionadas ao tempo e ao espaço que ocupa no momento.

Martins; Bicudo (2006) consideram que o ser-acadêmico-de-enfermagem que está nos espaços educacionais é um ser reflexivo e tem uma preocupação com a sua individualidade como pessoa, com as formas de responder à vida, com seu próprio corpo e com o bem e o mal, sendo ao mesmo tempo um ser individual, um ser-com, sendo com pessoas e com coisas. Este ser “está num devir, é um ser temporal que se preocupa consigo próprio, mas, ao mesmo tempo, toma conhecimento

de si mesmo, do mundo e se projeta no futuro” (MARTINS; BICUDO, 2006, p. 55).

O ser-acadêmico-de-enfermagem, portanto, experiencia em sua formação situações de êxtase, alegria, frustração, descoberta, aproximações e distanciamentos das coisas e das pessoas, que tendem a refletir sua vivência presente e futura, tendo em vista que todas estas nuances do processo de viver fazem parte do ser ontológico que todos somos.

A experiência não pode ser considerada como um ato reflexivo da consciência que está fora e que se apreende, ela é o próprio ato da consciência, e existe antes que o pensamento possa separar sujeito e objeto. Dessa forma, considera-se experiência, por onde o mundo e a nossa experiência estão unidos, e toda a sua expressão não pode ser afastada das sensações e sentimentos (RIVERA; HERRERA, 2006).

Para que o ser-acadêmico-de-enfermagem tenha mais oportunidades de descobertas, tanto o ambiente como os envolvidos em sua formação devem compreender esta dinâmica, constituindo a aprendizagem como um momento único e singular, que leve o ser-acadêmico-de-enfermagem a uma condição de propriedade, a qual é descrita por Heidegger como a possibilidade de refletir e significar a própria existência (HEIDEGGER, 2008).

Cuidar é uma atitude da enfermagem e o conceito de cuidado está vinculado a características intrínsecas de sua função, ou seja, quando uma função peculiar é assumida por alguém que não tem, e que esta tem uma finalidade precípua com componentes diferentes, considera-se uma atitude intrínseca (SILVA et al., 2011). “Desta forma, compreendemos que são as experiências humanas que constituem o cotidiano das relações de cuidado no contexto da saúde e da doença” (CARRARO, 2011, p. 92).

O enfermeiro como protagonista nas ações de cuidado necessita, segundo Carraro et al. (2008, p. 504) “tomar posição também quanto à sua responsabilidade ética, legal e moral, e não apenas técnica e científica”.

Este contexto da enfermagem, do ser-acadêmico-de-enfermagem e do cuidado nos remete a questão de pesquisa: Como o ser-acadêmico-de-enfermagem definiu a enfermagem como profissão? Diante da questão, este estudo tem como objetivo desvelar a escolha profissional do ser-acadêmico-de-enfermagem.

METODOLOGIA

Pesquisa fenomenológica que utiliza o referencial teórico de Heidegger (2008, p. 575; 2008/2, p. 31-40), tendo a perspectiva hermenêutica caracterizada por pré-compreensão, compreensão e interpretação do fenômeno, não como algo fragmentado ou sequencial, mas como algo que traduza o fenômeno em movimento, onde a “hermenêutica da presença torna-se também uma hermenêutica no sentido de elaboração de condições de possibilidade de toda investigação ontológica” (HEIDEGGER, 2008, p. 77).

O estudo teve como participantes sete acadêmicos matriculados na terceira fase do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina - BR. A obtenção dos depoimentos ocorreu nos meses de março a maio de 2011, por meio de entrevista fenomenológica que teve como questão norteadora: Que experiências de cuidado você tem lembrança? Utilizou-se como estratégia para captar o fenômeno o "Movimento da Temporalidade", onde o acadêmico construiu uma linha com um marco inicial e um final, ocorreu em uma sala de aula na Universidade Federal de Santa Catarina. A entrevista foi audiogravada e transcrita posteriormente. Após leitura repetida, os relatos apontaram para a compreensão e a interpretação do fenômeno.

Foram atendidas as exigências da Resolução 196/96 (BRASIL, 1996), que trata da pesquisa com seres humanos. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade sob o protocolo nº 1086/10. Os sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os participantes foram identificados com um código alfa-numérico para garantir o anonimato.

O desvelamento dos significados segue o delineamento da hermenêutica, desvelando os sentidos do ser-acadêmico-de-enfermagem em sua decisão pela enfermagem. A hermenêutica compreensiva não está dissociada, mas em contínuo movimento. Emergiram dos depoimentos as unidades de significado para esta análise: A decisão em fazer o curso de enfermagem; As primeiras vivências e a aproximação com a profissão de enfermagem; e As expectativas pessoais e profissionais com a escolha da enfermagem.

APRESENTAÇÃO DOS DEPOIMENTOS DO SER-ACADÊMICO-DE-ENFERMAGEM

O curso de enfermagem como possibilidade para o ser-acadêmico-de-enfermagem

Ao refletir sobre suas possibilidades profissionais, o ser-acadêmico-de-enfermagem encontra-se em um momento de questionamento impulsionado pela necessidade social e familiar que se impõe neste espaço temporal vivenciado, conforme as falas:

Eu tinha que decidir o que ia fazer, mas não fazia ideia, não sabia o que queria fazer. (A5) Com 15 anos entrei no ensino médio e não sabia o que queria. Acho que nessa fase de adolescência a gente não sabe o que quer. (A7)

Neste momento, se abre uma possível aproximação com algo vinculado à área da saúde, e lhes vinha em mente outras profissões, dentre elas a medicina:

Sempre tive interesse pela biologia, e cuidar de animais, pessoas, ciências [...] durante todo esse tempo, não sabia que queria fazer enfermagem, se era realmente isso que queria. Tentei fazer vestibular para medicina porque achei que a medicina era a única profissão que cuidava das pessoas, mas não passei, aquele estresse todo. (A7). Nunca quis fazer enfermagem, na verdade nunca me imaginei enfermeira. Não sei o que aconteceu que prestei vestibular para enfermagem, acho que tinha pensado em medicina, comecei a fazer enfermagem, mas nunca foi uma coisa que eu sempre quis, às vezes penso em desistir, mas não posso porque não tenho outra coisa para fazer. (A6) Eu tinha pensado em medicina, coisa de criança, e quando a gente pensa na área da saúde a primeira coisa que pensa é medicina. (A3)

Os relatos do ser-acadêmico-de-enfermagem remetem a um cenário fértil para a reflexão sobre a escolha profissional, e o que o impulsiona a fazer uma opção. A questão é o que leva este ser a optar pela enfermagem, o que o direciona para sua vida profissional? Este estudo traz em outras passagens afirmações contundentes sobre esta

escolha, como pode ser percebido nas descrições:

Eu escolhi fazer enfermagem porque tenho um tio que é técnico e trabalha no hospital, tenho minha irmã que faz enfermagem e está se formando, e ela gosta bastante. Tenho mais duas primas que são enfermeiras. (A4) Não gosto de ver pessoa triste, acho que é por isso que escolhi a enfermagem, porque quero tentar ajudar as pessoas. (A4) Eu escolhi enfermagem pelas experiências passadas, instinto, e por gostar de confortar alguém. (A5)

O movimento em direção à profissão se vincula às experiências pessoais e familiares com a enfermagem e o cuidado. Sua trajetória em outros contextos nesta área é capaz de estimular a aproximação com a enfermagem e a saúde. No entanto, para Heidegger (2008), as vivências podem fomentar momentos peculiares de reflexão baseada na concepção prévia, e, neste caso influenciar a escolha profissional:

Eu me interessei pela área da saúde, que é totalmente o contrário do ambiente em que cresci, e também vivia no hospital quando era criança, o lógico seria nem querer chegar perto de hospital. (A1)

As primeiras vivências e a aproximação com a profissão de enfermagem

A vivência do ser-acadêmico na enfermagem emerge em um contexto histórico familiar de cuidado, o qual possibilitou a aproximação com o cuidar e o cuidado, conforme a descrição:

Quando era criança estive muito tempo dentro de um hospital com enfermeira, com médico, com muitas pessoas aplicando cuidados, ou dizendo o que minha mãe deveria fazer para me cuidar quando fosse para casa. (A1) Quando meu pai fez cirurgia de varizes, lembro que fui ao hospital, ele já estava para dar alta. Ele estava com acesso venoso, eu tinha muito medo de ver sangue, não sei como escolhi essa profissão até hoje. Não tenho medo de sangue, meu maior medo é a agulha na veia, foi demais para mim, acabei desmaiando. (A6) Meu pai foi hospitalizado

quando eu estava no final do cursinho, precisou fazer cirurgia, eu ia toda a tarde ficar com ele, lembro muito da enfermagem que cuidava dele, aquilo me chamava muito a atenção, é diferente o que a enfermagem faz do que o que as outras profissões fazem. (A7)

Além da perspectiva familiar, consideram-se as vivências recentes no ambiente acadêmico, onde o ser-acadêmico-de-enfermagem relata situações de cuidado marcantes:

Fui levar uma paciente ao raio X e a paciente estava ruim. Tinha que fazer o raio X sentada, mas não tinha sustentação. O tubo de oxigênio caiu e o oxigênio virou, foi bem agonizante e eu fiquei preocupada e ao mesmo tempo tentei fazer o que sabia, arrumei o oxigênio. Eu queria confortar um pouco a paciente, e quando estávamos voltando do raio X, ela olhou para mim e falou: que dia lindo que está hoje. Foi uma experiência boa, mas ao mesmo tempo um pouco trágica. (A2) Quando fomos conhecer o lugar que vamos fazer estágio no hospital, olhei e vi que a maioria dos pacientes são idosos, e são homens, então eu disse: ‘não sei se eu quero enfermagem, porque como é que vou dar banho, vou lembrar do meu avô, como é que vou cuidar, e se o paciente morrer?’ (A3) Fui guarda-vida civil, trabalhei em várias praias, foi o meu primeiro contato com a saúde profissional, o cuidado profissional, exigiu muito do meu físico, foi difícil, um momento extremo, de pensar que não vou aguentar. (A5)

As expectativas pessoais e profissionais do ser-acadêmico-de-enfermagem

Considerando expectativa como o “aguardo de alguma coisa que pode ou vai acontecer ou se realizar” (MICHAELIS, 2008 p. 377), observa-se que, ao escolher a enfermagem como profissão, o ser-acadêmico se apropria de suas vivências e experiências, ou seja, sua historiografia faz com que o ser-com se desvele no porvir, percebido nos relatos:

Acho que sempre quis cuidar de todos os meus amigos e ajudar todo mundo, o que também é uma forma de cuidado, desde criança, quando alguém está doente eu ia junto ao médico. (A2) Todas essas experiências de cuidado me fizeram uma pessoa diferente. Acho que a enfermagem é uma profissão maravilhosa, acho que com a experiência das outras pessoas, a vida de cada um é que transforma a gente por dentro. (A7)

Ao vivenciarem situações de cuidado profissional, também revelam impressões sobre o cotidiano do enfermeiro, e a partir disso, refletem sobre as possibilidades de ser:

Sei que é difícil no dia-a-dia, depois de um tempo tenho a impressão de que os profissionais acabam perdendo um pouco a sensibilidade porque com o tempo já viram muita coisa. (A1) Eu vejo que os profissionais dessa área acabam perdendo a sensibilidade no cuidado. Tenho medo de perder isso, sou muito sensível, acho que não vou perder. (A6) Eu espero ser assim cuidadosa e não perder isso com o tempo. Sou carinhosa, não como a gente vê hoje em dia. Quanto mais você trabalha, quanto mais faz, acho que menos carinho vai tendo. (A3)

Ao perceber a profissão em seu mundo circundante, o ser-acadêmico-de-enfermagem se reconhece enquanto ser-no-mundo e ser-com, aproximando-se da propriedade, constituindo-se existencialmente nos modos de ocupação:

O que eu imaginava da enfermagem era uma coisa, e hoje é completamente diferente. Eu pensava que o profissional da enfermagem ia lá e fazia o que o médico mandava. Depois fui conhecendo e vendo que as pessoas realmente precisam da enfermagem. (A7)

Movimento de interpretação dos depoimentos

Esta reflexão fenomenológica não tem a intenção de mensurar ou

quantificar resultados, mas construir um contexto de análise que promova a interpretação da linguagem dos acadêmicos sobre a temática e seu desvelamento. A hermenêutica heideggeriana, em seu movimento, permite a aproximação com o fenômeno a partir das vivências e experiências do ser-acadêmico-de-enfermagem, o qual pode ser considerado na fenomenologia como ser-no-mundo, que tende a desvelar-se e velar-se continuamente (HEIDEGGER, 2008).

A análise hermenêutica aqui desenvolvida emerge de três momentos de desvelamento, onde o acadêmico primeiramente se aproxima da enfermagem como profissão em um movimento de pré-compreensão do fenômeno, em seguida, relata suas experiências com a enfermagem em um momento de compreensão, e enfim, descreve suas experiências diante de sua escolha considerando o desvelamento e a interpretação.

Percebe-se este transitar na escolha profissional como um movimento complexo pelo qual o ser-acadêmico-de-enfermagem passa, envolvendo questões pessoais e familiares, delineado pelas vivências e experiências sociais. As concepções sociais sobre a enfermagem trazem a pré-compreensão da profissão, “desde o processo de escolha da carreira estendendo-se à formação acadêmica e à vida profissional” (OJEDA et al., 2009, online). Fazer uma opção, é uma possibilidade difícil para o ser-acadêmico-de-enfermagem, na medida em que o delineamento de sua profissão vem carregado de significados. Em estudo realizado por Ojeda et al. (2009, online), fica evidente que tal escolha é também uma decisão para o futuro, que envolve “regimes de verdade, que determinam hierarquias entre as profissões da saúde”.

Ao se aproximar da enfermagem, o ser-acadêmico-de-enfermagem já revela seu desejo, o processo por si já é a manifestação da decisão exposta ao mundo, ou seja, a “decisão dificilmente poderia se confundir com um hábito vazio, em muitas situações não é tomado conhecimento de que a decisão representa para si uma situação. Ela se acha em uma situação” (HEIDEGGER, 2008, p. 382).

As vivências manifestadas desvelam a aproximação com a enfermagem por vínculos familiares, e o cuidado foi percebido por meio da observação da ocupação de outros profissionais no ambiente hospitalar.

Os depoimentos sobre a compreensão vaga e mediana com a enfermagem impressionam pela sua autenticidade. Quando referem que ao se aproximarem da profissão nem sempre vivenciaram situações confortáveis e amigáveis relacionadas ao cuidado, estão demonstrando convicção em sua escolha, e ao trazerem suas fragilidades pessoais e

seus temores, desvelam um comportamento próprio do ser, que imerso em suas possibilidades supera-se a cada momento. Para Perbone; Carvalho (2011, p. 344) “cuidar de pessoas, tanto sadias quanto enfermas, implica não apenas lidar com procedimentos e situações de vida e morte, mas também refletir sobre a sua própria experiência e sentimentos”.

É possível perceber diferentes possibilidades do ser-acadêmico em sua futura profissão, as quais perpassam pelo comportamento pessoal no ambiente de cuidado, as vivências, e as aspirações na busca pelo conhecimento, desvelando diferentes perspectivas e, ao observar o aspecto pessoal, considerando sua liberdade. Saviani;Duarte (2010) descreve o ser como capaz de intervir pessoalmente na condição de aceitar, rejeitar ou transformar, pois como um ser livre é capaz de tomar decisões e fazer suas escolhas.

As experiências dos acadêmicos fomentam expectativas diante da profissão, considerando que “a exposição do acadêmico a sentimentos de incapacidade e crises durante as atividades desenvolvidas ocorre desde os primeiros períodos de sua formação” (PERBONE; CARVALHO, 2011 p. 344).

Ao conjecturar sobre a sua profissão, o ser-acadêmico-de-enfermagem se descobre como ser-no-mundo e passa a perceber o outro, orientado pela própria presença, considerando o outro como aquele que, na maioria das vezes, não se consegue diferenciar, aquele onde também se está (HEIDEGGER, 2008).

Nesse contexto, o ser-acadêmico-de-enfermagem enquanto ser-no-mundo assume a cotidianidade e a presença fática, como uma aproximação impessoal de si mesmo. Heidegger afirma que “enquanto impessoalmente-si-mesma, cada presença se acha dispersa no impessoal, precisando ainda encontrar-se a si mesma”, ou seja, “que a presença esteja familiarizada consigo enquanto o impessoalmente-si-mesmo, isso também significa que o impessoal prelineia a primeira interpretação do mundo e do ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2008, p. 186-187).

Consideram-se aqui as ideias trazidas pelo ser-acadêmico-de-enfermagem como cotidianas, vinculadas a um fazer impulsionado pelo outro, e pela mundanidade, determinando a compreensão inautêntica, imprópria do ser, onde o deixar levar-se pelo outro e pelo mundo mantém o ser em uma condição de conforto, sem questionar-se ou encontrar-se a si mesmo. Conforme se observou em alguns momentos nas expressões sobre sua escolha profissional, de certa forma, o ser-acadêmico-de-enfermagem deixaram-se levar pelo senso comum, pela manifestação da linguagem expressa no mundo circundante, e sua

aproximação ocorreu em face de uma condição previamente dada sob influência social ou familiar.

A expressão do ser-acadêmico-de-enfermagem no processo de decisão se dá pela linguagem, aqui descrita pela fala, considerando que “toda fala sobre alguma coisa comunica através daquilo sobre que fala e sempre possui caráter de pronunciar-se”. Além do que a “fala é a articulação em significações da compreensibilidade inserida na disposição do ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2008, p. 225).

Ao desvelar cotidianamente o ser-acadêmico, tem-se por meio da impropriedade aspectos vinculados à ocupação, ao fazer e ao querer futuro diante da perspectiva profissional, nesse sentido, porém, a impropriedade não é considerada como um grau inferior de ser, mas, ao contrário, está relacionada aos aspectos cotidianos concretos, para Heidegger (2008, p. 86) presentes “em suas ocupações, estímulos e prazeres”.

A partir do desvelamento de si mesmo pela utilização da fala, o pensar do ser-acadêmico-de-enfermagem pode ser um pensar crítico sobre suas possibilidades, onde “pensar crítico significa sempre de novo diferenciar entre o que exige uma prova para sua justificação e o que, para a sua permanência, pede a simplicidade de um admirar e acolher” (HEIDEGGER, 2008, p. 82).

As ideias aqui descritas sobre a escolha profissional e a possibilidade de cuidado autêntico na enfermagem se aproximam das vivências do ser-acadêmico-de-enfermagem, que refletidas tornam-se experiências, assim Heidegger (2008, p. 83) considera que “a experiência cotidiana das coisas em sentido amplo nem é objetivante, nem é uma objetivação”.

As expressões sobre o cuidado ou sobre o contexto da enfermagem não podem ser objetos, são manifestações do pensamento e da compreensão do que efetivamente se manifestou em seu mundo no decorrer do tempo, e por isso também não podem ser consideradas como objetivante, no sentido em que não é possível subtrair seu significado de ações ou passagens mensuráveis.

O que está em jogo nesta análise é o caminho escolhido pelo ser-acadêmico-de-enfermagem em sua vida profissional e o solo de suas decisões, o que nos permite interpretar nesta situação que o caminho é temporalmente definido de forma não linear, onde vários elementos estão em jogo, em um determinado momento velando e em outro desvelando não somente sua trajetória profissional, mas sua perspectiva de vida diante das possibilidades de ser. Para Heidegger (2008, p. 42), “ser está naquilo que é como é, na realidade, no ser simplesmente dado,

no teor e recurso, no valor e validade, no existir, no dá-se”.

O cuidado e suas nuances fazem parte do contexto da enfermagem e para ser autêntico deve ser vivido pelo ser-cuidador e pelo ser-cuidado na mesma proporção e intensidade, de forma que o mais importante neste caminho seja o projetar-se, atirar-se de forma própria, refletindo, se angustiando, para além da vivência de ser-no-mundo, mas pessoalmente, em toda a singularidade de cada espaço temporal.

O cuidado autêntico é uma possibilidade para o ser-acadêmico-de-enfermagem, conforme descreve uma acadêmica de enfermagem, ao descobrir-se como ser-com desvelando de modo próprio o que está imerso no ente da enfermagem e dando sentido ao ser e fazer como algo maior, um bem compartilhado pela presença:

certa vez alguém me disse que admirava a enfermeira porque era ela quem precisamente estava cara a cara com seus semelhantes nas situações mais miseráveis e paupérrimas de sua existência. E é justamente isso o que me faz pensar se como profissionais não necessitaríamos inventar uma espécie de armadura para não cairmos diante de situações tão complexas e tristes. Será necessário forrar o corpo, o coração e a alma para oferecer o melhor cuidado sem que isso nos afete. Mas, de igual forma, esta armadura deverá ter certas características especiais: deverá ser fácil de pôr e de tirar, pois uma das coisas que mais temo ao pertencer a esta profissão é precisamente que me anestesie frente à dor do outro (BANDA, 2010, p. 120-21).

A autenticidade mencionada na obra *Ser e Tempo* de Heidegger se aproxima do que ele descreve como propriedade, apesar destes dois conceitos não terem o mesmo significado. Heidegger (2008) à partir da possibilidade de compreender o ser, está impregnado por conceitos e modos de o interpretar, dentre estes conceitos está a angústia, uma manifestação do ser autêntico, refere que "na presença, a angústia revela o ser para o poder-ser mais próprio, ou seja, o ser-livre para a liberdade de escolher e acolher a si mesmo" (HEIDEGGER, 2008, p. 254).

A escolha do ser, ou o ser-livre para a morte, revelam-se como possibilidades do ser autêntico em manifestar-se diante de seu destino, embebido em sua herança, o ser volta-se para o si mesmo próprio,

Heidegger (2008, p.476) manifesta-se dizendo que:

a decisão em que a presença volta para si mesma abre cada uma das possibilidades fatuais de existir propriamente a partir da herança que ela, enquanto lançada, assume. [...] quanto mais propriamente a presença se decide, ou seja, se compreende sem ambiguidades a partir de suas possibilidades mais própria e privilegiada no antecipar da morte, tanto mais precisa e não casual será a escolha da possibilidade de sua existência.

As possibilidades do ser autêntico estão vinculadas ao “acontecer originário da presença, que reside na decisão própria, onde ela, livre para a morte, se transmite a si mesma numa possibilidade herdada, mas, igualmente, escolhida”(HEIDEGGER, 2008, p.476).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abordou três perspectivas do acadêmico ao escolher a profissão. Em um primeiro momento, a aproximação com a enfermagem foi descrita de forma pessoal e social, pelas vivências espaço-temporais.

No segundo momento da análise fenomenológica, o ser-acadêmico revela sua aproximação com a enfermagem em vários contextos vinculados a situações familiares e pessoais. Ao interpretar as expressões descritas aqui por meio da fala, percebe-se que este ser transita enquanto ser-no-mundo de forma impessoal, inautêntica, e que as possibilidades de ser são manifestadas pelo desprendimento de suas ocupações na cotidianidade. É no terceiro momento, a interpretação do fenômeno da escolha profissional do ser-acadêmico se aproxima das expectativas por ele desveladas, trazendo para a reflexão suas percepções sobre si mesmo e sobre a enfermagem que conhece e as possibilidades de ser-profissional no futuro.

O ser-acadêmico-de-enfermagem caminha na direção da enfermagem como possibilidade para o cuidado autêntico. A trajetória desvelada neste espaço temporal nos ajuda a compreender o caminho percorrido por ele, o ser-aí, o qual permanece para este ainda velado, obscuro.

Refletir sobre aspectos vinculados à escolha profissional do ser-acadêmico-de-enfermagem nos proporciona uma abertura para novas possibilidades de ser e pensar sobre os futuros profissionais do cuidado,

tira-nos da zona de conforto, onde as perguntas não são mais feitas, por acreditar que o processo de ensino-aprendizagem pode dar conta de responder aos questionamentos, esquecendo-se de que o ser-acadêmico-de-enfermagem em suas possibilidades está aí, lançado no mundo.

REFERÊNCIAS

BANDA, K. L. C. Cinco minutos en la mente de una estudiante de enfermería. Universidad de Antioquia/Facultad de Enfermería. **Investigación y Educación en Enfermería**. Medellín, v. 28, n. 1, mar., 2010.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 196/96**. Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. Disponível em: <http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm>. Acesso em: 15 out. 2010.

CARRARO, T.E. et al. O papel da equipe de saúde no cuidado e conforto no trabalho de parto: opinião de puérperas. **Texto Contexto Enferm.**, v. 17, p. 502-509, 2008.

_____. Cuidado de saúde: uma aproximação teórico-filosófica com a fenomenologia. **Cultura de Los Cuidados**, v. XV, n. 29, p. 90-96, 2011.

CARVALHO, V. Por uma epistemologia do cuidado de enfermagem e a formação dos sujeitos do conhecimento na área da enfermagem - do ângulo de uma visão filosófica. **Esc Anna Nery**, v. 13, n. 2, p. 406-414, abr./jun. 2009.

CORRÊA, A. K. Fenomenologia: uma alternativa para pesquisa em enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 83-88, jan. 1997.

HEIDEGGER, M. **Marcas do caminho**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Ser e tempo**. Parte I e II. Tradução Márcia de Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2008.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **Estudos sobre o existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

MICHAELIS. **Dicionário prático de língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

MUNÓZ, L. A. e ERDMANN, A. L. La Fenomenologia em la producción de conocimientos em enfermería. **Investigación cualitativa em enfermería: contexto y bases conceptuales**, Organização Panamericana da Saúde, 2008.

OJEDA, B. S. et al. Acadêmicos de enfermagem, nutrição e fisioterapia: a escolha profissional. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 17, n. 3. maio/jun., 2009. Disponível em: <<http://www.eerp.usp.br/rlae>>. Acesso em: 25 set. 2009.

PERBONE, J. G.; CARVALHO, E. C. Sentimentos do estudante de enfermagem em seu primeiro contato com pacientes. **Rev. Bras. Enfermagem**, Brasília, v. 64, n. 2, p. 343-47, mar./abr. 2011.

RIVERA, M. S.; HERRERA, L. M. Fundamentos fenomenológicos para un cuidado comprensivo de enfermería. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. esp., p. 158-163, 2006.

SAFRANSKI, R. **Heidegger, um mestre da Alemanha entre o bem e o mal**. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SAVIANI, D.; DUARTE, N. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, set./dez., 2010.

SILVA, C. R. L. da; CARVALHO, V. de; FIGUEIREDO, N. M. A. de; Conceito e cuidado/conforto: objeto de trabalho e objeto de conhecimento de enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, v. 16, n. 2, p. 357-60, abr./jun., 2011.

STEIN, E. **A questão do método na filosofia**: um estudo do modelo heideggeriano. Livraria Duas Cidades, 1973.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lagarto não aparece simplesmente sobre a pedra aquecida no sol. Ele procura a pedra, costuma procurá-la. Apartado dela, ele não fica em qualquer lugar: ele a busca novamente – se chega a reencontrá-la, isto é indiferente. Ele se aquece ao sol. Assim o dizemos, apesar de ser duvidoso se ele se comporta aí como nós, quando deitamos sob o sol: se o sol é acessível para ele enquanto sol, se a rocha é experienciável para ele enquanto rocha. No entanto, sua ligação com o sol e com o calor é diferente da ligação da pedra simplesmente dada ao sol e aí aquecida. [...] O lagarto tampouco está apenas ao lado da rocha e entre outras coisas tais como o sol. Ele não está simplesmente dado como uma pedra que se encontra aí ao lado, mas possui, sim, a sua ligação própria com a rocha, com o sol e o resto. Há uma certa tentação para afirmar: o que encontramos aí como rocha e sol são para o lagarto justamente coisas de lagarto. Quando dizemos que o lagarto está sobre a rocha, precisamos riscar a palavra “rocha” para indicar que isto sobre o que ele se encontra lhe é dado em verdade de algum modo, mas, não obstante, não é conhecido por ele enquanto rocha. (HEIDEGGER, 2011, p. 254-55).

O término de uma pesquisa representa acima de tudo o fim de uma caminhada mútua entre o ser participante e o ser condutor do estudo. A pesquisa que originou esta tese transitou nos preceitos da Hermenêutica Heideggeriana, o que lhe confere um específico caminhar e um movimento singular no fenômeno estudado, levando em consideração o olhar e a experiência do próprio sujeito participante, aqui denominado “ser-acadêmico-de-enfermagem”.

A escolha pela temática evidenciou-se na minha experiência pessoal como enfermeira, neste processo dinâmico de aprender e ensinar o cuidado, que suscitou a curiosidade em descobrir como o ser-acadêmico transita neste processo de aprendizagem, que sofre influências em seu desenvolvimento. Esta curiosidade gerou o objetivo de desvelar a experiência do ser-acadêmico-de-enfermagem no processo

de ensino-aprendizagem do cuidado considerando seu tempo na disciplina de Fundamentos para o Cuidado Profissional de Enfermagem, na perspectiva de Heidegger.

Por compreender o método como o solo do estudo, onde tudo se desenvolve, a escolha tendeu para a pesquisa fenomenológica, para que seu delineamento tivesse, além de uma perspectiva qualitativa, um olhar vinculado na dinâmica do processo, e não somente nos resultados. Considero tal escolha apropriada por permitir o envolvimento entre o pesquisador e o estudo diretamente, refletindo, vivenciando o processo em seu desenrolar.

Em um estudo desta natureza, onde o movimento de velamento e desvelamento está sempre presente, questionamentos emergem a todo instante, e, ao serem descobertos, novos olhares para o fenômeno são percebidos. Neste ínterim, ao me lançar neste universo da fenomenologia, e, mais precisamente, na concepção de Martin Heidegger, lanço-me a um desafio instigante, primeiramente o de conhecer a própria obra de Heidegger, e depois em compreender o método fenomenológico hermenêutico, ambos complexos e fascinantes por sua singularidade.

Em um primeiro movimento de aproximação com o fenômeno, não é possível compreendê-lo, é preciso chegar mais perto, e, absolutamente, envolver-se. Aqui, percebi que era preciso colocar-me no estudo, e, neste processo de envolvimento pessoal, também me desvelando, reconhecendo minha percepção deste fenômeno e suas nuances. A caminhada em direção ao ser-acadêmico e ao cuidado trouxe também meu caminhar enquanto professora e cuidadora e o tempo em que tudo isso ocorreu.

A compreensão do que é ser-acadêmico na enfermagem e o que este ser concebe sobre o cuidado delimitou esta caminhada fenomenológica, que inicialmente necessitou de uma aproximação com a literatura sobre a temática, a qual trouxe elementos interessantes para a compreensão do fenômeno. A revisão integrativa foi escolhida para esta busca literária, e permitiu a compreensão de como o ser-acadêmico vivencia este processo de cuidado na graduação, que elementos ele considera importante nesta experiência espaço-temporal. Esses questionamentos suscitaram outros, e, enquanto eram desvelados, outros emergiam, até o término do estudo.

A revisão de literatura sobre o ser-acadêmico e o cuidado na enfermagem em uma visão fenomenológica demonstra o processo de aprender a cuidar como constituído por momentos de estudo, reflexão, práticas de enfermagem, mas, em outro aspecto, gerando no ser-

acadêmico dúvida, medo, angústia e sofrimento em alguns momentos. Esses sentimentos manifestados não são observados no processo de ensino, que busca a formação técnica como prioridade, se afastando das questões íntimas, vinculadas aos sentimentos do ser-acadêmico.

Esta busca na literatura permitiu reconhecer duas faces da aprendizagem, aquela voltada aos aspectos técnicos do aprender e ensinar o cuidado, ou seja, os procedimentos e ações desenvolvidas pelo ser-acadêmico no processo de formação, e os aspectos subjetivos que estão imbricados neste processo dinâmico e que se aproximam das questões pessoais deste ser; suas crenças, valores e sentimentos diante das situações vivenciadas no cotidiano. Esta situação encontrada na literatura gerou mais questionamentos e vontade em conhecer, compreender e interpretar o ser-acadêmico.

Para que fosse possível dar continuidade à hermenêutica heideggeriana, alguns elementos foram sendo incorporados no processo, e escolhas precisaram ser tomadas para que o fenômeno do ser-acadêmico e o cuidado pudesse ser desvelado. A obra complexa heideggeriana, que tem como preceitos o ser e o tempo, não nos permite utilizar todas as suas nuances neste estudo. Precisei então escolher alguns elementos que pudessem fundamentá-lo: a existencialidade, a temporalidade e o cuidado; para que o caminho fosse iluminado e o desvelamento acontecesse. Esses elementos foram aos poucos evidenciados em cada fala, em cada lembrança do ser-acadêmico no processo de entrevista fenomenológica.

Este primeiro avanço no sentido de compreender e interpretar o fenômeno tornou o caminho mais claro e as poucas certezas acerca do que seria cuidado e cuidar para o ser-acadêmico-de-enfermagem e quem é este ser ao qual esta tese se vincula foram sendo substituídas por surpreendentes revelações, novas possibilidades e descobertas, que ultrapassaram o objetivo inicial, ampliando o olhar que tinha deste fenômeno.

O ser-acadêmico-de-enfermagem, ao ser questionado sobre suas lembranças de cuidado, retomou situações íntimas, valores familiares, desvendando suas relações com amigos, primos, tios, avós, escola, ambientes de trabalho, ambientes de estudo durante sua vida, e, além disso, como resolveu seus conflitos, seus medos, angústias, dúvidas e o que pensa sobre o seu futuro pessoal e profissional.

Essas informações registradas em uma perspectiva espaço-temporal desvelam quem é este ser e como suas relações e convivência influenciaram e continuam influenciando sua vida. A historiografia e a historicidade descritas por Heidegger estão aqui contempladas nestes

relatos, por meio de suas manifestações no ser em sua trajetória de vida, ora tomando o direcionamento histórico cronológico, onde descrevem em cada momento de sua experiência um fato e um momento importantes, ora refletindo e significando sua vivência por meio da retomada, permitindo-se questionar e ressignificar momentos temporais.

A temporalidade se expressa em sua essência no ser-acadêmico-de-enfermagem ao descrever-se no mundo, como ser-no-mundo, evidencia a presença neste transitar existencial. Quando retoma suas experiências, permite-se, ousa, transcende sua expectativa, tirando da simplicidade de seus momentos vivenciais uma razão para projetar-se, para ser-aí.

A existencialidade manifestada pelo ser-acadêmico-de-enfermagem emerge no mundo e na mundanidade, quando se reconhece e projeta-se enquanto ser de possibilidades. Este projetar-se é evidenciado em seus modos de ser, suas escolhas, suas manifestações e no transitar temporal em que está imerso. O estar lançado é descrito pelo ser-acadêmico como o desenrolar de sua vida, manifestado em seu cotidiano e definido pelas suas escolhas.

Quando escolhe a enfermagem como profissão, projeta-se no vir-a-ser e define seu movimento existencial como ser-no-mundo. O ser-aí lançado busca em sua compreensão vaga e mediana identificar-se com tudo o que o cerca e faz parte de sua vida, as experiências de cuidado, sejam elas pessoais ou profissionais, vinculadas a momentos familiares ou em outros ambientes, como hospitais ou escola.

Surge aqui um momento importante no desvelamento deste ser-acadêmico-de-enfermagem, ao mencionar os motivos que o levaram a escolher a enfermagem como profissão, emergem dúvida, insegurança, pouca reflexão ou questionamento sobre o que esta escolha representa para a futura profissão. Os depoimentos trazem à tona a escolha tomada em um momento frágil em sua vida, ou por não terem alcançado outros objetivos pessoais, ou ainda por não terem conseguido sucesso em outro vestibular.

O vínculo com a enfermagem pressupõe também um vínculo com o cuidado, a atenção dispensada ao outro, a aproximação com a saúde e a doença, a dor e o sofrimento. Ao se aproximar da enfermagem, o ser-acadêmico se aproxima também de outro ser, que precisa de cuidado, e para isso, precisa estar preparado no término de sua formação. Porém, a formação é um processo complexo e abrangente que acomoda uma série de elementos necessários para que o ser-acadêmico-de-enfermagem seja um cuidador.

O cuidado é aqui evidenciado como a pré-ocupação com o outro,

uma vontade de fazer algo para que o outro fique bem. Para o ser-acadêmico-de-enfermagem, cuidar é envolver-se no processo de cuidado, é estar presente, junto do ser-cuidado, doar-se carinhosamente. Sua perspectiva sobre esta temática que envolve o seu fazer cotidiano na enfermagem é clara e definida, sabe que vai cuidar e busca estar preparado para este momento. Menciona ainda que suas experiências e vivências ao longo de sua vida podem interferir em sua concepção de cuidado. Compreende o cuidado como algo que abrange outros elementos além do desenvolvimento de técnicas e procedimentos, mas essencialmente como um envolver-se subjetivamente consigo e com o outro, reconhecendo-se neste processo de ocupação.

A percepção da finitude é uma realidade para o ser-acadêmico, seja em suas experiências familiares desde a infância, ao vivenciar a morte de um avô, tio, primo, ou amigo, seja ao entrar em contato com a doença de um ente querido e sentir que a morte é uma possibilidade.

A temporalidade é vivida aqui em sua plenitude, mesmo sem perceber, o ser-acadêmico registra, descreve e reflete sobre fatos, situações e momentos espaço-temporais, cronologicamente, a partir de seu nascimento até os dias atuais, como que imerso em um ciclo vital sem volta. Ao se referir à morte de alguém, percebi sofrimento e dor misturado com impotência diante do incontestável. As experiências profissionais que são descritas também demonstram preocupação com a morte do ser-cuidado, envolvendo o ser-acadêmico em um cuidado amoroso, no qual tudo o que pode dispor de conhecimentos utiliza para cuidar.

Suscitam aqui alguns questionamentos sobre quem é este ser-acadêmico-de-enfermagem, que elementos estão envolvidos no processo de sua formação e se este pode prepará-lo de forma satisfatória para o cuidado. Essas indagações fomentam outros olhares e estudos sobre este fenômeno.

Ser-acadêmico-de-enfermagem denota responsabilidade e traz a carga de ser responsável por uma vida, a vida do outro. Este cenário traduz o contexto do ser-acadêmico desde sua escolha profissional e o acompanhará até o último dia em seu trabalho como enfermeiro.

Desvelo este ser-acadêmico-de-enfermagem como alguém vinculado a uma profissão de cuidado, que, para existir, necessita de envolvimento, conhecimento, dedicação. A escolha pelo cuidado tem vínculo com sua trajetória de vida, sua historicidade, influenciada pelas suas relações, primeiramente familiares, e depois com a própria enfermagem. Mas antes de acadêmico, o ser já existe e está lançado.

No cotidiano acadêmico, pouco se faz pelo ser que o acadêmico

já é. A preocupação no processo de formação é com as habilidades e competências técnicas do acadêmico, o que é fundamental para que este possa exercer sua profissão no futuro, mas o essencial, de certa forma, é que possamos compreender este ser em sua constituição pessoal que envolve sua vida, sua família, suas experiências. Esta dimensão verdadeiramente constitui o ser-acadêmico, o ser-aí.

Creio que este é o passo que esta tese consegue dar teoricamente, ao descortinar o ser do acadêmico, o qual na enfermagem passa a ente, pois transita no mundo da ocupação, ocupa-se desta profissão.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AYRES, J.R. Uma Concepção Hermenêutica de Saúde. **PHYSIS: Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 43-62, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a04.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

BICUDO, M.A.V. **Tempo, tempo vivido e história**. Bauru: EDUSC, 2003.

BOSQUETTI, L.S.; BRAGA, E.M. Reações comunicativas dos acadêmicos de enfermagem frente ao primeiro estágio curricular. **Revista Escola de Enfermagem - USP**, v. 42, n. 4, p. 690-696, 2008. Disponível em: <<http://www.ee.usp.br/reeusp/>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 196/96**. Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. Disponível em: <http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm>. Acesso em: 15 out. 2010.

CARRARO, T.E. et al. Socialização como processo dinâmico de aprendizagem na enfermagem: Uma proposta na metodologia ativa. **Investigación y Educación en Enfermería**, v. 29, n. 2, 2011.

_____. Cuidado de saúde: uma aproximação teórico-filosófica com a fenomenologia. **Cultura de Los Cuidados**. v. XV, n. 29, p. 90-96, 2011.

CARVALHO, V. Cuidando, pesquisando e ensinando: acerca de

significados e implicações da prática da enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enferm.**, v. 12, n. 5, p. 806-815, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n5/v12n5a15.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

CARVALHO, V. Por uma epistemologia do cuidado de enfermagem. **Esc. Anna Nery**. v. 13, n. 2, p. 406-414, abr./jun., 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n2/v13n2a24.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

CASANOVA, M. A. **Compreender Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2009.

CERVENY, C. M. de O. **A família como modelo: desconstruindo a patologia**. Campinas: Livro Pleno, 2000.

CHAUÍ, M. **Um convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.

COOFFEY, A.; ATKINSON, P. **Encontrar sentido a los datos cualitativos**. Medellín: Universidad de Antioquia, 2003.

CORREA, A. K. Fenomenologia: uma alternativa para pesquisa em enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enferm.**, v. 5, n. 1, p. 83-88, 1997.

COSTA, V. E. S. M.; MEDEIROS, M. O tempo vivido na perspectiva fenomenológica de Eugène Minkowski. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 2, p. 375-383, abr./jun., 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n2/v14n2a18.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

FERREIRA, E. C. A Fenomenologia Husserliana e a Ruptura com a Tese da Atitude Natural. **Tempo da Ciência**, v. 11, n. 22, p. 69-83, 2004. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/.../1546/1262>>.

Acesso: 10 nov. 2011.

GANONG, L.H. Integrative reviews of nursing research. **Rev Nurs Health**, v. 10, n. 1, p. 1-11, 1987.

GOMES, A. et al. Fenomenologia, Humanização e Promoção da Saúde: uma proposta de articulação. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p.143-152, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v17n1/13.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

GONDAR, J. Winnicott, Bergson, Lacan: tempo e psicanálise. **Ágora**, v. 9, n. 1, p. 103-117, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v9n1/a08v9n1.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2011.

GRAÇAS, E. M.; SANTOS, G. F. Metodologia do Cuidar em Enfermagem na Abordagem Fenomenológica. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 200-7, 2009.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Carta sobre o Humanismo**. São Paulo: Centauro, 2005.

_____. **Marcas do Caminho**. Petrópolis: Vozes, 2008/2.

_____. **Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

KAHLMAYER-MERTENS, R. S. **Heidegger & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

KLEIMAN, S. On The Way to Learning. **MEDSURG Nursing**, v. 18, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19331298>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

MALVÁREZ, S. Reflexiones sobre la Investigación en Enfermería: Contexto y Perspectivas. In: PRADO, M. L.; SOUZA, M. L.; CARRARO, T. E. (Org.). **Investigación cualitativa en enfermería: contexto y bases conceptuales**. Washington: OPAS, 2008. p. 17-37.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **Estudos sobre o existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

MITRE, S. M. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, n. 2, p. 2133-2144, 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/redalyc/pdf/630/63009618.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

MUÑOZ, L. A.; ERDMANN, A. L. La Fenomenología en la producción de conocimientos en enfermería. In: PRADO, M. L.; SOUZA, M. L.; CARRARO, T. E. (Org.). **Investigación cualitativa en enfermería: contexto y bases conceptuales**. Washington: OPAS, 2008.

OLIVEIRA, M. F. V. **Modos de ser de mulheres puérperas de Belém (PA): uma hermenêutica heideggeriana do cuidado**. Originalmente apresentada como Tese de Doutorado em Enfermagem. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

OLIVEIRA, M. F. V.; CARRARO, T. E. Cuidado em Heidegger: uma possibilidade ontológica para a enfermagem. **Rev Bras Enferm.**, Brasília, v. 64, n. 2, p. 376-380, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=267019461025>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

PRADO, M. L. et al. El diseño en la investigación cualitativa. In: PRADO, M. L.; SOUZA, M. L.; CARRARO, T. E. (Org.). **Investigación cualitativa en enfermería: contexto y bases conceptuales**. Washington: OPAS, 2008.

REDE UNIDA. **A construção de modelos inovadores de ensino-aprendizagem**: as lições aprendidas pela Rede UNIDA. Disponível em: <http://www.redeunida.org.br/producao/div_lico.es.asp>. Acesso em: 29 jan. 2012.

REIBNITZ, K. S.; PRADO, M. D. **Inovação e educação em enfermagem**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

RIVERA, M. S.; HERRERA, L. M. Fundamentos fenomenológicos para um cuidado compreensivo de enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. esp., p. 158-163, 2006.

SAFRANSKI, R. **Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal**. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SALES, C. A. O Ser-no-mundo e o Cuidado Humano: Concepções Heideggerianas. **Rev. enferm. UERJ**, v. 16, n. 4, p. 563-568, 2008. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v16n4/v16n4a18.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2012.

SCHERER, Z. A. P.; SCHERER, E. A.; CARVALHO, A. M. P. Reflexões sobre o ensino da enfermagem e os primeiros contatos do aluno com a profissão. **Rev. Latino-Am. Enferm.**, v. 14, n. 2, p. 285-91, 2006. Disponível em: <<http://www.eerp.usp.br/rlae>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

SCHLEIERMACHER, F.D.E. **Hermenêutica**: arte e técnica da interpretação. Petrópolis: Vozes, 2009.

SEBOLD, L.F. **O sentido de ser-enfermeiro-professor-que-vivencia-o-desafio-de-ensinar-o-cuidado**: uma contribuição de e para a enfermagem. 2011. 155 p. Tese (Doutorado em Enfermagem). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SEBOLD, L.F., CARRARO, T.E. La práctica pedagógica del docente en enfermería: una revisión integradora de la literatura.[on line].

Enfermería Global, p.1-12, 2011. Disponível em: <http://www.um.es/eglobal/> . Acesso: 5 Set.2011.

SERRA, M. N. Aprender a ser enfermeiro. Identidade profissional em estudantes de enfermagem. **Sísifo - Revista de Ciências da Educação**, n. 5, jan./abril, 2008. Disponível em: <<http://www.sisifo.fpce.ul.pt/pdfs/sisifo5completo.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

SOUZA, M.T., SILVA, M.D., CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, p. 102-106, 2010.

STEIN, E. **A questão do método na filosofia: um estudo do modelo heideggeriano**. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

_____. **Aproximações sobre hermenêutica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. **Racionalidade e Existência – O Ambiente Hermenêutico e as Ciências Humanas**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
CEP.: 88040-970 - FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA
Tel. (048) 3721.9480 - 3721.9399 Fax (048) 3721 9787 - e-mail: nr@nr.usfc.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Projeto de Pesquisa Intitulado: O Ser-Aluno na Enfermagem: a Experiência do Cuidado e a Temporalidade em Heidegger será desenvolvido pela pesquisadora Silvana Silveira Kempfer (RG 6.577.300 SSP/SC-CPF 665874330-49), sob orientação da Dra. Telma Elisa Carraro. Trata-se de pesquisa desenvolvida no Doutorado em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina e foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC (parecer nº 1086/10).

O projeto de pesquisa tem como objetivo geral: Desvelar a experiência no processo de ensino-aprendizagem do cuidado considerando seu tempo na disciplina de Fundamentos para o Cuidado Profissional, na perspectiva de Heidegger.

Este estudo será realizado em encontros presenciais que você como acadêmico do curso de enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina está sendo convidado a participar a responder ao seguinte questionamento: Que experiências de cuidado você tem lembrança desde a infância até hoje? Que serão realizadas nas dependências do centro de ciências da saúde. Os registros dos dados colhidos serão feitos através de gravações, caso haja seu consentimento.

Sua colaboração é fundamental para a realização desta pesquisa. A pesquisa não oferece qualquer risco a seres humanos. Possui natureza educacional, no entanto, não se trata de estudo experimental que venha a colocar em prática qualquer nova intervenção ou procedimento pedagógico. A pesquisa se orientará e obedecerá aos cuidados éticos

colocados pela Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, considerado o respeito aos sujeitos e a Instituição participante de todo processo investigativo.

Sua participação não envolve riscos físicos, entretanto você poderá se recusar a participar ou deixar de responder aos questionamentos feitos e que por qualquer motivo não lhe seja conveniente. Isto não lhe acarretará nenhum prejuízo pessoal. Além disso, terá a garantia de que os dados fornecidos serão confidenciais e os nomes dos participantes não serão identificados em nenhum momento, as imagens individuais e institucionais serão protegidas, assim como, serão respeitados os valores individuais ou institucionais manifestos.

Os resultados da pesquisa trarão benefícios indiretos às instituições pesquisadas, no sentido de oferecer subsídios para os estudos sobre o ser-acadêmico-enfermeiro. Destas reflexões e constatações acredita-se que devem nascer propostas concretas relacionadas aos modos de ser do acadêmico de enfermagem, visando desta forma uma maior visibilidade deste profissional mediante a sociedade.

Se tiver alguma dúvida em relação ao estudo antes ou durante o seu desenvolvimento, ou desistir de fazer parte dele, poderá entrar em contato comigo pessoalmente (formas de contato abaixo informadas). Os registros, anotações e documentos coletados ficarão sob a guarda da pesquisadora principal, em seu domicílio. Só terão acesso os pesquisadores envolvidos. Os dados serão utilizados em publicações científicas derivadas do estudo ou divulgação em eventos científicos.

Gostaria de contar com a sua participação na pesquisa. No caso de aceitar tal convite, peço que preencha o campo abaixo:

Em caso de necessidade contate com Silvana Silveira Kempfer: endereço Rua Jaú Guedes da Fonseca, 292 ap. 101 B. Coqueiros – Florianópolis – SC. Fone: (48) 3364 00 73 ou (48) 9947 27 00 . Email: silvanakempfer@yahoo.com.br.

ANEXOS

ANEXO A – Aprovação do Comitê de Ética da Instituição de Ensino

Certificado

<http://www.reitoria.ufsc.br/~hpcep/projeto>


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão
 Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

CERTIFICADO Nº 1086

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, instituído pela PORTARIA N.º 1058-GP-99 de 04 de novembro de 1999, com base nas normas para a constituição e funcionamento do CEPSH, considerando o conteúdo do Regulamento Interno do CEPSH, CERTIFICA que os procedimentos que envolvem seres humanos no projeto de pesquisa abaixo especificado estão de acordo com os princípios éticos estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

APROVADO

PROCESSO: 1086 PR: 382162

TÍTULO: O SER-ALUNO NA ENFERMAGEM: A EXPERIÊNCIA DO CUIDADO E A TEMPORALIDADE EM HEIDEGGER

AUTOR: Tainá Elisa Carraro, Sílvia Silveira Kempfer

FLORIANÓPOLIS, 29 de Novembro de 2010


 Coordenador do CEPSH/UFSC

Prof. Washington Pinheiro de Souza
 Coordenador do CEPSH/UFSC